

R E S P O S T A ⁴

AS REFLEXOENS,

Que o R. P. M. Fr. Arsenio da Piedade Capu-
cho fez ao Livro intitulado :

Verdadeiro metodo de estudar.

Escrita por outro Religioso da dita Provincia para de-
zagravo da mesma Religiam, e da Nasam.



V A L E N S A

NA OFICINA DE ANTONIO BALLE.

ANO MDCCLVIII.

COM TODAS AS LICENSAS NECESARIAS, etc.

R E S P O S T A

A S I M P L I C I T A T E S

Q U O D R . M . T . A . N . T . O . D . E . S . I . G . N . O . C . A . P . I . T . U . L . O .

C O N T I N E T

A S I M P L I C I T A T E S

E T I T E M P O R T A N T I S S I M I S S I G N I S

A S I M P L I C I T A T E S

A S I M P L I C I T A T E S



V A L T I N S A

I N A G R A T I A D E A N T O N I O B A L L I

A N N O M D C C L X I I I

C O M T O R I S A S I M P L I C I T A T E S





RESPOSTA

AS REFLEXOENS

Que o R. P. M. Fr. ARSENIO da PIEDADE
Capucho fez ao Livro intitulado :

Verdadeiro metodo de estudar.

M. R. P. Frey ARSENIO, irman, e discipulo muito amado em Jezu-Cristo. Escrevo esta carta por zelo da gloria da nosa Religiam, e da Nasam, que vejo injuriadas com esta Apologia, que teñdes publicado contra o *Novo Metodo*. Estam pasmados os nosos Religiozos, que sendo vós um Religiozo tam moderado, e prudente, caiseis nesta simplicidade, e imprudencia: nam lhe chamo malevolencia, porque sei, que pecastes por ignorancia. Mas sabeí, que aquilo que escrevestes com zelo imprudente, na boca de outro seria a maior malevolencia do mundo. Os dias pasados estando nos na cela do P.*** com os PP.*** se examinou atentamente esta vosa Apologia, e me pediram, que por credito da Serafica, e da verdade vos disse o que julgam os omens doutos, e vos despertase dese Letargo, em que repouzais.

Quem vos meteo, Fr. Arsenio, a falar em materias, que nam entendeis? em materias, que cadauma delas podia ocupar um grande omem toda a sua vida? materias, que pediam outra capacidade, outra doutrina, outro criterio, outra eloquencia, e elegancia, que vós nam tendes? Sim, Fr. Arsenio, capacitai vos de que nos tendes envergonhado, que toda a nosa Religiam está escandalizada, e ainda toda a Nasam picada deste voso arrojio. Faltava ca gente, que escrevesse nesta materia? nam havia aqui tantos Religiozos capazes de dizerem o sco parecer? nam ouvistes vos dizer, que um omem douto secular estava respondendo a parte desta obra? E que

doutrina tendes vós para sair a campo contra um omem de semilhante crudifam? e que dirá o Autor, se lhe chegar à noticia, que respondei-tes desta maneira? Será possível que tenhais o atrevimento de dizer, que estudastes todas as materias, que o Critico trata? ou a vaidade de afirmar, que as sabeis, nam digo eu com fundamento, mas ao menos superficialmente? E se nunca as estudastes, nem sonhastes estudalas, com que cara vos atreveis a falar nelas? com que confiança abriz boca em materias, que nunca vistes? que omem prudente poderá aprovar esta loucura.

Mas eu vos quero dar de barato que diseis verdade: quem vos manda apartar bulhas, que vos nam pertencem; e apartalas desorte, que ficais pior doque os duelantes? Alem disto, onde aprendestes este modo de criticar? Vós chamais-lhe satirico, e a cada palo lhe fazeis uma satira. Toda a vosa critica é uma invetiva continuada, e a mais injurioza, que eu ainda vi. Mil vezes lhe chamais ignorante, presumido, tolo, atrevido, e coizas semilhanes, que estavam millhor na boca de um Lacaio, que de um Religiozo. Se o omem é satirico, para que o deizen-quietais? Nam sabeis vós, que estes negregados estrangeiros, quando se vem provocados, são terribes? E se o Barbadinho, vendo que todo o trabalho, que tem feito em obsequio dos Portuguezes, nam so é malogrado, mas satirizado; e que em vez de galardam, nam acha senam vituperios; fizer algum dezatino; tendes vós forlas bastantes para o reprimir? se o omem escrever contra vós pessualmente, e vos descobrir a toda a Europa; achais-vos com poder bastante para lhe tapar a boca a elle, e aos seus amigos, e fautores? creio que nam: pois devíeis ter previsto isto muito antes.

Eu ouvi dizer, que este *Metodo* ja se achava traduzido em Italiano, e que brevemente se traduzia em Francez: e que achara grande aceitafam nos omens doutos daquellas Naçoens, e nas suas Univerfidades, porque abrafavam os mesmos principios, e opinioens: E quereis vós agora que os Barbadinhos traduzam as vofas Reflexoens nas ditas Linguas, ou na Latina; e as distribuam pelos Jornalistas da Europa, e vos fofam ridiculo, e a todos os vofos sequazes em todo o mundo literario? Pois isto facilmente vos pode succeder. Ca achareis algum protetor, mas fora daqui todos vos farão justifa: e a vosa insuficiencia, que ate aqui estava oculta nos claustros da nosa Religiam, se fará patente a toda a Europa com discredito da nosa Religiam, e da Nasam.

Quando eu estava em Italia, onde me demorei algum tempo, quando fui comprir o meu voto a Jerusaleem, succedeo um cazo semilhante. O P. Cordara Jezuita compoz em Florensa varias satiras Latinas anonimas com estilo tam culto, que parecia do seculo de Augusto. Mas satirizando nelas com mais liberdade alguns omens doutos; estes saíram com a famosa satira *Menippea*, e lhe fizeram tais comentarios, que puzeram à vista todos os poderes das Provincias da Companhia em Italia. E a tempestade creio

de sorte; que foi necessario, que o P. Geral prohibisse ambas as satiras de *Cordara*, e *Menippea*. E me disse um douto Jezuíta meo amigo, que como em todas as Religioens, por altissima promissam de Deos, avia bom, e mau, nam deixou com esta satira de padecer muito o credito da Companhia. E se uma Religiam tam esclarecida como esta padeceo algum eclipse com a dita satira; que será se o Critico toma a pena, e comesta a referir todos os podres meus, vossos, e de toda a nosa Religiam? que creio o pode fazer Limpamente, porque se mostra bem informado.

Lembre-me a este intento, que o P. Jeronimo de Castilho, que morreu em S. Roque no anno 1739. e tinha estudado Teologia em Italia, sendo acuzado perante o seo Geral, de ter em um sermão de S. Quiteria feito uma tremenda satira contra um Superior da Companhia; o P. Castilho para se defender traduzio o sermão em Latim, Francez, e Italiano, e juntamente com o original os mandou a Roma. O P. Geral, que entam era o discretissimo Miguel Angelo Tamburini, examinando o sermão, e descuberta a malignidade dos invejosos, depois de os reprehender vivamente, acrescentou estas palavras: *Utinam omnes sic predicassent!* O caso é publico entre os Jezuitas.

Tenhamos na memoria o dano, que cauizou à onra da Nasam o livro, que imprimio em Inglaterra o Marechal de Schomberg: quando descontente do pouco premio, que tiveram os seus servios em Portugal, se foi para Inglaterra, acabadas as guerras da Aclamam: pois por cauza do tal livro as ultimas historias impressas nos Reinos Estrangeiros atribuem ao tal Schomberg o restabelecimento da Coroa Portugueza: *Actum de Lusitanis videbatur, nisi ipsis Schombergius contigisset, qui fortitudine, & prudentia sua rem restituit.* (1) Passando eu por Genova encontrei um Cavaleiro Flamengo de Gante omem doutissimo, o qual desfazendo na Nasam Portugueza disse, que despoes do reinado de D. Joam III. nam tinhamos feito nada de bom, nem tido omens, que prestassem para nada. Respondi eu, que nam era assim; pois nas guerras da Aclamam tinha avido grandes Generais, e entre eles D. Joam da Silva, que foi pedido por Luiz XIV. para general da sua Cavalaria. A isto deo o Flamengo uma grande rizada: *Como; disse, se o Marechal de Schomberg, quando chegou a Portugal, perdendo aos vossos Generais as plantas militares dos confins do Reino, nem menos estes entenderam o que pedia? Como podem saber os Portuguezes a arte militar, se ignoram os primeiros principios dela, como evidentemente prova o mesmo Schomberg no livro que imprimio das campanhas de Portugal?*

Foi ingrato certamente Schomberg às finezas, que os nosos lhe fizeram. Mas algumas particulares injurias o escandalizaram de sorte, que publicou em outras partes os podres da Nasam. E assim nam é prudencia responder com mordacidade a animos irritados: porque vendo-se ofendidos

da malevolencia, e inveja de quatro particulares malignos, podem dar em algum extremo, que produza muito maosefeitos. E por isto vos digo, que era muito mais acertado, nam vos meter em um doelo, onde nam creis chamado, e de que nam podeis sair bem, e que pode ter para vós funestas consequencias. Nam julgueis que vos digo isto por mal: mas cortame o corasãm ouvir o que dizem os imparciaes destas vossas Reflexoens: e que tendo vos tam bom conceito de moderado, e entendido, o perdais, sendo oje a fabula da Nasam. Vos nam aprendestes ainda o modo de fazer boa figura quem tem pouca erudisãm. Devieis nas conversasomens estar calado, e com sezeudeza magistral: abanar de quando em quando a cabelã: um rizozinho seco nas ocazioens: nunca sair do prologo dos livros: e elogiãr muito aqueles, que vos podem exaltar. Mas pegar na pena, de nenhum modo: porque a pena mostra quanto vale o omem.

Emfim a pedrada estã atirada. O que daqui se seguirã nam sei eu. No em tanto para vos mostrar a vosa semrazam, farei algumas Reflexoens sobre as vossas Apologeticas: e repetirei algumas couzas mais necessarias, que se disseram na dita conversasãm. O que tudo deveis aceitar como conselho de quem foi vosõ Mestre, e como sinceridade de um bom amigo, e confrade.

R E F L E X A M I.

Da qualidade do Autor.

ENtrais vòs com grande curiozidade a examinar se o Author é *Barbadinho*, Que importa isto para o merecimento da obra? seja Turco, ou Persiano, respondei vòs aos argumentos, que tudo o mais é perder tempo, e enganar o mundo, dizendo que dezagravais a Nasam. Pareceisime com o P. San Felice Jezuita Napolitano, que ainda vive, o qual querendo confutar a Istoria do famoso *Pedro Gianone*, plantou estas duas propozisoens, 1. *Gianone é espurio*: 2. *Gianone é concubinario*: e dilatouse muito em provalas. E ainda agora os Literatos Italianos se estam rindo da puerilidade do Autor, e o livro teve tal gasto, que foi necessario mandalo às tendas para embrulhar adubos.

Mas o que tem mais grafa é a primeira prova, que dais: *As cartas contem noticias modernas; e atã nam a memoria de doutor Barbadinho Italiano; logo nam é barbadinho*. O Barbadinho pode replicar: Nas vossas Reflexoens contem-se noticias de Franã, de Roma &c. La nam a memoria de Fr. Arsenio: Logo nam a Fr. Arsenio no mundo. E notai de caminho que é falso que o Barbadinho diga que foi Doutor, ou que esteve em Coimbra: e assim o que dizeis, nam sò é ridiculo, mas caluniozo.

Dizeis que é *mascarado*, e quereis tirarlhe a mascara, Irmã Arsenio,

nio, isto é contra a caridade: se vós supeitais, ou com razão, ou sem ela, como eu entendo, que o autor se cobrio, onde vos ensinam os mandamentos, que se pode descobrir sem injuria? se vós tivêeis tratado mais Religiozos, e lido mais Livros Estrangeiros, verieis que em Italia os mesmos Capuchinhos criticam com Largueza. Desorte que eu nam vejo ali couza alguma indigna de um Barbadiinho, muito mais considerando que sam cartas familiares.

Chamais fatira à dedicatoria. Ah tal cegueira! A dedicatoria é uma dos maiores, e mais bem feitos elogios, que eu tenho lido. Vós ascenstastes que era ironia, sem mais fundamento, que parecervos, que o omen se retratava. Aquilo é uma figura de Retorica muito praticada nos elogios. Alem disto a dedicatoria é de um, e as cartas de outro. Os Religiozos Jezuitas nam se queixam, e com que razão vos queixais vós, e dizeis improperios ao Autor? Se o Autor se explica na primeira carta, e em toda a parte fala dos Jezuitas com respeito, porque nam vos serviz da explicam do Critico?

Em toda a obra se louvam os Jezuitas: reprovase somente o seu metodo. Isto nam é chamarlhe nomes injuriosos: de outra sorte todo o mundo Literario seria satirico. Temos por ventura alguma propozisam condemnada de Jansenio, para nam dizer mal do metodo de uma Provincia da Companhia? Iso dizem em Roma todos, e com tal Largueza, que nam se consentiria aqui em Portugal. Dominicanos modernos, Padres das Escolas Pias; Padres Somascos, de S. Francisco de Paola, Benedictinos, Celestinos, e os nosos Observantes ouvi eu em Roma nas suas orasoens *de sapientia*, dizerem raios dos estudos da Companhia, e conservo ainda algumas impressas, que se for necelario, publicarei: e contudo ninguém lhes chamou satiricos.

Quando o P. Concina Dominicano, que assiste em Roma, escreveu contra os Moralistas da Companhia, nomeando muitissimos, e mostrando os danos, que naceem do seu Probabilismo; ou quando averá trez anos o mesmo P. consultou o livro do P. Benzi Jesuita, que defendia, *que se podiam tocar os peitos das mulheres sem peccado, seposito periculo*: que rezultou daqui? foi castigado como satirico pelo Papa? nam senhor: antes foi muito louvado, e o livro do P. Benzi proibido tambem com rigorosas penas, que nenhum se atrevese a defender em escrito o livro de P. Benzi; e um, que o quiz defender, foi castigado.

Alem disto, esa mesma liberdade tomam os PP. da Companhia. O P. *Contzen*, que o Critico cita, diz raios contra os Advogados, e Jurisperitos &c. O P. *Marianna* Jesuita Espanhol diz coizas terriveis dos Espanhoes do seu tempo. O P. *Alberto de Albertis* reprova todos os Retoricos, e quer reformar todo o mundo Retorico: e muitos outros Jezuitas, que podia citar. A isto chamais vós Critica; e ao que o Barbadiinho diz, fatira? verdadeiramente entendeis bem o ponto.

Daqui faie a resposta ao que o Barbadinho diz de Escoto, Soares, &c. Irmam Arsenio, uma coiza é *satira*, e outra *critica*. A satira vai dirigida aos costumes, e ridiculiza os omens respectivamente aos seus vicios do corpo, e do animo. Assim o entendem todos os que sabem que coiza é satira: e especialmente os Jezuitas, que sabem mais que vós. *Satyra est poema jocosum, liberum, aculeatum, ad reprehendendos, corrigendosque mores corruptos*: assim a definiu com os bons poetas o P. Jouvency Jezuita: e acrescenta, que *debet exagitare inertes, parasitos, deformes, loquaces, ingratos, ambiciosos, prodigos, avaros, &c.* Isto é satira. A critica pelo contrario nam toca nas pessoas, mas nas afoens do entendimento, mostrando o bom, e condenando o niao, paraque o evitemos. E isto praticam oje os omens doutos em toda a parte culta, qual mais, e qual menos, conforme a eficacia de cadaum. Isto é critica.

O Critico em nenhuma parte toca nos costumes, mas na doutrina, e metodo, que ele é o seu argumento: (e ainda o que diz na Etica é para provar a necessidade dela,) e nam podia provar os defeitos sem citar os milhores Autores, porque eles sam os textos. A palavra mais alterada que lhe acho é, *ridicularia, ignorancia, parvoice, &c.* falando de obras publicas. Alem disto, unde vistes que o ensinar aos omens o bom metodo em tudo se chame satira? Somente vós, e outros semilhantes lhe chamam assim.

Satira é o que vos fazeis a cada passo, saindo do argumento Literario para satirizar os costumes, e a pessoa. Dizeis que *ouxadamente satiriza: que o maldito do livro redonda em discreditto do seu Autor: que nam quereis tanta soberba nos nosos convextos.* (1) que dá admirasam ver a audacia, a vaidade: que critica com fatuidade: que nam é firme na fe, (2) que é invejoso, arrojado, descortez, soberbo, vaidoso, e desprezante. (3) que satiriza toda uma Nasam. (4) que diz mil disparates juntos. (5) que o omem é insignificante em baixarias, e que fala com dezaforo. (6) que fez uma satira bem descomedida. (7) que as suas cartas dizem parvoices em toda a materia: que o seu assunto consiste em dizer mal: que o Critico, sem ser letrado, censura tudo. (8) que dexejais que tenha mais virtudes, umildade, caridade, modestia no falar: que nam tenha soberba, inveja, jactancia, vaidade, desprezo do proximo, (9) que diz mal de S. Thomaz, Escoto, Camoens, Vieira, &c. (10) que comeza uma satira com extraordinaria ouxadia: que tem vaidade, e mal fundada prezunsam, e parece mentecapto, (11) e outras coizas semilhantes, que se acham nas vosas Reflexoens. E vós sois o que nos pregais nifam? ora ide vestir outra sobrepeliz.

Direis vós que aquillo sam bagatelas, de que ninguem se deve escandalizar. Bagatelas? isto é uma satira das mais descortezes, que eu tenho lido.

(1) Pag. 2. das Reflexoens Apolog.

(2) Pag. 3. (3) pag. 5. (4) pag. 9.

(3) Pag. 10. (16) pag. 14. (7) p. 21.

(8) Pag. 37. (9) pag. 38. (10) Pag.

40. (11) pag. 42.

do. Senam vede. Suponhamos que o barbadinho para se vingar fingia um omem imaginario mui direito, mui empanturrado, sem saudar ninguem, Verdadeiro ca-
 alosoprando sempre, cheio de almiscar, todo metido a bazofia, e palaciano rater de
 para ter estimafam, dando rizadinhas sardonicas, afetando superioridade de Fr. Arse-
 doutrina, sem saber mais que quatro postilas bem furradas, sem ter fide-
 lidade a ninguem, cheio de uma ambifam desmarcada: e disse que este nio.

retrato era *vera effigies* vosa. Dirieis que era grande injuria: e com razam, porque vós nam tendes nenhum destes defeitos. Comtudo cadaum deles nam é çoufa grande; e em um secular Englez, ou Olandez nam estaria tam mal: mas postos juntos em um Religiozo, mostram que nam tem çater de Religiozo. Da mesma sorte as couzas, que dizeis, aindaque sejam leves, applicadas a um Religiozo sam de grande dezonra.

Se andastes no pátio de S. Antam, porque nam aprendestes daqueles doutos, e pios Religiozos, aquella maxima, que ensinam aos seus estudantes, de nunca argumentar com palavradas, nem ofender ninguem com a exprefam? Porque nam aprendestes de Soares Granatense, que tanto louvais, a modestia, com que impugna os seus advertarios? Porque nam imitastes a cortezia do doutissimo P. Daniel Jezuita, quando disputava com o seu famoso Antagonista Natal Alexandre. O certo é que vós daquela exemplarissima Comunidade, nam aprendestes nada bom.

Nam á mais ridicula ilafam, que aquicia vosa: *Critica a doutrina de S. Thomaz; Logo critica a inocencia.* Irmam Arsenio, estudai um bocadinho mais de Logica, que tendes necessidade diso; e adverti, que ninguem deve ser condemnado por çonsequencias sem conexam: e nem menos pelas que tem conexam, se ele constantemente as nega. Isto é o que ensina a Logica moderna, e isto é o que vós nam sabeis, porque nam a lestes.

Queixai-vos que o Barbadinho diga, *que seria justo se cerçessem alguns privilegios, que se tem concedido ás Religioens, porque de alguns tem çesado os motivos.* Nisto nam diz o Barbadinho mais, que o que esta fazendo Roma todos os diar: que por conhecer que nam existem ja os motivos, porque se introduziram varias Religioens, as tem aniquilado, ou secularizado; e nam uma, ou duas; mas muitas mais, e alguma delas em Portugal, cujas rendas pásaram para os Jezuitas. E se vós perguntares a estes PP. se foi bem feito, diram que sim. E assim nam tendes que replicar. Alem diso todos os dias se estam secularizando Conventos, e Religioens, e presentemente algumas Abadias em França por graves motivos, que eu sei. Outras reformamse, e se lhes diminuem as muitas liberdades, que tinham usurpado contra a jurisdifam Ecclesiastica, e que ja tinha em virtude de uma *centenaria*, ou *inmemorial*. (se é que entendeis estes termos) prescrito contra a lei. E o mesmo se podia fazer a outras muitas, que eu sei. E nam era isto usurpafam? E como todos os privilegios dos Regulares sejam *vulnerativos do Direito*, neste sentido se podem chamar usurpafam.

Demais temos o exemplo bem fresco nas Indias. Tinham alguns Missionarios na China, e Malavar com estranha Dialectica unido os ricos Idolatricos com os Catholicos: cuja temeridade desde o ano 1645. tinha Innocencio X. reprimido com excomunham. Depois de infinitas contendas, e proibicoens de varios Papas, Benedito XIV. confirmando o Breve *Ex illu die* de Clemente XI. e anulando as permissoens violentamente extraidas a Monseñhor Mezzabarba, declara dogmaticamente com o Breve *Ex quo singulari*, que as taes permissoens na China nunca foram aprovadas pela Sé Apostolica, e que o rito era supersticiozo. E o mesmo Papa com o Breve *Omnium sollicitudinum* declara, que sam supersticiozos os ritos do Malavar: e intima aos Missionarios, que se dentro em cinco anos nam provarem autenticamente em Roma a lua obediencia; e dentro em dez nam fizerem todas as diligencias para a execuçam; que logo sem nova ordem se retirem; que lhes tira os privilegios de Missionarios; e que mandará outros Missionarios mais obedientes à Sé Apostolica. Suponhamos agora (o que Deos nam permita) que isto succede: nam se verifica aqui, que se podem cercçar os privilegios concedidos a algumas Religioens, por motivos que ja cesam, que era a obediencia jurada à Se Apostolica em materia de Missoens? Quem poderá negalo, vendo o que diz a Cabesa da Igreja? Ora aqui tendes vós, que o voço argumento nam vale nada, e se pode voltar contra a voça opiniam.

Mas perguntárvos eu, como encaixastes aqui Alexandre, Sertorio, Viriato? foram por ventura Nero, Domiciano, Diocleciano, que perseguiram os Cristaos, paraque vós os destruais com o braço direito da Igreja? Irmam Arsenio, outro officio. Vós nam sabeis criticar; sabeis sim mostrar a voça ignorancia, e maledicencia. Se eu tiráse consequencias como vós, era esta uma boa conjuntura para inferir naturalmente da voçia propositam varias blasfemias. 1. que Cristo fundou a sua Igreja sem braço direito, que é o mesmo que dizer sem foras bastantes para se defender. 2. que por 1540. anos nam teve a Igreja braço direito. 3. que Cristo nam soube o que era necessario para dirigir a sua Igreja, e quando a fundou, lhe faltou uma circumstancia esencial, que foi porlhe braço direito.

E que diram as famozas Religioens de Beneditinos, Bazilianos, Dominicanos, e Franciscanos? Apostarei, que diram com mais razam, que sempre foram obraço direito da Igreja: e que podem mostrar mais, e mais, onrozias Bulas pela sua parte. Direis vós; que a Bula fala assim. E eu respondo que tambem Benedito XIV. na sua Constituiçam chama aos Missionarios dezobedientes, *Homines captiosos*: e se vós perguntares aos tais, se se deve entender literalmente; diram que tem interpretaçam mais benigna. E o mesmo digo eu da outra Bula. Se vós tiveseis lido o Bulario, acharieis tantas expreçoens destas, que pasmarieis da voça ignorancia, em levantar maquinas sobre elas. Estes elogios sam tam triviais na Bulas, que ninguem faz cazo diso: muito mais porque todos sabem, que o Papa aprova a sustancia;

tância, nam as palavras das Bulas, principalmente as que elogiam, que dependem regularmente do arbitrio do compositor, o qual faz ao principio os cumprimentos que lhe parece. Nós somos os que com mais razam podiamos dizer, que eramos o braço direito da Igreja: visto que o Papa nos concede por armas, unir o nosso braço com o de Cristo; que significa muito. Mas eu nam quero argumentar deste modo; porque sei que vós nam prevenistes estas consequencias, porque nam entendieis o que dizieis.

A concluzam da vossa Reflexam é, que as dedicatorias nam tem parentesco com os prologos, mas devem ser separadas. E como se diceis do concilio dos Deuses revestido da autoridade de preserever Leis, intimais esta à Republica Literaria, declarando que fazer o contrario é pecar contra a Retorica. Meu Fr. Arlenio, vós nam sabeis nada de belas letras, e a cada passo mostrais que nunca abristes livros. Os prologos e dedicatorias sempre foram a mesma coiza. Nam é necesario recorrer aos Gregos, porque vós ja confelais, que nam entendeis esta Lingua: vamos aos Latinos, se é que os entendeis.

Cicero sabia mais Retorica do que vós. Contido nos trez livros de *Oratore ad Q. Fratrem*, faz em cada um seu prologo a seu irmao, que é juntamente dedicatoria. No Livro *Orator ad Marcum Brutum*, nos *Paradoxos*, de *Finibus*, *Tusculanarum Disputationum*, faz uma dedicatoria a Marco Bruto, que é juntamente prologo. Nos *Topicos* faz dedicatoria, e prologo a Caio Trebatio Testa. Nas *Academicas*, que dedicou a Marco Varram, mandoulhe uma carta separada, que é prologo, e dedicatoria. Conificio na sua *Retorica ad Herennium* tem no frontispicio uma dedicatoria, e prologo. Hirtio Pansa no VIII. livro dos *Commentarios de Cezar* faz um prologo, e dedicatoria a Cornelio Balbo. Cornelio Nepote dedicando as suas *Vidas* a Atico, faz um prologo somente. Todos estes sam do seculo de Augusto. Omelimo poreni achareis descendo mais para baixo. Plinio assim dedica a sua *Istoria Natural* a Tito Vespaziano. Avieno as suas *Fabulas* a Teodozio: o mesmo fizeram outros. Assim se praticou sempre no tempo, em que a adulaam, e rudeza nam tinham destruido o bom gosto da eloquencia.

Mas ainda no XV. e XVI. seculo os omens mais doutos, que respectableceram as belas letras, e a Retorica, fiseram o mesmo, escrevendo a grandes Principes. Lede as prefatoens do famoso Marco Antonio Mureto Orador, e Jurisconsulto do seculo XVI feitas a Torquato Bembo, Leonardo Mocenigo, Bernardino Lanredano, Senadores Venezianos: a Francisco Gonzaga, e ao Cardinal d'Este, Principes; e a outros muitos: e achareis que sam dedicatorias, e prologos. E disto está o mundo cheio, principalmente quando se dedica obra a alguma pessoa literata, e o dedicante nam tem tanto que dizer, que seja necesario prologo separado: como vemos todos os dias. Se vós tiveseis noticias do mundo culto, nam diries com

tanta fatisfasm falsidades inauditas, e puerilidades dignas de compaixam; e nam censurarieis aquilo mesmo, em que caio o voso Niculao Francez da Cidade de Siani, que fez uma dedicatoria; que se nam pode entender sem ser prologo. E cisaçui tendes, que tudo quanto dizeis é uma grande parvoice, e ignorancia de belas letras, de Livros, e do mundo; e uma mera calunnia. E atreveis-vos a criticar? fatalidade grande!

REFLEXAM II.

Juizo do Autor, e da obra.

MAs vamos à segunda Reflexam. Quem vós eufinou, Fr. Arsenio, a fazer descriçoes, e retratos das pessoas? onde aprendestes a pintar um omem imaginario, e dizer com tamanha calunia, que é *vera effigies*? Tudo quanto vós dizeis é falso: nem tal se tira da obra. Vos pintais a vaidade, a soberba, a maledicencia, a pertinacia eretica: e deveis pintar fomente a *Critica*. Mas como vós nam entendeis o significado desta palavra, por iso lhe attribuiz tais epitetos.

Mas que coizas nam dizeis aqui nesta vosa descriçam! Que Retorico vos ensinou a elogiar, ou vituperar por tam galante estilo? Nem ao menos no mesmo P. Pomey, que tanto vos agrada, aprendestes a imitar uma descriçam das muitas que traz, e dilatar um argumento com alguma galantaria, e verosimilidade? O que dizeis, merece compaixam, e bem mostra, que entendeis tanto Retorica, como belas letras. Credeme, Irmam Arsenio, que a dita descriçam é uma parvoice; e que tem muita razam os nosos PP. de dizerem, que ridiculizastes a Religiam.

Para prova da vosa ignorancia Filozofica, basta considerar este periodo: *As ideas, que lhe occoorem sam a quinta essencia de Platam*. Ideias aqui, meu P. Mestre, sam o mesmo que *conceitos* ou *pensamentos*: e as ideias de Platam sam couza muito diferente: sam exemplares das cousas sensiveis, substancias eternas, incorrutiveis, separadas de Deus, e da nosa alma. (1) Cade um bocadinho de Istoria Filozofica, senam quereis dizer tamanhas parvoices.

No 3. 4. 5. 6. paragrafos descreveis a origem das crezias modernas, mas em modo tal, que faz vontade de rir. Deveis saber que os tais Ereges nam só admittem, e abraçam aqueles quatro Padres *Postnicenos*, que apontais, mas os *Antenicenos*; e finalmente todos até S. Gregorio Magno. E isto é um erro consideravel em um Arcicritico, como vós. Uniz alem diso Janzenio com os Ereges, como se tivese as mesmas opinioens: sem saberes, que Janzenio errou sem pertinacia, submetteose à Igreja; foi, e

morreo

(1) *Veja-se Platam* in Timæo tom. *Veja-se tambem Aristoteles* Mataphys. 4. 3. pag. 68. D in Parmenide, *ib.* p. 135. I. p. m. 66.

morreo Catolico. Pois era necessario advertir tudo isto para nam meter pe-
tulantemente Janfenio na classe do Ereges.

Pintais a arte critica como prejudicial: sem advertir, que a Igreja Ro-
mana a admite como infinitamente util para estabelecer os Dogmas. Todos
os Criticos para vós são Janfenistas: e falais mil vezes em Janfenio, sem
nunca ter aberto Janfenio, nem saber qual é a sua verdadeira doutrina, pe-
loque vou vendo; Dizeime, o P. Rapin, que critica os Poetas, Retoricos,
&c. O P. Hardoino que diz mal de todo o mundo: o P. Sirmondo, que
tambem criticou muitos Autores: o P. Petavio, que dise coizas inauditas
contra Jose Escaligero: o P. Vavasseur que criticou o Rapin, e outros;
todos Francezes, e Jezuitas, por ventura eram Janfenistas? Douvos o con-
selho, que aprendais primeiro a Istoria Literaria, para poder depois falar
diante de gente nestas materias. Afirmais isto, porque de Critica, e Dogma
fabeis tanto, como se pode esperar de um omem, que nunca ouviu falar
nestas faculdades.

Dizeime, Fr. Arsenio, se vós tiveseis aberto um livro, que tratáse
da Istoria das Erezias, ou algum Autor de bom nome, dirieis tamanha par-
voice, como afirmar, *que continuando a Critica, Eretica e Janfenistica, s'abr.am con-
tra a Fizica os Carterzianos, e meios Carterzianos?* Se tiveseis lido com aten-
sam algum Carterziano, atrevervosieis a dizer, *que desferraram os accidentes,
extinguiram as cores?* &c. Se tiveseis lido a Istoria das sciencias, poderieis
condenar as opinioens de Cartezio, que omens tam doutos, e pios como
os RR. PP. da Companhia de Jezus defendem em Franfa, e Flandrez, ain-
da nos escritos: (1) e Jezuita ouve, que exprefamente defendeo Cartezio?
(2) Se soubeseis que esa mesma Fizica, que vos ridiculizais, se defende pu-
blicamente em Italia pelos nosos Religiozos, sem que tenham medo das
vossas invetivas a favor de Escoto? (3) certamente que se soubeseis tudo isto,
ficarieis envergonhado de ter aberto boca em materias, em que vos fal-
tam os primeiros principios.

Escarneceis a opiniam do Barbadinho, *que faz os Brutos discursivos*, co-
mo se fora só dele. Provem isto deque nam sabeis, que o voso oraculo
sempiterno Feijoo defende o mesmo em um largo discursio, e o prova com
S. Bazilio, e outros PP. Provem deque ignorais que oje a opiniam recchi-
da nam so entre os milhores Filozofos, v. g. o *Lock*, *Hartsoeker*, Ereges,
de la Chambre, e outros Catolicos: mas tambem entre os melmos Teolo-
gos, é que alma dos Brutos seja espirital, de uma ordem muito inferior

B ii

a no-

(1) *Veja-se o P. Fabri na Fizica, que defende muitas opinioens de Cartezio, o de Lanis Magister. natur. & art. Milhor ainda o P. Regnault, e Castel, que são Anticarterzianos.*

(2) *P. Barbieri de Lovanio. Veritas*

Philosophiæ Carterzianæ.

(3) *Fortunato de Brescia Franciscano, Lente de Fizica experimental, no Curso de Filozofia moderna, em 1741. Brescia. Alem de outros em Roma.*

à nosa, a sem *ius* a Bemaventurança. O que provam largamente, nana Ereges, mas os mesmos Catholicos Italianos, especialmente o Magaloti (1) com varios SS. PP. mostrando que se a nam admitimos espirital, segue-se que a materia conhece, (porque os modernos nam acham substancia material sem ser materia: e quando alguém lhe diz o contrario, pedemlhe, que lho prove com evidencia) e la vai pelos ares a melhor prova para mostrar aos Ateos, e Deistas a espiritalidade da nosa alma, e de Deos: porque se a materia raciocina nos Brutos, como nos convencereis que nam raciocina em nós?

Provem tambem de que nam sabeis, que o P. Pardies Jezuita no seu tratado da *Alma das Bestias* em Francez, ou Italiano (2) expoem a questam problematicamente: e depois de empregar dois terços do Livro em provar que sãnam maquinas, responde-lhe com tanta frialdade, e pouco fundamento, que todos, e até o seu mesmo tradutor, asentaram que o omeem era *Maquinista*: ao menos que nam lhe dezagrada o sistema. E contudo era o P. Pardies omeem celebre.

Provem de que nam sabeis, que as ordens particulares dos Superiores da Companhia, que proibem defender as G. e mais proposições Fyzicas dos modernos, sem que se saiba o motivo; sãnam as que fazem, que quando os Jezuitas mais doutos as defendem em certas partes, fingem defender a Peripatetica, quando na verdade defendem a Moderna: como fizeram os PP. Pardies, Fabri, Frimaldi, e outros muitos. Pois se nam tora este grilham, os mesmos Jezuitas vos ensinariam como deveis defender a Moderna. E contudo a verdade e tam clara, que tirando aquelas proposições, oje defendem tudo o mais, e muitos defendem o Newton, principalmente os Jezuitas Francezes, sem serem Jansenistas.

Onde aprendestes aquela solufãnam, que o ar faz uma abobeda, conquerecerca este globo da terra, e por isto nam carrega em parte nenhuma: e por conseguinte nam e esa a cauza, porque a agoa sobe nas bombas? Irãnam, e potivel que todas as atheiras em Filosofia estejam reservadas para vós: e que nam vejais, que esa abobeda se destiaz com um sopro, que move o ar, para onde vós quereis. Onde vistes uma abobeda sem pilares, em que asente, e que se nam movam: porque se se movem os pilares, cae logo a abobeda na terra. Que belo engenheiro serieis vós para fazer abobedas no ar! Ide aprender os primeiros elementos destas materias: e ide ter com o Mestre de Matematica a S. Antam, que vos ensine as leis da *Mecanica*: e vos explique, porque o arco ou abobeda nam se rompe por mais pezo que lhe ponham em cima. Por isto eu digo, que vós sois capaz de ridiculizar, e causar discredito a toda uma Naçãnam; porque nam conheceis a vosa ignorancia, e contudo quereis publicar obras.

E ten-

(1) Nas suas cartas familiares contra os Ateismos. Em Venezia.

(2) Venezia. 1696. em 16.

E tendes cara para dizer, que o autor se ferve doque escreveram outros, como se ele o negasse, ou o nam dissees mui claramente repetidas vezes? Não em Lugar de odeprimir, o exaltais: pois mostrais, que o que ele diz é aprovado pelos maiores omens da Europa: e só é condenado por aqueles, que tem tanto juizo como vós. Prouvera a Deos, que vós tiveseis feito o mesmo, e examinado bem o que dizem os milhores autores, que logo nam dirieis tanta parvoice.

Tornais aqui de novo a dizer, que o autor satiriza toda a Nasam. Vós satirizais todas as Nasões Estrangeiras; e a isto chamais moderatam, e critica: e ao referir o Barbadinho os defeitos Literarios chamais satira? E boa teima! Nam sabeis vós, senhor Teologo, e Jurista de agoa doce, que os defeitos publicos todos os podem criticar sem peccado? Se os livros andam divulgados, se o Barbadinho nam revela segredos particulares, mas prova o que diz com os tais livros; paraque lhe chamais satira? Valhate Deos para tal cabeça de pedra, e cal!

Tudo o mais que apontais nos ultimos tres paragrafos, nam é critica ao Barbadinho, mas satira que fazeis aos Principes, e Senado da Corte: porque so estes podem remediar aqueles males, nam com arbitrios novos, mas com a executam das Leis ja promulgadas. Odmiraivos que nam aja Corte, emque se vejam tantos roubos, e mortes. Quereis o arbitrio? é este: Alumiar as ruas denoite: grandes rondas á pé, e á cavallo: inforcar pela menham todos os Ladroens, e malfeitores que se prendem denoite; e as cabeças pregadas pelas ruas publicas. Tudo está remediado. Quereis outro? Lei promulgada, paraque ninguem diga graças a mulheres, nem de dia, nem de noite: polès pelas ruas, e ministros promptos, e quartéis de soldados em todos os bairros: aos rapazes trez tratos de polè: aos grandes galès, ou forca: e isto *istiu oculi* sem apelasam, nem agravo. Toda a Cidade se aquieta logo em unia semana. Agradam-vos estes arbitrios? Pois isto é que fez em semelhante cazo Sixto V. e praticam outras cortes da Europa.

Quereis as ruas direitas? Fafase o que fazia Alexandre VII. que se punha a considerar a planta de Roma. Se via um canto saído para fora, comprava a caza, e a deitava abaixo: ou obrigava o dono a fazelo, dan-dolhe nima compensasam: assim foi indireitando Roma. Depois publicou uma lei, paraque em se reedificando uma caza, se fose torra se puzese em linha direita, somente alargando a rua: e isto se pratica oje. Estes sam os arbitrios. Mas isto á snperfluo para vós, que de Politica sabeis tanto, como de erudisam. Falais milhor nos *merendeiros*, e *abobedas do ar*, que em materias tam longe da vosa esfera.

A Reflexam III. deixo para a Teologia, por nam repetir o mesmo em divertias partes, e passo à seguinte Reflexam.

REFLEXAM IV.

Da sua Orthografia.

L Astima é ouvir como comelais esta Reflexam, e quam pouco entendeis o que criticaes: *Sam as palavras, dizeis, finais arbitrarios, que as Nasoens deputaram..... e o uzo de cada Nasum é lei, &c. Logo erra o Critico em querer introduzir palvaras novas.* Onde aprendestes esta Logica, Fr. Arsenio? Para provar alguma coiza devicis provar, que nam se podia admitir palavra nenhuma sem uma Lei feita pelo Senado, ou por Elrei. Mas em quanto deixais a introduziam ao uzo, deveis saber, que alguem deve ser o primeiro a introduzilas, outro a abraçálas, e assim se vai fazendo o uzo. Pergunto agora, quem á de ser o introdutor? Um sapateiro, ou um omem douto? Sem duvida que o douto. E neste cazo que coiza provais? Nada.

O mesmo Horacio, que vòs citais, aduute como util a introduziam de vozes novas. Considerai estes versos do dito Horacio. (1)

*Dixeris egregie, notum si callida verbum
Rediderit junctura novum. Si forte necessè est
Indiciis monstrare recentibus abdita rerum,
Fingere cinctutis non exaudita Cethegis
Continget, dabiturque licentia sumpta prudenter.
Et nova, fictaque nuper habebunt verba fidem, si
Græco fonte cadant, parce detorta. Quid autem
Cæcilio, Plautoque dabit Romanus, ademptum
Virgilio, Varioque? ego cur acquirere pauca
Si possum invidior cum lingua Cætonis, & Enni
Sermonem patrium ditaverit, & nova rerum
Nomina protulerit? Licuit, semperque licebit
Signatum prasente nota producere nomen.*

Será necessario que pefais a alguem vos traduza bem claramente estes versos, que sam applicaveis a todas as lingoas vivas. Os Inglezes, que tem mais juizo dò que vòs, de quarenta anos a esta parte tem augmentado de sorte a sua lingua com palavras novas, que parece outra. Os Francezes tem feito o mesmo. E parecevos que será pecado fazer o mesmo em Portugal? boa consequencia! Muito mais que o Autor nam tem por objeto introduzir palavras novas; mas diz que seria util: e adverte que o modo de o fazer é, deduzindoas das milhores linguas, dandolhe a terminasam Portu-
gue-

(1) Arte Poetica no principio.

gueza, e seguindo nisto, e no mais a pronuucia dosomens doutos : e nella introduziam procede muito moderado.

Condenais alguma palavras, que ou praticou deduzidas do Italiano, ou foram erros da imprensa, que caíram infinitos nela. Olhai para as regras que dá, que são as que abraça, e nam o que fizeram os outros. Mas quem é o que nos condena em Ortografia! vós, que escreveis *Leteranen-se*, *Bordalu*, *Baromatros*, *Termomatros*, e outras parvoices destas? vós, que escreveis *slaba* por *Profolia*, ou quantidade das sílabas; *confuir* por *traduzir*, e outras puerilidades destas? Vós, que até errais na gramatica Portugueza; como mostram entre outras estas Orações: (1) *Tomaram o cuidado de fazer criticas contra todos os autores, acuzando-os de nam seguirem os primeiros SS. PP. mas se desviavam deles*: e em outra parte (2) *uma terçaom*: e mais adiante (3) *se o am de curar com os remedios, que tem mostrada a experiencia seram bons para a cura: pondo seram por serem?* vós, que sois inconstante na Ortografia, escrevendo as mesmas palavras umas vezes de uma sorte, outras de outra; sem saber donde se deve por Letra majuscula, e donde Letra piquena? vós que prezado de elegante, e eloquente afetais dizes grasas, e frioleiras com uma locusam trivialissima, e mais ridicula que a dequalquer rustico? vós finalmente, que chamais elegancia à pedantaria de encaixar versinhos, latins, e textos da Escritura em toda a parte; afetando aquilo mesmo, que os omens cultos evitam com cuidado? vós, torno a dizer, com estes, e mil outros defeitos quereis ensinar aos outros a ortografia, elegancia, e estilo? Outro officio meo Padre, que estas censuras nam são da vossa jurisdicção.

Alem disto, admirai-vos de que o Barbadinho nam desterrasse a Letra *u* destas palavras; *guerra*, *guitar*, &c. sem reparar que nelas se ouve muito bem o *u*, pois se pronunciam muito diferentemente do que se o nam tivessem; como se mostra da pronuncia destas vozes, *gente*, *gigante*, em que nam entra o *u*; e por isto se deve conservar nas outras. Tambem vejo, que nam sabeis, que a consoante entre duas vogais se une sempre com a vogal seguinte: porque se o soubeis, nam dirieis, que em *saxaom*, *vieraom*, &c. se deve escrever o *m* entre as Letras *a*, e *o* assim, *ra-xam-o*, *vi-s-ram-o*. Porque desta sorte faz um som despropozitadissimo.

Em fim como de Ortografia vejo que nam entendeis nada, nem tenho mais que vos aconselhar, senam que leais bem, e entendais a primeira carta do autor, e a compareis com o que dizem os autores Portuguezes, que ele cita; e vereis, que nas regras fundamentaes pela maior parte concordam: e a differença só está emque o Barbadinho da regra da pronuncia tira bem as consequencias; e as pratica; o que nam fazem os outros.

Escandalizaivos tambem de dizer o Barbadinho, que depois de pon-

to nos periodos breves, e dependentes de outros se deve por letra piquena! Isto é porque nam sabeis, que o mesmo dizem os melhores Ortografos, e praticam oje os melhores Escretores. Lede o *Novo Método da Lingua Latina* em Francez ou Italiano, e achareis, que exprefamente o repete duas vezes. (1) O mesmo Celario, um dos maiores Ortografos dos notos tempos, o pratica na sua *Ortografia*, e tambem o P. Rogacci Jezuita na sua *Grammatica* vulgar: e na edisam de Cicero pelo famoso Verburgio impresa em Amsterdam pelos Wetstenios em 1724: nas idisões dos autores clasicos feitas em Padoa com a diresam do famoso Facciolati: nas millores edisões de Germania, &c. achamos o mesmo. E esta é outra casta de gente, que nam sois vós, que de Ortografia nem vulgar, nem latina nam sabeis nada.

Vamos às escolas de Grammatica Portugueza. Parecevos novo que o Critico as dezeje em Portugal? Mas nam advertiz que isto mesmo se está observando em outros reinos cultos, e nas univertidades, e que é sumamente necessário. Os Gregos praticavam isto: e ainda temos em Platam alguns dialogos (2) em que expoem a Grammatica como necessaria para a Filosofia. Aristoteles no seu livro de *Interpretatione* nam nos deo mais que uma Grammatica. (3) Quintiliano dá o modo de regular a Grammatica nas escolas, e mais era lingua viva. Nam cito mais Grammaticos nem Gregos, nem Latinos, porque os podeis ler em Suidas, Ateneo, Suetonio, e outros.

Saic logo aqui a vosa erudisam Filologicã, e diz magistral de, *que os Romanos tinham especial razam, por ser a lingua Latina cheia de muitas regras, e excessões, farta de nomes, e verbos anomalos; miuda na conjugasam dos verbos, e na silaba: e foilhes preciso este meio para falarem certo, e cultamente.* Vede quantas asneiras aqui dizeis juntas! Todas as linguagens Latinas na Arte de Manuel Alveres tem outras correspondentes Portuguezas: logo a nosa lingua tem as mesmas linguagens, que a Latina. Que as regras da Sintaxe sejam as mesmas, e as anomalias; confesa o P. Argote na tua Grammatica. Que tenha mais ou menos, isto nam obsta para a necessidade das regras: Logo por esta mesma razam se deve introduzir a Grammatica Portugueza.

Pergunto mais, os Romanos, que nam estudavam por Grammatica, nam sabiam falar latim? quem tal crera! Temos exemplos bem modernos, comque isto se pode declarar. Monsieur Montaigne em França foi criado com Pessoas, que so lhe falavam latim; como ele confesa (4) e nam tinha ouvido nunca Francez. Na idade de 7. anos lia com todo o gosto as Metamorfozes de Ovidio: e falava com tanta pureza Latim, que quando o grande Marco Antonio Mureto oraculo da Latinidade lhe queria falar latin

(1) *Traité de l'orthographe*, chap. 13. p. m. 663. 668.

(2) Philo, e Cratylo.

(3) *Confra-se o cap. XX. da Poetica de Aristoteles.*

(4) *Montaigne Essais l. I. ch. 5.*

tim envergonhava-se, e nam podia competir com ele em coiza nenhuma. O Scipio diz o mesmo de si, e dos seus companheiros, que souberam latim praticamente com o exercicio. E o mesmo succede todos os dias nos paizes onde se fala latim. Onde nam sam as regras necessarias para o latim, mas para a elegancia: para evitar algum solecismo, barbarismo, &c. E isto tanto se verifica no latim, como no vulgar.

Que sorte de consequencia é esta vosa: *Em França, Italia á diversidade de falar nas provincias: Logo nam uzam la estudar Gramatica.* Meu Padre, nam uza o povo ignorante, mas uza ageite culta. Eles tem Academias para os que querem falar bem, e muito particularmente em Italia: achase muita Gramatica para aprender: todos os cultos aprendem a falar e escrever bem, ou em casa, ou nas escolas; ou nas academias: todos os que querem pregar, especialmente os Jezuitas, estudam a sua lingua com cuidado; e por isto falam melhor que vós, que nunca tivestes tal exercicio. Estes sam fatos notorios.

Atreveivós a dizer, que o P. Argote nam compoz a sua arte para os Naturais; mas muito principalmente para os Estrangeiros. Pode aver cegueira semelhante! vós certamente nam puzestes os oculos, e por isto nam lestes o frontispicio, que diz assim: *Regras da lingua Portuguesa, espetho da lingua Latina: ou disposiçam para facilitar ensino da Latina pelas regras da Portuguesa.* Parece-se isto com o que vós dizeis? Continuemos a ouvir o P. Argote na sua pretasam. *Para evitar estas demoras (do ensinar a lingua Latina) se tem proposito por alguns varoens sabios diversos arbitrios. Entre estes o que se tem achado ser mais util, facil, e seguro é ensinar aos rapazes primeiro a Gramatica da sua lingua vulgar, e depois ensinarlhes a Latina. Mostra-o razam, porque a maior parte das regras da Gramatica Portuguesa, convem, e sam as mesmas da Gramatica Latina (notai bem Fr. Arsenio) e pelo que pertence as regras, em que differem, como sam poucas, facilmente virá no conhecimento delas Este pois é o intento desta arte, ensinar as regras da lingua Portuguesa, para facilitar aos mininos a preensam e uzo da Gramatica Latina. É mais abaixo: Fora muito conveniente, que nas escolas ao mesmo tempo, que os Mestres ensinam os mininos a escrever e contar, lhes ensinarem esta Gramatica Portuguesa.*

Isto diz o P. Argote, que vos pode ensinar de cadeira assim o Portuguez, como o Latim: e isto mesmo é o que diz o Critico. Do que se mostra, que vós sois um caluniador, que attribuis ao P. Argote o que ele nam disse, ocultando o que disse: e condemnais no Critico aquilo mesmo, que os Portuguezes de melhor doutrina estam praticando, e aconselhando por necessario. E acrescento de caminho, que a Gramatica, que o P. Argote acha difficultosa, e longa, é a do P. Manuel Alvarez. Conque, meu Fr. Arsenio, era melhor que fosseis pedir os merendeios, do que me-

vos a falar em materias, que nam entendeis, dando chascos, e deitando piques em coizas, emque devieis falar menos, que ninguem; porque vos devieis conhecer muito bem, assim como vos conhecem os outros.

REFLEXAM V.

Da Gramatica, e Latinidade.

Como de belas letras nam sabeis nada, uniz a Gramatica com a Latinidade, e de ambas falais, como se fosse uma só. Meu Fr. Arsenio, isto é um erro manifesto que podieis evitar se relletiseis com o Critico no que diz Quintiliano: *Aliud est Gramaticæ, aliud Latine loqui.* Os Gramaticos buscam somente a verdadeira regencia das partes da orasam: Os Latinos buscam a beleza do estilo: e estas duas couzas sam muito diferentes. Explico a propozisam de Quintiliano. Cicero comeca a sua bela orasam pro Marcello assim: *Diuturni silentii, P. C. quo eram his temporibus usus, non timore aliquo, sed partim dolore, partim verecundia finem hodiernus dies attulit.* O Gramatico porem se a quer explicar bem deve dizer assim: *P. C. dies hodiernus attulit nobis finem silentii diuturni, quo silentio eram usus his temporibus, non aliquo timore, sed partim dolore, partim verecundia.* Deve, digo, dizer assim, porque deve mostrar a verdadeira regencia das partes da orasam, e reduzir a sintaxe figurada à ordem natural para poder entendela bem. Onde o puro Gramatico so ensina a *construisam*; quero dizer a sintaxe das partes segundo as regras da Etimologia; e so cuida em nam cometer solecismos, e barbarismos, e deste modo entender bem os Autores Latinos. O Latino porem dá um passo mais adiante, e procura as virtudes da boa locusam, que sam a clareza, elegancia, ornato, colocasam, uniam, numero oratorio, copia, e variedade.

Se quereis uma prova bem clara, considereai, que os millores Gramaticos antigos, que sam Diomedes, Charisio, Nonio, Donato, Mauro, Caper, Prisciano, &c. e outros, que se acham em dois tomos de 4. da edisam de Putschio, todos falam pefinamente o Latim; e que o P. Manoel Alveres, que soube menos doque eles as regras do Latim, escreveu milhor o Latim nas poucas regras, que nos deixou, como confesa o seo maior antagonista Scioppio. (1) É eitaqui que nam é o mesino ser bom Gramatico, que bom Latino.

Porem vos com a vosa costumada coufiansa definistes ex cathedra, que a Gramatica serve para falar Latim bem: o que e falso. Lede este bo-cadinho de Cicero, que é bom autor na materia. *Solum, & quæ si fundamentum Oratoris vides, Locutionem enmendatam, & Latinam: cujus penes quos laus adhuc fuit, non fuit rationis, aut scientia, sed quasi bona consue-*

(1) Na Prefasam da Gramatica Filosofica.

*suætu*ndinis..... Sed omnes tum fere, qui nec extra urbem hanc vixerant, nec eds aliqua barbaries domestica infuscaverat, recte loquebantur. Sed hanc rem deterior vetustas fecit, & Roma, & in Græcia. Confluxerunt enim & Athenias, & ad hanc urbem multæ inquinatæ loquentes ex diversis locis. Quo magis expurgandus est sermo, & adhibenda tanquam obrussa ratio, qua mutari non potest; nec utendum pravissima consuetudinis regula. (1) E em outra parte: Omnis loquendi elegantia, quanquam expolitur scientia litterarum, tamen augetur Legendis Oratoribus, ac Poetis. Sunt enim illi veteres, qui ornare nondum potuerant ea, qua dicebant, omnes prope præclare locuti: quorum sermone assuefacti qui erunt, ne cupientes quidem poterunt loqui nisi latine. (2) E em outro lugar: Ut Latine loquamur, non solum videndum est, ut & verba efferamus ea, qua nemo jure reprehendat: (esta é a pureza) & ea sic & casibus, & temporibus, & genere, & numero conservemus; (esta é a Grammatica) ut ne quid perturbatum, aut discrepans, aut præposterum sit. (3) esta é parte da elegancia.

Nestas poucas palavras vos desmente Cicero muitas vezes. Diz, que o falar bem Latim se aprende com o uzo, e lisam dos que melhor escreveram. Diz, que reflectindo nisto unido com a boa razão é que se deve emendar a lingua. Distingue o falar Grammatico do falar Latino. Condena o que vós dizeis, que se nam pode saber Latim bem senam com a Grammatica como se a Grammatica de Manoel Alvares ensinase as virtudes de boa locufam!

Se fosse verdadeira a vossa propozifam, que necessidade tinha o P. Tursellino Jezuita, de publicar o famoso livro das *Particulas da orajam*, para ensinar a elegancia do Latim? Que necessidade tinha o P. Vavassien Jezuita, de escrever o bellissimo livro de *Ludrica ditio*ne, e o outro singularissimo de *vi ac usu quorundam verborum tum simplicium, tum compositorum*? Deixando agora outros Jezuitas, e muitos mais que trataram, ou das observafoens sobre a elegancia, como o Ker, Godescalco, Schoro, Cardial Adriano, Scioppio, Gifanio, &c. ou da forsa, e idade das palavras, como os Borrichios, o Præschio, o Cellario, o Vorstio, o Vossio, &c. ou da copia, e analogia, como Marie Corrado, &c.

Todos os tais Jezuitas tinham estudado pelo P. Manoel Alveres: e contudo acharam, que nam ensinava aquilo à que se chama *boa latinidade*. Ora sem duvida, que estes Jezuitas sabiam muito mais do que vós, que apostarei que nam sabeis explicar a verdadeira regencia Grammatical das mais faceis cartas de Cicero. O mesmo P. Pomey, que vós defendeis, vos condena no Indiculo Univerfal. Diz ele na prefafam: *Todos sabem, que para aprender uma lingua peregrina, nenhuma via se pode inculcar melhor, que a de falar e exercitar esta lingua. Desja sorte em breve tempo, e quasi com nenhum,*

(1) Cicero, in Brut. fine.

(3) Idem ibidem.

(2) Cicero, l. 3. de Oratore.

nhum trabalho conseguirá qualquer o que se poderá alcançar com grande molestia se aprender por preceitos. Isto nos ensina a experiencia.

Quereis ver um exemplo, de que pode um ome ser sufficiente bom Latino, e mau Gramatico: tendes o exemplo no P. Farniano Strada Jezuita no seu livro de *Bello Belgico*, no qual o famoso Gaspar Scioppio (1) descobrio muitos solecismos, e barbarismos, &c. e contudo confessa, que é um dos mais elegantes escriptores da Companhia. Omesmo Scioppio no dito livro, e no de *stilo Historico*, e principalmente *infragmento Rhetorice* impresso em Milam, mostra tambem muitos solecismos, e barbarismos do famoso P. Maffei Jezuita, que escreveo a nota Historia da India: e contudo confessa, que Maffei é bom Latino.

O Scioppio nam era Jansenista, era um grande Fidalgo Tudeseo, e tam bom Catolico, que o Louvam os Papas, Cardiaes, Imperadores, Reis, &c. (2) Ninguem ate aqui lhe respondeo, porque acharam, que, nam falando em uma, ou outra couza rarissima, tinha razao: a Companhia se queixou. E os mais famosos Jezuitas, como o Belarmino, o P. Jacobo Keller, o P. Paulo Bombini; o P. Manuel Thesauro, o P. Lourenço Forieri, os Jezuitas de Ingolstadt todos o louvaram, (3) ainda depois que condenou a arte de Manuel Alvares. Temos logo que esta Religiam doutissima, que zela mui bem a sua onra, achou ser verdadeiro o que diz o Scioppio. E com que cara nos dizeis entam vós, que sois ignorantissimo de belas Letras, *que com o Alveres tem muitos sido bons Latinos, e que sem ele é impossivel sairem bons Latinos.*

Certamente que se avemos de julgar pelas vossas obras Latinas, devemos confessar, que nam conduz nada para a boa Latinidade. As vossas postilas sam tam barbaras na Latinidade, que quando li nelas alguma couza, pareciam ouvir um preto bufal guaguejando em Latim. Nam tendes nem pureza de palavras, nem estilo Latino: e falais Portuguez com palavras meias Latinas, e meias barbaras. Nem me digais, que isto é permitido nas postilas. Esta resposta, que muitos tem prompta nasce de uma grande ignorancia. Lede os PP. Conimbricenses, e as Instituisoens do Fonseca, e algumas Lisoens de Jeronimo Osorio: Lede o Petavio, o Sirmondo, o Vavasseur Jezuitas: Lede o Melchior Cano, o Mureto nas suas variantes, o Nunes, o Sepulveda, e outros muitos: vede com quanta pureza, e elegancia tratavam estas materias didascalicas ou doutrinaes: e entam conhecereis a vossa ignorancia; pois tendo tam bons traslados à vista, nem procurais, nem sabeis imitalos. O que mais mostra a vossa insuficiencia é uma certa dedicatoria Latina (em que se pode mostrar toda a forsa da eloquencia, pureza, e beleza do estilo) que ainda conservo para tir nos dias de melancolia,

toda

(1) No livro intitulado: *Infamia sua Poedia Aurelice*.
Farnia: i Stradae *Amstelodami*, 1663.

(2) *Vejam-se os ditos Diplomas na*

(3) *Vejam-se o dito livro dos Diplomas.*

toda cheia de barbarismos; e solecinhos na fraze; e composta em um estillo tam pueril, que parece de estudante do pateo. O que, se acaso dividaís, farei publico a todo o mundo, como fez o Scioppio com o strada, e Maslei. E vós sois o que falais em Latinidade, e nós quereis mostrar os erros do Critico nos conselhos, que dá nesta materia? Certamente que nam pode chegar a mais a fatuidade dos omens!

Mas vamos a Gramatica do P. Alveres. Nam me cansarei em vos dizer, que os melmos Jezuitas em Roma tem reformado a dita arte, e posto em maior clareza, e mais breve, porque a experiencia mostra, que é uma arte impertinentissima. Nam me denotarei em mostrar, que os PP. das Escolas Pias, e Somascos, que ensinam a maior parte da Mocidade em Italia, seguem outra arte muito mais clara. Nam vos trarei a memoria, que Elrei de Sardenha neste seculó reformando os estudos, tirou todas as escolas aos jezuitas, e lhes prohibio ensinar a mocidade; dando a incumbencia a outros, que praticam outro metodo Latino. Nam vos contarei, que nas melhores Universidades, e escolas de Italia se ensina o *Novo Metodo de Lingua Latina, de Porto Real*: e que os particulares fazem o mesmo. Ja em Olanda, Inglaterra, Franca, grande parte da Germania, e reinos Setentrionals é certo, que ou o Porto Real, ou o Vossio, ou outro semillante é que se estuda. Tudo isto podia eu dizer, e provar: mas nem vós me entendereis, porque vos faltam as noticias estrangeiras, nem eu agora me quero cansar em vos explicar estas coizas. Vamos a folha 192 e respondei aos voios tres pontos.

Para o Critico, dizeis, provar alguma coiza ao ponto, devia mostrar uma detrez coizas contra a Arte: 1. erros nas regras: 2. falta das precisas: 3. superfluidade. Tudo isto mostrou o Critico na sua carta, indicando alguns erros, e autores, e dando a ideia da Gramatica. Dizer mais seria compor uma Gramatica, e seria uma grande impropriedade no tal lugar. Pertencia a vós, meu Fr. Arsenio, ler os livros que ele cita, e ver se diz bem, ou mal. Mas como vós as vezes com os fumos que vos sobem á cabeça nam podeis ver o que dizem os autores, repetirei aqui o mesmo que em breve insinua o Critico.

O Alveres na sua Gramatica dá de Syntaxe 247. regras. O Scioppio mostra na sua *Gramatica Filosofica* que nam á mais que 15. regras de Syntaxe regular sem excellam nenhuma. Por esta conta ficam superfluas 232. e fica respondido á vosa terceira propositam. Vamos ao *Novo Metodo de Porto Real*: este dilatando algumas regras do Scioppio, ou para melhor dizer dividindo-as, o mais que dá são 36. regras de toda a Syntaxe: e por esta conta quando menos ficam superfluas 211. E como por estes livros estuda a maior parte da Europa culta, e que sabe o que é necessario para entender os bons autores; segue-se que a maior parte dos sabios reconhecem que á grandes superfluidade na arte de Manuel Alveres.

Vamos à segunda: *Que faltam no Alveres as principais regras de Sintaxe*: isto mostra com evidencia o famoso Espanhol Francilco Sanches na sua *Minerva*, (1) e depois dele o Scioppio, Vossio, Laurenti, Porto, Real, &c.

Quatro são as partes da Gramatica: Etimologia, Sintaxe, Orthografia, e Prozodia: e nas principais occorrem erros no Alveres. Na Etimologia, que explica as vozes, separa o Alveres as coizas, que pertencem aos nomes, e as poem em diferentes lugares, e nam explica tudo o necessario. Primeiro devia explicar os accidentes do Nome, logo os Generos, e depois as Declinaçoens todas. Depois disto devia explicar o Pronome, Verbo, &c. com as explicaçoens necessarias. Esta é a ordem natural. Os Generos reduzem-se a poucas regras, como tambem os Preteritos, como diz o Critico. Onde nisto mesmo se mostra tambem a superfluidade do Alveres.

Na Sintaxe mostram, que o Alveres ignorou quais eram as verdadeiras causas da lingua Latina; e aquêlas particulas occultas pela figura *Elipsis*, as quais regem as partes da orasam, que por engano se ficam attribuindo a outras partes. Estas regras eram precisas, como mostra admiravelmente o dito Sanches, (2) e Scioppio. (3) Por onde se ve, que o Alveres faltou ao principal. Quando Terencio diz: *Paucis te volo. Ego ne illam? qua illum? qua me? qua non?* ou *Noctuas Athenas. Triste lupus stabulis*, &c. estas, e outras semilhantes frases nam se entendem, sem saber as particulas, e figuras que digo. Demais, todas as particulas que faltam, ou sobram, ou estam mudadas de lugar; como tambem o reduzir a sintaxe figurada à sintaxe natural para se entender; tudo isto falta no Alveres.

Da Orthografia nam diz nada o Alveres na sua arte: e com effeito os Jezuitas Italianos unem a esta a Orthografia do Manucio para poderem aprender: e esta é uma parte essencialissima da Gramatica. Na Prozodia, ou quantidade das silabas nam se explica mal, mas podia explicarse melhor. E temos respondido à segunda propozisam. Direis com a vossa celebre Logica, que devia eu provar isto melhor. Nam tenho necessidade, quando cito os Livros, que são bem vulgares. Comprai-os, estudai-os, e entam falaremos.

Daqui saie a resposta à primeira propozisam. Todas as regras que nam explicam a verdadeira cauza da Lingua Latina; digo, a verdadeira regencia, são falsas. Onde entre outras notai estas propozisaoens, que são opostas às de Manuel Alvares.

O Adjectivo nam concorda com o sustantivo proprio, mas com o comuna. O Relativo concorda com o subsequente em genero, numero, e cazo, que é o mesmo antecedente repetido. Nam á mais que duas concordanças.

(1) *Imprimio-se com os Comentários de Scioppio, e Perizonio varias vezes: uma das melhores edisaoens é a de Amsterdã apud Jansenio-Waesburgios 1732.*

(2) *Lib. 4. Minerva.*

(3) *Gramat. Philos. desde'a pag. 120. até 160. da edisam Veneziana de 1728.*

dancias. O Genitivo nam é regido de nenhuma parte mais, que de um sustantivo claro, ou occulto. O Dativo nam é regido de nenhuma parte; mas pode unirse ao Adjectivo, e a todo o Verbo. O Acuzativo nam é regido de nenhuma parte mais, que do verbo finito, ou infinito, ou particípio de significação activa, ou de certas proposições. O Vocativo nam é regido por outra parte, mas mostra somente a quem se dirige o discurso. O Ablativo nam é regido por nenhuma outra parte. Senão pela proposição. Deixo outras que podia trazer.

Estas proposições, a que reduz toda a syntaxe de regencia, (porque a de concordância são poucas palavras) são verdadeiras, e os autores as provam evidentemente. Daqui segue-se, que todas as tuas contraditorias, ou contrarias, que são muitas regras que dá o Alveres, são falsas. E eis aqui fica respondido à primeira proposição.

Isto diz mais claramente o Scioppio, (1) e expõe *septem rationes, quæ conscientis Episcoporum religionem, sive scrupulum injicere debent, ne veterem Grammaticam (Alvari) diutius in Scholis tolerare, sed novam in eas introducere velint.* E a primeira razão que dá é esta: *Vetus Grammatica plena est fraudibus, & mendaciis. Turpe vero est, permitti ut pueris tantus mendaciorum numerus à Magistris, præcipueque Clericis instilletur.* E prova isto com muitas razões.

Isto é tão claro, que o mesmo famoso Laurenti, que por ordem de Clemente XI. compoz uma Grammatica Italiana para uzo de seu Sobrinho o Principe Albani, seguiu o mesmo, que aqui aponto, e tem ao principio um Breve de Innocencio XIII. que o Louva. Contudo Clemente XI. foi um dos milhores Latinos, e Gregos do seu tempo, e tinha estudado por Manuel Alveres. Se vos não capacitais destas razões, lede os taes livros: pois é puerilidade estar eu explicando estas coizas a um oíem, a quem faltam os primeiros principios para as entender. Conhecei a vossa ignorancia, estudaí, e entam falareis com gente: pois disto sabeis tanto, como dos outros estudos Estrangeiros.

Do mais não digo nada, porque vejo que não entendeis a materia: só falarei no Grego, e Ebraico. Vós condenais estes estudos por inveja, como fazem todos os que não sabem as materias. Se vós soubestes que o Concilio geral Vienense no ano 1311. ordenou que nas quatro principais Universidades da Europa se abrissem escolas de linguas Orientais para poderem propagar a Fé no Oriente; conhecerieis que não deixa de ser temeridade condenar o fim que teve um tal Concilio. Pois este mesmo fim existe hoje a respeito dos Ereges; aos quais não poderemos convencer sem saber estas linguas, em que eles se fundam.

Demais, vós ainda não apparestes com bula alguma, que tire a autoridade aos textos sagrados originaes Grego, e Ebraico; nem aos Livros dos

SS.

(1) *In consultation. de studiorum ratione.* consult. 4.

SS. PP. e assim argumentando eu com vosco sobre a intelligencia v. 9. das profecias de Daniel, pois dizervos que nam quero ouvir a versam, mas o texto. Que direis vós neste caso? direis *que sou pouco seguro na f.?* sim senhor, com a mesma razam; com que o dizeis do Barbadinho. Quem sabe Teologia Dogmatica nam diz isto: mas vós que nunca saistes de duas postilas de Escolastica, a tudo o que nam entendeis chamais crezia. Lede o noso Portuguez Diogo de Paiva na *Defeza do Concilio de Trento* l. 2. que mostra exprelamente, que a aprovasam da Vulgata nam tirou a autoridade aos textos: e confesa que á muitas faltas na Vulgata.

Querovos convencer nam com a minha autoridade, mas com a daquela ciclarecida Religiam, que vós com tanta razam louvais, e devein louvar todos os omens pios; a Companhia, digo, de Jesus, a qual diz, e faz o contrario. O P. Petavio, Simonudo, Vavaffeur, e mil outros, que podia nomear, por isto fizeram tam grande figura no mundo literario, e declararam bem os dogmas, porque sabiam estas linguas: e nos milhores Colegios de Europa sim le pratica. O mesmo Fonteca, e Cipriano Suares as sabiam bem. E que omens nam sim estes para fazerem autoridade! Os seis famosos Jezuitas que compozeram o livro intitulado: *Ratio atque institutio Italiorum Societatis Jesu*: ano 1586: querem que os Teologos sabiam Hebraico; e sentem muito que na sua Companhia o estudo da Escritura se deixe por cauza da Escolastica, chamando aos tais, *mutilos ou mancos Theologos*. Nam quero citar mais exemplos, porque estes devem bastar para vós.

Todos, os dias se está vendo a necessidade destas linguas principalmente em Teologos. No ano 1732. me contaram os Religiozos da Companhia, que neste seculo vindo uma nao das Ilhas com dois Jezuitas Portuguezes, arribou a Gibraltar: onde os Ingлезes receberam os tais Jezuitas com grande cortezia, e afabilidade. Certo predicante Inglez os levou a sua caza e conversando com eles em diferentes materias, incidentemente se tocou um ponto Teologico. O Ereje citou um Santo P. Grego: os Jezuitas explicaram o texto da sua cabeça, como costumam os Escolasticos. Onde o Ereje produzio o dito Santo em Grego, para mostrar aos Jezuitas o seu engano. Escuzaram-se estes com dizer, que nam sabiam Grego. Bis aqui o Ereje exclamou: *Miror; Jezuitæ cum scis, ignoretis linguam Græc. am.* E me disseram os mesmos Jezuitas, que referiam o caso, que o dito Ereje dizia bem; porque a lingua Græga era muito necessaria em tudo: e em outras partes os Jezuitas a sabiam com fundamento.

No ano 1727. na misam, em que era Superior o P. Vasconcelos, foram para o Malavar quatro Jezuitas Alemaens, e no de 1729. foram mais dois Alemaens. Conheci aqui em Lisboa um destes, que era o P. Jozé Haussegger da Provincia do Austria, Religiozo de muitas prendas. Perguntando-lhe com confiança de amigo a cauza, porque os PP. Alemaens nam todos para o Malavar, e nam para outras milhoens da China, Cochinchina, &c.

respon-

respondeo-me, que o P. Geral com carta circular mandada ás Províncias de Alemanha, convidava aos Teologos, que tinham acabado a Teologia, para o Malavar; para poderem opor-se aos Erejes Dinamarquezes, que começavam a fazer grande dano no Malavar.

O cazo foi, que os tais Dinamarquezes, que posuem na costa do Malavar o porto de Trankbar, comesaram a catequizar os Indios Malavares, para os afeiçoar ao dominio de Dinamarca. Pela vizinhança do dito porto com as misoens do Maduré, os catequistas Erejes tiveram ocaziam de disputar com os catequistas Catolicos, (catequistas sam os Indios mais cultos, e bem doutrinados pelos Misiónarios, os quais explicam aos outros a doutrina de seus Mestres) os catequistas apelaram para os seus Mestres: e os Erejes, aproveitando-se da conjuntura, dezafiaram os Misiónarios Jezuitas Portuguezes. Vieram à disputa. Os Erejes citaram logo a Escritura, e Tradisam; mas a Escritura em Grego, e Ebraico; os PP. nas linguas em que escreveram, Grega, e Ebraica, Siriaca, &c. Aqui foi ela. Os Portuguezes, que nam estavam costumados àquele modo de argumentar, ficaram pasmados. A Teologia Escolastica, as formalidades Aristotelicas nam tinham forsa contra uns omens, que nam argumentavam com palavrinhas, mas com textos; e com a Istoria. Finalmente por nosos grandes pecados ficaram tam envergonhados e confuzos, que o Vice-Provincial do Malavar escrevendo, como é obrigado todos os anos, ao P. Geral, lhe deo conta do que sucedia. E este zelante Prelado acodio com os PP. Alemaens, que pela vizinhança dos Erejes estudam as Linguas Orientais, e mais Polemica, que Escolastica. E eis aqui tendes, meu Fr. Arsenio, que nam só nos reinos Estrangeiros, mas aqui mesmo em Portugal; e o que mais é de admirar, na mesma India é mil vezes necessario o estudo das Linguas Orientais, e da Teologia Dogmatica; e que a Escolastica nam vale nada.

Isto mesmo se conhece examinando bem as materias. Muitas vezes depende da intelligencia de uma palavra, uma inteira questam gravissima. Porei algum exemplo: A interpretaçam da palavra *Siloh* mostra, se o vaticinio de Jacob pertence ao Messias. Da palavra *Alma* depende a questam, se a Virgem pario sem concurso de omem. Da palavra *Emmanuel*, se em Cristo á uma só pessoa. Frequentemente na lingua Ebraica um *ponto*, ou *suffixo*, ou *letra servil* tira muitas duvidas: v. g. se o primeiro omem foi sepultado em *Hebron*: se o Diabo tomou verdadeiro corpo de serpente: se os pés, e as maons do Messias se deviam pasar com os carvos. Outras vezes com um artigo dos Gregos confutamos os sofismas dos Erejes, quando se examina a Divindade do Verbo, ou a subsistencia do Espirito Santo. Impossivel é que impugnemos bem as erezias antigas, sem saber que coiza é *Omoouston*, *Hypostasis*, *Theotokos*, &c. Nem menos sem a intelligencia do Grego saberemos o que significam os nomes dos livros sagrados, *Genesis*, *Exodus*, *Deuteronomium*, *Paralipomenon*, *Evangelium*, *Apocalypsis*. Desfor-

te que para qualquer parte que nos voltemos na Teologia, vemos a necessidade da Lingua Ebraica, e Grega. Sem falar por agora em mil outras controversias, que sem a intelligencia dos textos Originais nam se alcançam, como conhecem os que abriam livros Dogmaticos. Mas como vós nam entendeis estas materias, nam é muito que condeneis aquilo mesmo, que os omens mais doutos, especialmente os Jezuitas exaltam.

REFLEXAM VI.

Da Reticora.

A Qui comefais com a vofa costumada moderafam, e com doutrinas bem escuzadas. Mas logo concedeis, *que á muitos, ainda entre os Prégadores, que pouco uzam desta arte de falar, e observam mal os preceitos dela: mas que vos nam empurre todo o panal. E o omem nam está de acordo, senam de empurrar todo o panal, ateque vós deis a diversa razam.*

Para provar alguma coiza devieis provar, que avia muitos, que observavam todos os preceitos da Reticora; e responder aos argumentos, que o Critico tira das obras dos ditos Prégadores mais celebres; e mostrar que aquella dispozifam é a milhór da Reticora. O Critico diz que ele nam nega, que algum particularmente estuda bem, e que destes conhece alguns. (1) Mas diz que o comum do Reino prega muito mal. Pertencia a vós mostrar a contraditoria, *que o metodo comum é optimo.* Isto nam fizestes vós: onde fica em pé a difficuldade: e todos os que entendem a materia ficam-se rindo de vós.

*E que culpa tem disto a Reticora de Pomey? muita; porque ella é a Reticora por onde estudam os que sabem mais. E porque nam aponta os erros, que achou no Pomey? Porque crevia a um omem donto que os sabia, e é coiza publica ainda entre os mesmos PP. da Companhia: e o Critico nam tomou por aslmito criticar os Autores, mas apontar o metodo. O P. Menestrier Jezuita doutissimo diz muito mal de Pomey. Mas o que é mais de admirar está nisto: que tendo os Jornalistas da Haya (2) criticado os Jezuitas das Memorias de Trevoux, dizendo que tinham perdido o bom gosto da eloquencia lendo o P. Pomey; os tais Jezuitas se defendem dizendo, que nem o Leram, nem o ensinaram aos estudantes, e que julgam dele o mesmo que o Journalista (3) deste modo: *Se o Journalista da Haya quer saber o que julga da eloquencia a Sociedade de Trevoux, leia a Reticora do P. Cygne, ditada por dois celebres Profesores da Universidade de Paris; as suas Analizes de Cicero; Balbini Quæstia Oratoria, Alberti de Albertis Actio in Eloquencia corruptores, P. Rapin Reflexoens sobre a Eloquencia; P. Gisbert**

(1) Tom. I. pag. 104.

(3) Journal de Trevoux. Dezem-

(2) Mex de Mayo, e Junho 1713. bro 1713. pag. 2096.

Bom gesto da Eloquentia, P. de Poix Arte de pregar. Informe-se em Colegios, os Polignais, os Nicolais, os Lamignonns, os Benois, os Chauvelins, os Dumont, ontens eloquentissimos; em que Colegio tantos Advogados famosos, tantos Pregadores celebres, estudaram Rhetorica, e sentirá ter feito uma satira, que ja a voz publica tem consultado.

Aqui tendes, Fr. Arsenio, que os Jezuitas mais doutos nam so aprovam o que diz o Critico, mas se queixam de que lhe digam, que lem pelo P. Pomey, e condenam tacitamente o Jouveny, de ter feito uma nova edisam ainda que aumentada, e emendada. (1) E se quereis saber que defeitos, tem, lede o famoso critico Morhof, (2) que vos dirá que fomenta explicam bem as figuras, e amplificam; mas que nas regras que dam os outros, em lugar de as explicar bem; embulha, e confunde tudo; e o que diz de sua caza sobre achar as provas na amplificam, e coizas semelhantes, sam ridicularias; e que ensina a falar sem saber o que se diz, como Raimundo Lulo. E aqui vereis a verdade, e moderam com que falou de le o Critico, dizendo somente, que nam tinha metodo, e era obscuro.

Definiz magistralmente, que vale pouco o que diz o Critico satirizando os Pregadores. E como se isto fosse definiam de Concilio, julgais que é superfluo provalo. E ficam em pé todas as dificuldades que promoveo o Critico contra o metodo comum, e esperam ainda a resposta. Dizeis mais, que á dois modos de pregar: um puramente Oratorio sem uso de conceitos, e só apontando os textos da Biblia no sentido literal, como fez o Segneri, e o P. Bourdaloue, outro usando de conceitos tirados do sentido allegorico, que é o de que mais se agradam os Portuguezes, e Espanhoes. Só esta propozisam bastava para mostrar aos inteligentes, que nam sabieis que coiza é Rhetorica.

Meu Fr. Arsenio, nam á mais que um modo de pregar, o qual explica Cicero por estas palavras, *docere, delectare, movere*. (1) Isto é o que ensinaram os Gregos, os Romanos, e os mesmos SS. PP. A Rhetorica é uma só; as regras sam as mesmas em toda a ocaziam; a materia é que pode ser diferente. E quem nam pratica estas regras, nam pode ensinar, agradecer, e mover; e por consequencia nam sabe pregar.

Assim como nenhuma Nasam pode mudar a natureza, e paixoens dos ontens, assim nenhuma pode inventar regras diferentes para excitar estas paixoens. Por forsa devemos praticar aquilo, que a experiencia mostrou ter o unico meio de o coneguir, que sam as regras, que nos deixaram os antigos. Quem saie delas, logo dá em seco, e a experiencia o confirma; porque ninguem fica persuadido, quando nam ouve pregar bem. Por isto agrada

D ii

(1) Em 1712.

(2) *Oratoris est docere, delectare, movere. Primum est necessitatis, alte-*(3) *Polyhist. tom. 1. liv. 6. c. 2. rum suavitatis, tertium victoria. Cicero in Oratore.*

da tanto a todos os que sabem Retorica o Segneri, e Bourdaloue, porque observaram estes preceitos.

Perguntárvos eu, para que fim publicastes esta Apologia? Direis, que para persuadir ao mundo literario, que sois um grande homem, e que o Critico é um grande ignorante. E porque nam conseguistes este fim? a razam é porque nam buscastes argumentos verdadeiros para o persuadir, nem soubestes dar verosimilidade a isto mesmo que escreveltes. E eis aqui tendes, que o fim de quem fala, ou escreve é o persuadir: e quem nam busca os meios de o conteguir, nam é Retorico, mas falador. O mesmo succede nos sermoens: se acazo o Pregador nam diz coizas verdadeiras, claras, e com tal artificio, que as meta pelos olhos, e ouvidos, ninguem faie de la persuadido: nam os ignorantes, porque o nam intendéram: nam os doutos, porque conhecéram os seus defeitos.

Se vós tiveseis estudado a materia, e lido os milhores autores, acharieis que esta é a pura verdade; e que nam á mais regras para prégar, do que para orar em qualquer outra materia; e acharieis que nenhum Retorico nem profano, nem sagrado ensinou nunca tal modo de prégar por-conceitos.

Agostinho Valerio, aquele grande Cardial, e Bispo de Verona, que floreceo nos tempos do Concilio de Trento, sendo rogado por seu amigo S. Carlos Borromei, para que compozese uma *Retorica Eclesiastica*, foi o primeiro (nam falo em Erasmo) que escreveu semilhante Retorica. Mas que faz ele nesta Retorica? No primeiro livro mostra a necessidade da eloquencia para o pulpito: dizendo que deve ser clara, agradável, e ornada. Mostra os defeitos que á neste particular, e ensina a evitalos, e a dilatar os argumentos com os principios de Aristoteles: indicando as fontes donde se devem tirar os argumentos, que sam a Escritura, a Tradisam, os Concilios, os PP. e todos os milhores escritores Eclesiasticos. No segundo livro trata das paixoens segundo a doutrina de Aristoteles, Cicero, e S. Agostinho, que é a mesma. No terceiro trata da locusam, provando a sua necessidade, e aconselhando buscar um Mestre, com quem se aprenda fundamentalmente, ler as orasoens mais eloquentes; e finalmente expoemlhe tudo o que neste particular disseram Aristoteles, Cicero, Quintiliano, Cornificio; acomodando tudo á gravidade de um ministro Evangelico. Isto disse aquele grande Retorico: isto agradou a S. Carlos, que nam era homem de louvar senam coizas utilissimas: e isto praticaram todos os que se seguiram despois. E isto mesmo á proporlam diz o Critico. Onde achais aqui o defeito?

O grande Luiz de Granada Dominicano Espanhol na sua *Retorica Eclesiastica*, segue os mesmos principios de Aristoteles, Cicero, Quintiliano, acomodados ao argumento sagrado. Escreve com mais difuzam que Valerio, mas escreve com os mesmos principios. E notai que o P. Rápin Je-

Jezuita (1) propoem Granada aos seus leitores, como o melhor exemplar dos oradores sagrados.

Fr. Lourenço de Villavicencio Agostiniano Espanhol, no seu livro de *Formandis sacris concionibus* nam se afalta destes principios. Os nolos Observantes dizem o mesmo. Fr. Francisco Panigarola Bispo de Asti Italiano, no seu livro intitulado: *O Pregador, ou Demetrio Falereo de Elocutione, &c. ou a Eloquencia Profana Grega acomodada à Eloquencia sagrada*: mostra que nam á outro modo de pregar. E o mesmo confirma outro Observante igualmente celebrado, que é Fr. Diogo Stella Espanhol no seu tratado de *Modo concionandi*. Este autor explica as coizas com mais individualfiam pelo que respeita aos argumentos, notando os muitos defeitos dos Pregadores do seu tempo: e diz expressamente o que escreve o Critico da divizam do sermam. (2) E notai, que Kekerman autor Breje na sua *Retorica Ecclesiastica*, louva o stella como um dos melhores Retoricos. Todos estes foram do seculo XVI. em que a Eloquencia florescia.

Pafemos ao seculo XVII. O P. Gody Benedictino, um dos omens mais doutos, e pios do seu seculo, no livro *Via ad eloquentiam Christianam* confessa (3) que nam á outras regras para pregar senam as de Aristoteles, Cicero, Quintiliano: e assim o pratica na sua Retorica: e nam faz mais, que em lugar de exemplos profanos dar sagrados tirados da Escriitura, e Padres.

E que diram nesta materia os melhores Doutores da Companhia de Jezus? o mesmo que os outros; nem podiam dizer outra coiza. O P. Cauffino Jezuita ra sua Retorica consagrando trez livros à *Eloquencia Ecclesiastica*, diz claramente (4) que o Pregador deve *des. e a mocidade saber todas as ciencias humanas: que deve saber bem a Historia, os costumes, e uzos do paiz: a Teologia, a Escriitura, os Concilios, a Moral, e Historia Ecclesiastica*. Enfinalhe os preceitos Retoricos dos estilos, &c. (5) e provalhe tudo com exemplos de S. Joam Crizostomo, que é um grande Retorico. O mesmo diz no que pertence aos preceitos o P. Braz Gisbert Jezuita na sua *Eloquencia Cristian*: (6) e o P. de Foix tambem Jezuita: e nam dam outros ditames, senam os dos Gregos, e Romanos.

Os outros melhores autores da Companhia, e que tem nome entre os mais doutos, v. g. o P. Pelletier, Soares, Arriaga, Cresol, Massenio, du Cygne, Rapin, Bouhours, que escreverem Retoricas, ou Reflexoens sobre a Eloquencia, nam falam de coizas separadas: mas propoem uma sorte de regras, e dizem que servem paratudo. Deixo de parte os seculares, que escreveram *Retoricas Ecclesiasticas*, como Monsieur des Bords, de Bre-

(1) *Reflexoens sobre a Eloquencia*, pag. 70. em 4. Franc.

(2) No cap. 23. e 37. e 38.

(3) *Prefasam pag. 7.*

(4) L. XV. p. m. 951.

(5) L. XVI.

(6) Em Francez impresa em Leam.

teville, du Jarry, e outros, que podia citar: os queis todos convem neste ponto, que a materia é a que diverifica o Orador Sagrado do Profano, mas nam as regras.

Temos aqui, Fr. Arsenio, os maiores omens das Religioens Benedictina, Dominicana, Franciscana, Augustiniana, Jezuitica, e do Clero secular, que diferam o mesmo dos Pregadores, e Oradores, desde que se rellableceo a Eloquencia. Nem todos sam Francezes, mas Espanhoes, Italianos, Tudeseos, Portuguezes. E querdes vós agora, que a vosa opiniam valha mais que a dos oraculos nesta materia, venerados por todos os que sabem, que coiza é Rétorica; é mostrar que sois louco. Mostraime um unico Retorico, (nam digo eu algum preocupado, que ese nam prova nada) que tenha aceitafam entre os doutos, e que diga, que á dois modos de prégar, um oratorio, outro por conceitos, que eu me quero desfizer de tudo quanto disse.

Nem me citeis unia ou outra expozifam de S. Agostinho no sentido alegorico. Isto nam prova nada para o cazo: Nem o Critico ate aqui negou, que o sentido alegorico possa ter seu uzo; mas lo condena o abuzo. Se vós tiveis sido os livros de S. Agostinho, que o Critico cita (como era obrigafam vosa, ja que querieis criticar) verieis que diz o mesmo, que diz o Barbadinho.

Nos quatro livros de *Doctrina Christiana* instrue este Santo Doutor os Prégadores. Mas especialmente no quarto lhe encomenda que estudem a Rétorica: (1) e lhes dá os mesmos tres, perceitos de Cicero, eizendo, que se devem explicar em modo tal, *ut audiantur intelligenter, libenter, obedienter*. (2) Ensinah o modo de o conségvir, e os estílos. Finalmente conclue, que nam obstante a diversidade da materia Sagrada, e Profana, a Rétorica nam dá diferentes regras; para unia, do que para outra: e diz, que nam deve o Prégador desprezar nada do que os Mestres da eloquencia ensinam, porque tudo é util.

Lede, Fr. Arsenio, este S. Doutor, que foi o primeiro e unico, que tratou esta materia entre os PP. (3) e vereis que em cada folha defmente a vosa opiniam, e a dos vossos sequazes: e que vos diz claramente, que nem sabeis prégar, nem pódeis entender o que o Critico diz dos sermoens, porque vos faltam os principios. Assim que neste particular tudo o que dizeis é para móstrar a vosa incapacidade: porque asentando naquele principio de todos os Retoricos, que se deve prégar como diz S. Agostinho, segue-se que os que o nam executam, nam prégam, mas falam, e muito mal. Pelo que se quereis provar alguma coiza, deveis provar primeiro, que o que diz o Critico dos Prégadores Portuguezes é falso: segundo, que o que diz S. Agostinho, e todos os Retoricos Eclesiasticos nam

(1) L. IV. n. 3.

(2) Ibid. n. 38.

(3) Agostinho Valerio na *Prefasam da sua Rétorica Eclesiastica*.

nam vale nada: terceiro, que o modo de pregar de Espanha, e Portugal é o unico, e verdadeiro para persuadir. Em quanto nam provaes isto nam provaes nada: e so provaes que vos metestes a falar no que nam entendieis.

E agora entendereis a razão, porque o Critico nam condena o P. Suares: porque ele nam escrevia para condenar a Natam, mas para lhe mostrar os defeitos dos Autores, e ensina a evitalos. E como o Suares é um dos melhores autores da Companhia, que escreveu um belo compendio de Retorica tirado de Aristoteles, Cicero, Quintiliano, e mui bem escrito em Latini; por isto o nam condenou. Condena sim aqueles, que nam fazendo caso de tam bom compendio, (como vós que nunca o lleses) se ter- vem do Pomey, e outros semelhantes embrulhadores.

Verdade é que este mesmo Soares tem algum defeito: porque no primeiro livro confunde a abundancia do Orador com a amplificação. Nam aponta nem o tempo, nem o lugar da amplificação. Nam distingue bem as paixões. Diz muito pouco dos costumes Oratórios. Querendo dar regras para a memoria, contra a experiencia. Mas estes defeitos pode um Mestre facilmente advertir e supir, e o compendio tirando isto é ottimo.

O que dizeis no penultimo paragrafo merece compaixão. 1. Confundiz o sentido da Escritura com o mau uzo, que dele fazem os Pregadores, como se este dependesse daquele. 2. Confundiz as exposições dos SS. PP. com os sermoens. 3. Quereis provar isto com S. Jeronimo, sendo um dos PP. que falou, e orou melhor: e para isto citais algumas palavras, e nam olhais para as outras obras suas. Citais S. Gregorio Magno, sem saber que em materia de eloquencia foi dos que soube menos: e com tanto allegorizar se afastou das regras dos outros PP. e de S. Agostinho: ele mesmo confessa, que cometia muitos erros contra a Retorica, e Gramatica. (1) E quem faz isto nam é bom autor de Retorica. Mas vós que nam sabeis nada da Istoria Literaria, e nunca abristes os melhores livros, entendeis que todo o mato é ouregam. Outro officio, meu Fr. Arsenio, que o criticar nam é para vós.

Daqui faie a resposta para o que diz o Critico do P. Vieira. Ele louva no Vieira (2) a capacidade, a piedade, a doutrina, a intelligencia das coizas politicas. Isto chama-se Louvar, e nam satirizar. Acrescenta porém, que se se applicase a outro estilo, e florecele em outro seculo seria o maior homem do mundo. Em tudo isto o Barbadinho fala com grande

(1) Unde & ipsam artem loquendi quam magisteria disciplina exterioris insinuant, servare despexi. Nam sicut huius quoque epistola tenor enunciat, non metacrisi collisionem effugio, non barbarismi confusionem devito: stus,

motusque praepositionum, casusque ser- vare contemno: quia indignum vehe- menter existimo, ut verba coelestis ora- culi restringam sub regulis Donati. Gregor. Pap. in Vedic. Moral.

(2) Tom. I. pag. 174

moderavam, e respeito. Diz mais, que o Vieira seguindo o metodo moderno dos Espanhoes se afastou do verdadeiro modo de prégár. E tambem nisto diz a verdade.

O Vieira era um grande omem, e se floreceo oje abisnaria o mundo. Soube prégár, e conheceo a verdade, mas nam quiz prégár, porque achou Portugal preocupado com os estilos Espanhoes, e foilhe necessario conformar-se com eles: e porque mudou alguma coiza no estilo de prégár teve suas perseguiçoens. Agradou em Roma a alguns, que seguiam as mesmas opinioens dos Espanhoes: porque naquele tempo a Italia tinha algumas preocupaçoes nesta materia. Mas se quereis saber, em que conceito esta oje, que o mundo tem aberto os olhos, mandai-o perguntar a Florença, ou Roma aos milhores Pregadores: La ouvi eu o mesmo, que o Barbadinho conta de si. Mas vòs fazeis muito mal de falar das Nasoens estrangeiras, onde nunca estivestes: e de citar o Segneri, e outros, que vòs nam lestes, nem podieis entender; porque vos saltam os principios, a lingua, e a doutrina.

Einalmente dizeis, que o Barbadinho afirma, que a *Istoria do Futuro é o Clavis Prophetarum*. O Critico nam diz tal: diz sim, que na *Istoria do Futuro dá o Vieira uma ideia do Clavis Prophetarum*. (1) E isto aprendeo ele no mesmo Vieira, que o diz claramente na dita Istoria, afirmando ser um Prologomeno da tal obra. Mas vòs com tanto que injurieis o Barbadinho, nam importa que escrevais calumnias. Como se configa enganar o povo ignorante, com dizer que dezagravais a Nasam, pouco importa que fique dezacreditada a nosa Religiam, com as infinitas falsidades, que nesta chamada Apologia escrevestes.

A concluzam é, que vòs nam respondestes ao Critico; so nos injuriastes a nós, e a vòs. Lede bem, se o podeis fazer, o Barbadinho: (2) estndai bem os autores, que cita; e entam consultareis os sermonarios modernos, e direis o que vos parecem. E lede tambem o *Scrutinium doctrinarum*: é entam vereis se o que disse o Critico dos qualificadores é verdade.

REFLEXAM VII.

Da Poezia.

NA Poetica temos as mesmas incoerencias da Retorica. Em lugar de provar o que devleis, demoraivos com certas palavrinhas; e atribuiuz ao autor o que nam disse. Meu Fr. Arsenio, lembrado estareis, que sempre na Filozofia vos adverti, que o principal ponto de quem argumenta deve ser provar a contraditoria do que lhe negam: e vos adverti muitas vezes,

(1) Tom. I. pag. 169.

(2) Tom. I. pag. 172.

ves, que fazeis o contrario. Cuidava que vos tiveseis emendado; mas vejo que cada ves estais pior: porque nenhuma destas Reflexoens tocais o ponto.

O Critico diz, que Camoens teve grande engenho, e segunda imaginassam, e poderia com estudo desempenhar o argumento da Epopeia, e que naquello tempo é maravilha que escrevesse tambem. (1) Diz mais, que o Camoens, tirando os defeitos que aponta é um dos melhores Poetas Portuguezes.

(2) Vós respondeis que o Critico diz que Camoens nam vale nada: e que quer tirarlhe a estimassam do melhor Poeta Portuguez. (3) Primeira calunnia.

O Critico diz que o Camoens entre muitas boas qualidades teve muitos defeitos: (4) e os refere tanto no Epico, como na Versificassam; e esta critica é prudente. Vós a nada d'isto respondeis. O Critico diz, (5) que Camoens nos Sonetos diz algumas coizas mal. Vós nam tocais este ponto.

O Critico diz (6) que o Chagas cometeo mil erros sustanciais no seu Poema, e cem mil nos Sonetos: e que se serve sempre de palavras sem significado: o que prova com o mesmo Chagas. Vós sem falar, nem responder ao que devéis, contentaivos com dizer, que a frase agradables danos é muito engrasada, e se pode admitir: o que provais de modo tal, que merece compaixam. E o pior é, que confelais em outra parte (7) que os Poetas ainda nam alcançaram a licença de unirem contraditorios.

O Critico diz, (8) que o tal Espanhol, que fez o Soneto ao nariz grande, despois de o ter encarécido tanto, desizera quanto tinha dito com a frioleira de Anaz. Vós dizeis, (9) que o Critico nam quer dar licença aos Poetas para uzarem de iperboles: o que provais com alguns exemplos. E temos outra calunnia. Valha-vos Deos! que nunca aveis de ver nos autores o que dizem; mas somente fantasmas, que nam existem senam na vossa mal regulada imaginassam? Ha nam vi tal cegueira!

O Critico finalmente relata mil defeitos dos Poetas Portuguezes, nados da communicassam com os Espanhoes: e indica o modo de os emendar, correndo por todas as composicoens: Especialmente nota os defeitos dos Elogios lapidares, e outras coizas muito mimozas neste Paiz. E dá os melhores conselhos, que apontam os bons Poeticos, para compor com acerto, e gosto. Vós respondeis a tudo isto, que a noticia destas composicoens nam vos era necessaria, e que o Critico mostra que nam sabe qual é o seu estilo. Serve-lhe a resposta.

O Critico prova tudo quanto diz com os Mestres da Eloquencia antigos, e modernos: e quanto aos Elogios lapidares podia confirmar tudo com os mais doutos Jezuitas, especialmente o P. Jonvency jezuita, que

E. no

(1) Tom. I. p. 214. (2) *Ibid.* 218.

(3) *Reflex. Apolog.* pag. 24.

(4) Tom. I. pag. 215.

(5) Tom. I. pag. 208.

(6) Tom. I. pag. 218.

(7) *Reflex. Apol.* pag. 26.

(8) Tom. I. pag. 133.

(9) *Reflex. Apol.* pag. 25, 26.

no seu *Methodus docendi, & discendi* raz' escarnes do Juglar, e de outros, que o imitam. E' nisto nam diz mais que o que pratica toda a Europa erudita. Quereis saber quanto valem eses Elogios, mandai-os a Roma aos PP. Contucci, e Venturi, que sam oje os milhores Retoricos da Companhia: ou aos PP. Cordara, e Noceti, que sam os milhores Poetas; ou aos PP. Lagomarsilli, e Nicolai, de Florença, que sam os milhores Latinos, e eles vos responderão quanto valem. Ou mandai-os a qualquer das milhores Academias de Italia, ou de das Inscriptoens de Pariz, e ouvireis a resposta.

Compoem um autor de credito em Portugal na Canonizafam dos SS. Luiz Gonzaga, e Stanislas Koska uma Tragedia Latina, e dá-lhe este titulo: *Alcides, & Stanislaus Actor, & Imitator*. Manda-a a Roma para abifinar os Jezuitas Italianos. Elles, que sabem mais do que vós, logo no titulo achavam o essencial defeito da obra; que em uma afam primaria, representa duas; e sem mais artificio refere toda a vida dos Beatos: e lepidamente lhe chamavam *Liber de ortu, & interitu*. Vede agora se a noticia das composicoens particulares e necessaria em Portugal, e se effrou o Critico em apontar os defeitos?

Enfim a conclusam e, que a nada respondestes do que o Critico disse, e provou dos defeitos das Poezias: e que mal consolado das ridicularias, que distestes, concluziz, *quello mais que diz sobre a Poezia Nam me fece resposta, mas total desprova*. Se este o defeito de sua cabeça, podia concedervos isto de barato: mas o casto e, que o disse, e o provou com os milhores autores; e o podia ainda confirmar com os mais doutos da Companhia, como o P. Rapin, e outros; e geralmente com todos os inteligentes da materia, que seguem as mesmas opinioens. Ele nam fez mais, que mostrar nas composicoens Portuguezas os defeitos, que os Mestres da arte mandam evitar: e diz quanto basta para se evitarem. E' nisto mesmo se mostra a vosa loucura, de condenar como coiza sua o que dizem todos os Mestres.

Verdade e, que confessa nam ter muita noticia dos Poetas Portuguezes: mas tem a que basta para mostrar os seus defeitos: e sabe perfeitamente as regras da Poezia, que e o que vós nam sabeis, como mostrais em tudo o que dizeis, especialmente na censura que fazeis ao Soneto, que ele aprouou, em que dizeis coizas bem indignas. E' assim concluímos nós tambem com outra resposta semelhante: *Que nam digo mais, porque nam devo falar com um omem, que nam entende a materia*.

R E L E X A M VIII.

Da Logica.

Cuidava eu, que na Logica dissecis alguma coiza, que viesse mais à propósito; visto ter-vos dado milhores ditames que os comuns, quando vos ditei esta materia; mas vejo que aqui falais pior, do que nas outras; nam obstante o falar tam mal nelas.

Primeiramente duvidais se o que diz o Critico da Istoria Filosofica é verdade. E nisto mostrais a vossa grande ignorancia no que pertence a esta profissam. Depois dizeis que dali nam se tira nada. Nam se tira para vós, que nam sabeis-o que é necessario para as eicencias: mas tira-se para os outros, que querem saber com fundamento o que estudam, e com isto querem responder às falsidades, que os Peripateticos, como vós, dizem nestas materias. E tambem com isto se mostra que a Filosofia moderna, que vós censurais, foi, e é actualmente abraçada por muitos omens grandes, sem serem condenados pela Igreja, e sem que ninguem lhe chame pouco seguros na Fé.

Confessais, que a *Philosofia Experimental* é digna de estimar: e logo acrecentais, que a *Experimental* nam deitoe o sistema Peripatetico. E que provas dais para isto? Sila vai: *Apuram as balanças pa a pesar o ar que parabem se devia fazer a experiencia junto da Lua, onde o ar nam tem mistura de vapores, e exalatoens, que facilmente podem causar este pezo.* Que bela grã, meu Fr. Artenio! Estivestes vós algum dia junto da Lua, para saberes se tem vapores, exalatoens, e atmosfera? ou meditates ja a altura do ar, para saber se chega até a Lua? creio que nam. Pois quando de la vierdes, falaremos entam neste ponto.

Por agora so vos digo, que a Lua é um corpo como a terra solido e opaco, cheio de vales e montes mais altos que os nosos, como confessa o Keplero, (1) Monsieur de la Hire, (2) o P. Riccioli Jezuita (3) e o P. Regnault tambem Jezuita. (4) E Monsieur Cassini vio nela monte, que lhe pareceo ter mais de trez legoas de altura. (5) Se tem atmosfera sensivel, nam o sabemos; ajndaque o podemos suspeitar, visto estar exposta nos raios do Sol. Se tem ar ao redor, nem menos o sabemos. Mas uada disto tem parentesco com o pezo do ar neste noso globo; provado com tantas experiencias, que os mesmos PP. da Companhia mais doutos, e especialmente o dito Regnault dizem ser coiza evidente. Mas isto per-

E ii tence

(1) *Ton Nautia Sidereo*. (4) *Entretiens Phys.* tom. IV. pag.

(2) *Memoires de l'Académie*, 1706. 198.

(5) *Mémoires de l'Académie*, 1724.

(3) *Almagesti*, tom I. l. 4. p. 208. pag. 405. *Histoire de l'Acad.* p. 88.

pag. 110.

tence à Física, onde mostraremos a incompatibilidade das ditas propozicoens.

Confelais, que quanto diz o Critico do Sologismo é ja velho, e que o diz o P. Arriaga. Aqui temos outra falsidade, e calumnia: porque o P. Arriaga nam diz a scista parte do que diz o Critico, e fala só de uma materia. Confelais, que as Filozofias Portuguezas andam cheias de muitas questioens, que se podiam omitir. Pergunto agora, se e cá velho o que diz o Critico, e todos o sabem, para que fazem o contrario? Se o fazem por malicia; sam condenaveis: se por inadvertência, devem-se avizar para que se emendem. E em ambos os cazos deviam agradecer ao Critico, o entinarlhes o verdadeiro caminho de filozofar. O certo é, que isto que vós chamais velho, é aqui tam novo, nam só nas Univerfidades, mas ainda nos conventos, da Corte que geralmente quasi todos fazem o contrario; e se escandalizam quando lhes dizem o que aviza o Critico: como eu vejo nestes nosos Religiozos. As disputas todos os dias crecem nos Univerfais, Smaes, Propozicoens, Silogismos, &c. e a Logica que se devia ensinar nam se ensina.

O Critico diz, (1) que nam á disem só que persuada, que nam seja em virtude de um Silogismo: mas que daqui nam se segue, que sem a noticia distincta do Silogismo nam se possa explicar bem. O que prova com o exemplo do mastigar. Vós dizeis, que o Critico umas vezes aprova, outras condena o Silogismo. Outra calumnia. Valhate Deus para oíhem, que nunca ás-de ler os periodos inteiros, mas troncados!

O critico falando do que os mestres experimentam nos estudantes diz, (2) que se disserem a um dezes, que o ramo é final do vinho pelos termos comuns, logo entende: se pelos termos Filozoficos, que com dificuldade entende. Vós separando a propozicao do contexto, dizeis que o exemplo é uma frioleira; pois se falarem a um rapaz em latim, nam entenderá ainda que a fraze seja clara. E temos outra calumnia. Meu P. o Critico no mesmo paragrafo diz ambas as coizas: e vós nam deveis separar uma propozicao do contexto para o calumniar. O Critico condena o que se diz no *Priori*, e *Posteriori* da Logica: e esta nam se explica aos rusticos, e idiotas, mas a Filozofos principiantes. Onde tudo o que dizeis é uma mera parvoíce, como pode ver quem ler o dito paragrafo.

O Critico deste a pag. 308. explica cum titulo expreso a *Ideia da Logica*, que pode ser util: enlinando de que nasce a necessidade da Logica: como se adquirem os conhecimentos: dando a divizam das ideias relativamente aos trez objetos, *Modos*, *Substancias*, e *Relacoens*: explicando o que significam estas trez vozes: explicando a diversidade dos conhecimentos, especialmente dos Univerfais; a diversidade dos Juizos; a natureza do Raciocinio. Daqui passa ás causas dos nosos erros, e as explica em breve. Depois dá o método de os evitar; expando as principais leis do método Analitico, e Sintetico; e o modo de disputar. E alim em poucas palavras diz a

(1) Tom. 1. p. 249.

(2) Tom. 1. pag. 243.

substancia das melhores Logicas, com a ordem que lhe pareceo mais natural: e nisto emprega 30. paragrafos bons. Vós copiando as seis regras, em que trata do metodo Analitico, dizeis expressamente, *que o omem prometendo dar uma idea da boa Logica, nam diz mais que as ditas quatro palavras.* Pode aver calunnia, temeridade, e dezaforo semelhante! (é palavra vosa.) E sofre-se no mundo tal modo de ecrever, e calunniar, sem aver quem vos castigue por semelhante temeridade! E nam quereis que os nosos PP. digam que sois um ignorante prezunido sem o minimo fundamento; e que na Religiam Serafica nunca se costumou inventar mentiras para criticar os Escriitores?

Aquelas quatro leis, que o autor indica em poucas palavras, nam se dictam assim aos estudantes; mas cada uma delas se explica, e prova com exemplos, como se pode ver nas Logicas modernas, principalmente de Brescia, Soria, Corfini, que nam sam Jansenistas, e tratam isto com difuzam. Mas nam quero agora perder o meu tempo, ensinando-vos o que nam sabeis: só vos digo, que lendo esta vosa reflexam, o que tiro é, que admitiz a verdade de tudo quanto diz o Barbadinho: mas que para dezafogar a vosa raiva, e inveja, no mesmo tempo o injuriais com manifesta calunnia, sem advertir que vos condenais a vós mesmo.

R E F L E X A M IX.

Da Metafizica.

TEndo o Critico mostrado evidentemente a inutilidade, e impertinencia da Metafizica vulgar, e o prejuizo que fazem os que demoram a mocidade com semelhantes arengas; vós passando por tudo isto com grande desembaraço sem responder uma só palavra, soamente reparais em quatro coizas: Primeira, que diga que a Metafizica é inseparavel da Logica, e Fizica. Segunda, que critique o Peijoo. Terceira, que critique as formas distintas. Quarta, que critique os atos primeiros proximos, e remotos. E concluz dizendo, *que o mais, que se lê na carta, nem prova contra os estudos da Metafizica; nem impugna os principios Aristotelicos.* Isto sim, que é um novo modo de criticar.

Vós nam respondeis a nada do que o Critico diz contra os defeitos da Metafizica; logo tem razam o Critico no que diz, e vós nenhuma em o concordar: muito mais, porque confesais no fim, *que nestas materias á muita questam impertinente.* E que chamais a isto? criticar a carta da Metafizica? a isto chamiam todos nam responder, nem provar coiza alguma: antes fazer-se ridiculo. Se quereis concluir alguma coiza deveis mostrar, *que ou que diz o Critico dos Metafizicos vulgares era falso, ou que só assim se devja tratar a Metafizica: e que aquella ciencia assim tratada era utilissima.* Em quanto nam provais isto, nam provais nada. Mas

Mas que ridicularias nam dizeis em cada uma das ditas quatro notas? Na primeira definiu, que todas as coizas deste mundo se podem tratar debaixo do titulo de Metaphisica: mas que isto nam impede; que se possam tratar estas partes do Bute separadas, e divididas em varias materias. Que profundo pensamento! nam se diz coiza millhor! Mas que tiramos nos daqui contra o que diz o Critico? isto deixo eu a considerasam dos que lerem ambas as coizas, as Cartas, e as Reflexoens.

Vamos a segunda. Dizeis, *que a maior culpa, que o Critico dá ao Feijoo é, porque nos seus Livros se aproveitou do que traziam os outros.* Temos outra calunnia. O Critico fala do Feijoo nos trez ultimos paragrafos da Tua Carta; (1) e nestes trez ultimos paragrafos nam se achara tal proposisam como esta. O Critico responde aos que em Portugal diziam, que ninguem podia ser douto em Critica, e Philozofia Moderna, sem ter lido o Feijoo: e prova que isto é uma falsidade. Confesa porem, *que o Feijoo tem muita coiza boa, mas que alguma coiza, que na Fexica diz menos má, é o que tirou das Coleçoens das Academias Regias.* Mas adverte, que niso mesmo tem muita coiza má; e que pelo menos é inutil a um Philozofio; aos outros pode ser util. E onde se acha aqui a proposisam, que dizeis?

Mas vós como possais meter a facada, e injurjar o Barbadinho, nam se vos dá, de que seja calumniozamente. E nam vedes, que todos se riam de vós; porque o Critico nam condena quem se serve dos outros autores, antes aconselha a leitura deles todos os instantes; e mil vezes responde ao seu amigo, que o que diz nam é de sua caza, mas dos millhores autores, de quem o tirou: e nas ocazioens necessarias até cita nas notas os palos originais. Tal é a vossa cegueira, que nem isto vedes.

Mas eu ja entendo porque incaixastes aqui o Feijoo: foi para dizer, que ele nam condenava ninguem pelos seus nomes; e inveir novamente por este principio contra o Critico. Mas quem vos poderá crer? O Feijoo nomeia nas suas obras todos os autores que critica, antigos, e modernos. E porque nomiou alguns Religiozos, como a Savonarola, teve perseguisoens terriveis; e foi necessario que respondese com apologias. Porque nas Espanhas ainda nam se introduzio a critica, e muitos que nam entendem bem as materias, chamam às criticas satiras, como a do Barbadinho; e as satiras criticas, como a esta vossa. Ao mais que dizeis da estimasam da obra, nam quero responder, porque responde pelo Critico toda Lisboa, alem de outros Reinos estrangeiros.

Diz o Critico, *que quem tem boa Logica, nam tem necessidade do Feijoo, para aprender a discorrer bem.* Dizeis vós; *Como se a Logica fosse um conglobado de todas as coizas!* Meu Fr. Arsenio, isto é nam saber entender o que diz o Barbadinho. Ele nam diz que a Logica seja globo de illatorias, como vós dizeis: diz que a Logica; ou boa razam applicada a qual-

(1) Tom. 2. pag. 17. 18. 19.

quer materia; fará o mesmo que o Feijoo; e pode ser que melhor, porque o Feijoo errou em muitas coizas substanciais.

Mas que importa que o Critico nomeie as pessoas, se fala somente dos estudos, e fala com respeito dos mortos, e vivos? Sem duvida queis que fizese o que fez um certo moderno, que louvou todos os aptores, ainda aqueles, que nem menos se deviam nomiar: e eu me achei presente a varios discursos, que fizeram os doutos, principalmente Estrangeiros, que estalavam contra.

Porem curja vejo que o Critico fez mal. Devia abstrair a razam de erros, de livros, de varios metodos *in genere*: depois dilo abstrair a razam de autor, e reduzila ao genero sumo de futiliza por meio das precizoens formais: e reduzila ao estado, em que o Chagas poz aquele pe pequeno da Dama, que era necessaria uma fe particular para o conhecer. Isto posto, entregar estas razoes genericas ao hnte da razam, e pedirhe que as destilasse em um lambique bem metalizico, para produzirem a razam summa de metodo: e imprimir nesta razam generica de *Metodo*, que sem duvida seria um livro utilissimo para a reforma dos estudos.

Na terceira começais com uma falsidade, dizendo que depois da Critica, que o Barbudinho faz ao Feijoo, *se segue uma grande reppenjam, que dá nos Peripateticos sobre o admittirem as formas distintas*. Isto é falso: porque depois da critica do Feijoo nem se segue nada na dita carta. Mas vós escrevestes isto de noite. Porem a vossa critica responderei na Teologia, porque vai incluída na terceira Reflexam.

Vamos a quarta nota. Fazeis aqui um longo discurso, condenando o autor de ter criticado os atos primeiros *proximos*, e *remotos*, e provais largamente que estas palavras são muito claras: Meu P. o Critico mostra entender muito bem estas palavras: o que não quer entender é a arenga, que com ellas se forma na Fizica, e Metalizica. E tem razam; porque os mesmos Peripateticos mais doutos dizem que é uma embrulhada terrível. Mas alemos he que a reflexam seja leve, que vem a ser isto para as infinitas coizas de substantia, que o autor critica nos Metalizicos? Por ventura é este todo o arguniento da carta? Bem se vê logo, que vós dormiéis, quando escrevestes isto, ou que não sabiés como diviéis criticar.

REFLEXAM - X.

Da Fizica.

Udava eu, que vos passésse a Fizica sem falar nela. Mas ainda que não teuhais nada que dizer, como se vê; contudo sempre queis arranhar o Critico. Desde o principio mostrais a vossa ignorancia Filozofica dizendo, *que se pode conservar a Fizica experimental com a Aristotelica, porque as ex-*

perjon-

periencias nam destroem o sistema Aristotelico. Meu Fr. Arsenio, unir estas duas coizas é unir dois contraditorios. Em primeiro lugar vós nam entendeis que coiza é Física experimental, porque confundiz a pratica com a especulativa. Se tiveseis lido, e entendido bem o Barbadinho, (1) verieis entam que coiza era Física.

A Física comprehende duas partes: uma *Istorica*, que refere todos os fenomenos, e os instrumentos, com que se descobriam: a outra é *Discursiva*, que é a Ciencia, que examina a natureza do corpo mediante os effeitos que vemos. Para isto é necessaria a Matematica, como prova no dito lugar o Bardinho. Desorte que o Físico moderno para explicar qualquer fenomeno, só se serve dos principios da Matematica, que sam eydentes, ou para melhor dizer, com as leis do movimento explica todos os fenomenos.

Daqui saie por legitima consequencia, que um Físico moderno nam pode admitir o sistema Aristotelico. Explicome com alguns exemplos. Primeiro: Passando o raio da luz obliquamente de um meio mais raro para outro mais denso, v. g. do ar para a agoa, ou pelo contrario, nam progue por linha direita; mas ou se inclina, ou se afasta da perpendicular. Um objecto visto por uma lente parece muito maior, e os raios vizuais fazem maior angulo na retina. O Prisma de cristal separa sempre os sinco, ou sete raios de diferentes cores, de que se forma a luz; o que admitem todas as Academias. Um moderno prova aqui evidentemente que a luz é corpo, porque encontrando outro reflete, ou se refringe; o que nam faria se fosse qualidade. O Peripatetico, que chama à luz qualidade, isto é, nam corpo, nam pode explicar estes fenomenos.

Segundo: Um vidro verde pizado é branco. A pedra negra pizada faz-se branca. A pedra rustica a lizada toma outra cor. O pauo encarnado molhado parece mais escuro, &c. O moderno, que confessa que a luz é um corpo, responde, que mudada a superficie do corpo, ou occupada com a agoa, deve a luz refletir diferentemente para os olhos, e produzir diferente sensafam neles, que é o mesmo que diferente cor. Aristotelico nam diz, nem pode dizer nada.

Terceiro: A agoa, o vinho, e a mesma tinta bem batidas com um pau fazem uma escuma branca: a agoa com o sabao faz a mesma escuma. Aquela brancura nam é sonho, é coiza que existe, e que todos vem, e dura bastante tempo. Contudo desfazendo-se a escuma, tornam aqueles corpos a adquirir a sua antiga cor. Daqui segue-se que a cor nam é uma qualidade distinta; mas que da parte do objecto é a diversa configurafam da materia, e a diversa modificalam da luz: e da parte da potencia a diversa afesam produzida nos olhos: E la vai pelos ares a cor Peripatetica.

Quarto: Um corpo odorifero, v. g. uma roza à proporfam que perde o cheiro, perde tambem o corpo; e se vai secando. Daqui tira o moder-

no, que o cheiro são as partículas que se exalam do corpo odorífero, e ferem as membranas interiores do nariz: e por consequência que nam é qualidade Peripatetica.

Quinto: A luz refletindo dos corpos para os olhos, (a que chamam especies vizuais) segundo a diversa configurasam do umor cristalino, representa o objeto maior, ou menor na retina: como se vê nos Presbitas, e Miopes. As qualidades nam tem contato com o corpo, ou quantidade: logo as especies imprensas nam são qualidades Peripateticas, mas um corpo *quanto*, que é a luz.

Sexto: Os animais, como mostra a Anatomia, vivem em quanto o sangue perfeitamente circula no corpo; (e isto confirma o Critico na sua carta da Medicina com o exemplo de Boerhaave) o sangue circula em quanto nam se coagula, ou rarefaz extremamente, ou em quanto se nam rompe algum vaso necessario para conservar a maquina. A alma inteligente nam sabe nada disto que passa no corpo: e assim nam é a que faz este fenomeno. Daqui tira o Moderno, que o que anima os viventes nam é a alma inteligente, mas o dito sangue. E la vai pelos ares a alma informante, e complemente da materia, a forma cadaverica, e outras destas ridicularias.

Setimo: Todos os animais, sem excetuar o omem, nacam do ovo, como mostram as observaçoens dos famosos Lecuvenock, e outros: Logo nam á tal semente que se corrompa, para se lhe introduzir a forma de omem, como dizem os Peripateticos.

Oitavo: A pasta, que se cria entre os dentes, dizem os Peripateticos, que tem sua materia e forma particular. Os modernos mostram com o microscopio, que nam é outra coisa mais que uma congerie de bichinhos: e ja temos que nam á tal forma Peripatetica.

Nono: Um animal metido em um almofariz, e pizado quotidianamente, reduz-se a polme, e liquido. O trigo pizado faz-se em farinha, e se depois de feito em pani seco se torna a pizar, torna outra vez a ser farinha. O almofariz nam tem virtude de produzir novas formas: e nada ali se produzio de novo. Contudo o polme nam é animal, nem a farinha é trigo, ou pam. Logo a diversa modificasam da materia é, a que faz um novo composto. E la vai regeitada a forma substancial Aristotelica.

Decimo: O ferro, e aço, conforme dizem os Peripateticos, tem duas formas substanciais diferentes. Contudo os modernos do ferro formam aço sem produzir nada de novo. Com que nam á tal forma Peripatetica.

Deixo mil outras experiencias, que provam que o sistema moderno nam se pode unir com o Peripatetico. Estas bastam para mostrar a falsidade da vossa propozisam: (1) *que ainda que sue agoa pela testa, nam é*

F

de provar, que estas experiencias deſtroem o ſistema Ariſtotelico: (1) que todos os instrumentos da Mecanica nam deſfazem o ſistema de Ariſtoteles, nem ate aqui ſe pode provar. Nam o provam para nós, pois nam ſabeis nem ſistema moderno, nem mecanico, nem coiza alguma deſtas. Mas para aqueles que o entendem é iſto verdade tam certa, que ate os meſmos Jezuitas modernos, que nam obſtante a proibição do ſeu Geral, ſe rezolveram a eſcrever Philoſofia moderna, moſtram evidentemente que os ſistemas ſão incompativeis, como o P. Caſtel, e Regnault, alem de outros. E quando abraſam o ſistema moderno, logo regeitam o Peripatetico.

Nem pode ſer de outra ſorte: porque o ſistema moderno nam conſiſte na iſtoria das experiencias, como vós ſupondes: (e ainda neſe caſo as melhores experiencias nam ſe podiam explicar no ſistema Ariſtotelico) conſiſte ſim nos principios, que ſe abraſam para as explicar. E como os principios dos melhores modernos ſejam as leis do movimento, com as quais explicam tudo: ſegue ſe, que para darem razão de cada fenomeno, devem explicar como a materia movida localmente aſim, ou aſim, poſa produzir o tal fenomeno. Os Peripateticos nam explicam nada por movimento de produſam. Logo quem abraſa o ſistema moderno, nam pode abraſar o Ariſtotelico, que é diametralmente contrario. Se vós ſoubefeis bem, que coiza ſignifica eſta palavra *ſistema*, nam direis, que as experiencias, e instrumentos eram o ſistema moderno: e conſequentemente que eſte era compativel com o Peripatetico.

Dizeis mais, que o ſistema de Cartezio á muitos ſeculos que morreo: e que os Eſpanhoes, -que tem o juizo em ſeu lugar, prohibiram os livros deſte, e os mandáram ſepultar na cova do deſprezo. (2) Niſto meſmo tornais a moſtrar a voſa ignorancia. O Cartezio morreo em 1650. e ainda que os Jezuitas em França, Flandres lhe foram contrarios, eſes meſmos Jezuitas no fim do ſeculo paſado, e no prezente o abraſam em França, e Flandres, e oje muitos Religiozos o defendem.

O ſistema de Cartezio nam é o ſistema moderno, que inculca o Critico; mas outro diferente. O ſistema de Cartezio conſiſte na ipotezi, que fez para as experiencias. O ſervirſe delas, e explicaſas por outro modo, fizeram no meſmo tempo o Galilei; o Bacon de Verulamio; o Merſeno, o Gazendo, e mil outros ſem dependencia de Cartezio. O ſistema que inculca o Critico é o ſistema experimental do Galilei, reformado pelo Newton. Mas como vós nam ſabeis nada diſto, tenho ueceſſidade de vos eſtar enſinando todos os iſtantes, como a uma crianſa, que comeſa a aprender.

O comum dos Eſpanhoes nam faz autoridade em materia de Philoſofia, porque ſeguem os meſmos prejuizos dos Portuguezes. Mas os Eſpanhoes, que tem o juizo em ſeu lugar, fundáram em Sevilha, e Madrid duas

Aca-

(1) Ibid. pag. 32.

(2) Reflex. Apolog. pag. 33.

Academias de Física experimental, e Medicina, segundo o estylo das de França, para introduzirem no reino a boa Filozofia, e deitaram abaixo as parvoíces da Aristotelica, como confessa o voso mesmo oraculo Feijoo, no 7. tomo falando da Medicina. E dai-lhe tempo, que vós vereis que os Espanhoes, que sam os unicos que faltam, abriram deforte os olhos, queda Aristotelica nam se ouvirá mais que o nome.

Falais em *Platam*, *Epicuro*, *Anaxagoras*, *Empedocles*, e a estes uniz os *Chimicos*. Pode aver confiança semelhante! querer falar na historia da antiga Filozofia um omem, que nem ao menos ouvio dizer que avia tal historia no mundo! O melhor está em unires os *Chimicos*, que floreceram no XVI. e XVII. seculo, com os Antigos: e cuidares que tendes exaurido todos os sistemas, quando nem meos nomeastes a quinquagezima parte.

Finalmente concluz decretoriamente, que examinados todos os sistemas, veio-se a concluir que o de Aristoteles concordava mais com os dogmas da Religiam. Meu Fr. Arsenio, os que concluíram isto foram os que sabiam tanto como vós: porque os SS. PP. concluíram o contrario; que nam avia sistema mais contrario à Religiam, que o de Aristoteles: e o mesmo concluiu no seculo pasado o famoso Conringio, que foi o mais apaixonado por Aristoteles. (1) Sabei que os PP. antigos reprovaram todos os sistemas inteiros, por conhecerem que continham muitos erros: e de todos, a saber dos Platonicos, Stoicos, Aristotelicos, Egipcios, Pitagoricos, &c. tiraram o que entenderam melhor, e que se podia unir com a Religiam: mas especialmente reprovaram o sistema de Aristoteles, por defender tres erros, que deitroem o principal fundamento da nosa Religiam. Porque Aristoteles negou a Providencia Divina; affirmou que o mundo era eterno, e que a nosa alma era mortal. E por cauza destes tres erros todos os melhores PP. dos primeiros seis seculos inveiram contra ele, como Justino, Clemente Alexandrino, Lactancio, Atanzio, Bazilio Magno, Gregorio Nileno, e Nazianzeno, Epifanio, Ambrozio, Crisostomo, Jeronimo, Agostinho, Teodoreto, e outros muitos. Lede o famoso Launoio, autor catolico, Francez, que traz todas as autoridades por extenso, e relata todos os erros de Aristoteles contrarios à nosa Religiam. (2)

E por esta mesma razam agradou mais Platam aos primeiros PP. porque tinha menos erros. E se ao despois os modernos no XII. e XIII. seculo introduziram Aristoteles, nem por isto introduziram o sistema, mas as opinioens separadas. E os que quizeram ao despois introduzir o verdadeiro sistema tirado das suas obras, como o Pomponacio, Cremonino, Cezalvino, e outros, caíram em muitos erros, e foram condemnados pelo Concilio Lateranente. Vede se concorda isto com o que vós dizeis.

F ii

Le

(1) *Conringiana*.(2) *De varia fortuna Aristotelis in Scholis Parisiensibus, c. I. §. 2.*

Lede com atensam o Critico, e vereis que as obras de Aristoteles foram queimadas por ordem do Concilio Senonense no ano 1209. pelas erezias que produziam. E que por alguns seculos foram proibidas pelos Papas: mas como isto vos nam serve, por iso o occultais para poder columniar.

Dizeis mais, que sendo necessaria a Matematica para a Fizica, fica muito mais difficultozo o estudo da Filozofia. Se vós o nam entendeis, porque nam sabeis que coiza é Matematica, que culpa tem diso o Critico, que o explica muito bem; (1) e nos reinos Estrangeiros o entendem, onde a Filozofia por aquele estilo se acaba em dois anos, e sabem mais do que vós.

A outra reflexam, de que o Critico por toda a parte inculca a Geografia, tambem é vosa, isto é, *falsa*. O Critico inculca o talestudo, onde é necessario, e onde o inculcam todos os omens grandes, que trataram a dita materia. Mas como vós nestas coizas nam sois juiz competente, apela ele para os que entendem as facultades.

Finalmente concluz esta famoza critica dizendo, que se o Jezuita dise, que posta a experiencia da agoa introduzida na bola de bronze ja cheias de agoa, sa pelos ares toda a sua Filozofia; era ignorante, ou maliciozo: porque isto nam obsta a nenhum dogma Aristotelico: e basta que lo diga yo.

Explicai-me vós no sistema Aristotelico por meio das quatro qualidades a dita experiencia. Certamente com os principios de Aristoteles nunca a explicareis: logo dise bem o Jezuita, que a sua Filozofia nam servia para estas experiencias. Para o ar estar nos vacuos das particulas da agoa, é necessario que a agoa conste de particulas de figura particular, que o possam receber: é necessario que o ar seja preezo entre esas particulas: é necessario que o ar se possa comprimir: é necessario que conste de particulas ramozas para terem virtude elastica. E la vai a forma Aristotelica do ar, e agoa. Para o bronze se dilatar, e deixar sair ou a agoa, ou o ar pelos poros, é necessario que o tenha: e isto nam concorda com a forma Peripatetica dos metais.

Mas seja muito embora isto mau, pior que tudo é a historia do agoadeiro; e a razam que dais é verdadeiramente de agoadeiro. Devieis provar primeiro, que cada mariola bebeo igual quantidade de agoa da sua quarta: segundo, que a agoa que ficou em ambas era muita mais do que a que podia caber em huma so. Em quanto nam provais isto, falais como agoadeiro, e nam como Fizico: e mostrais que sabeis tanto de experiencias, como das outras materias.

Esta é toda a vosa critica à carta Fizica do Barbadinho. E como nem tendes mais que dizer, nem ao menos esse pouco que distestes, ainda quando fosse verdade, obsta ao sistema do Barbadinho, e aos belissimos con-

conselhos, que dá em matéria de Física, em que mostra erudifam, e conhecimento profundissimo, seguese claramente, que nam respondestes a coiza alguma; e que fica em pé tudo quanto disse o Critico contra a Física deste reino: esperando que fazeis algumas experiencias na Lua, para destruir o que dizem as milhores Academias da Europa, donde o Critico o tirou.

O que dizeis das formas accidentais fica para a Teologia.

R E L E X A M XI.

Da *Etica*.

Nesta Reflexam cauza orror ver as muitas falsidades, e puerilidades que dizeis, por nam entender o que diz o Critico na sua carta. Tenho obervado que falando vós muito mal em todas as materias, quando falais nas ciencias, e muito principalmente naquelas, que tem mais conexam com a vossa profissam, ainda falais pior, e mostrais total ignorancia dos principios e fundamentos. Mas como eu tenho tomado o empenho de vos ensinar nestas materias, darvos-ei uma breve lisam.

A primeira coiza que vós nam entendeis na prezente materia é que coiza seja *Etica*, e que coiza seja *Teologia moral*: porque se o entendeis, acharieis a intelligencia das propozicoens, que diz o Critico; e a resposta a todas as falsidades que escreveis. Muito bem o explica o Critico; (1) mas vós estais costumado a nam ver nele o que diz.

A *Etica* ensina a conhecer qual é noso fim, e dirigir, para conseguir todas as nosas ascoens: (2) mas tudo somente com os ditames tirados da razam natural, sem fazer memoria alguma da revelasam sobre natural: a isto chamamos *Religion natural*. A *Teologia moral* mostra ao omem o mesmo fim, e o conduz a elle, tirando os seus ditames do que Deus nos relevou ou em palavra, ou em escrito.

Daqui vem, que ainda que a *Etica* ensine o omem a conformar-se com a boa razam, para evitar os vicios; como com a luz somente da razam nam se alcança qual é a verdadeira origem destes males, que é o pecado de noso primeiro Pai: (posto o qual nós nam temos foras bastantes para nos livrar de todos os vicios, mas necessitamos da graia de Crit-

(1) Tom 2. pag. 53.

(2) *Summum bonum si ignoretur, videndi rationem ignorari necesse est. Ex quo tantus error consequitur, ut, quem in portum se recipiant, scire non possint. Cognitis autem rerum finibus,*

cum intelligitur quid sit & bonorum extremum, & malorum; inventa vita via est, conformatioque omnium officiorum... Hoc constituto in Philosophia, constitua sunt omnia. Cicero de Finibus, l. 5. c. 15.

Cristo mediador) segue-se que a Etica, que nam conhece esta graça, nam pode dela deduzir os preceitos para emendar perfeitamente os costumes: e somente ensina a emendar alguns vícios; mas nam pode conduzir o homem ao seu fim, e á sua maior felicidade

Esta é a razão, porque ainda que entre os antigos Filozofos se achassem muitos, que conhecêram confuzamente a Deus, e obráram bem em alguns pontos; (1) contudo nam obráram bem em tudo, porque se guiáram somente pela luz da razão, a qual nam dá noticia da graça de Cristo: e nam puzeram por principio fundamental da sua Etica o amor de Deus, e nam resistiram para ele a bondade das nossas afoens. A Teologia porem, supondo ja sabido tudo o que diz a Etica, supre aquillo que falta na pura Etica, porque como se funda nas verdades reveladas, daqui tira a verdadeira origem da nossa infelicidade, que foi o primeiro peccado; e a necessidade que temos da graça de Cristo, para regular as afoens, e conseguir a maior felicidade, que é Deus: propoem os meios, que Deus revelou para isto; e desta sorte ensina muitas coizas, e muitas obrigaçoens ao homem, (aque os Filozofos chamam *officios*) as quais nam ensina a pura Etica, ou razão natural.

Daqui se segue, que nem a pura Etica basta para regular as afoens dos homens: nem a pura Teologia sem a Etica basta para persuadir a todos: porque a razão, e revelação tem vinculo necessario, e de ambas se compoem este todo da religião, que nós devemos seguir, e defender. Aquella justifica os motivos da nossa religião; porque mostra aos Filozofos Idolatras, que os Teologos nam introduzem senão aquellas maximas, que a mesma razão persuade, e diferam os antigos Filozofos. Esta explica aos mesmos Filozofos aquillo que eles confuzamente entendiam, e lhes mostra, que para conseguir o homem o seu fim nam basta somente a religião natural, mas se requerem outras muitas coizas.

Os Moralistas comumente confundem estas duas coizas; e misturando a razão natural com a revelação, fazem uma selada de materias. Os Modernos porem separam estas profissoens, para proceder com clareza, e fundamento; e juntamente para mostrar, que as coizas que aconselha, e manda a nossa religião, são tam dignas de se receberem, que a maior parte delas praticáram os antigos Filozofos, guiados somente pela luz da razão.

Esta separação de materias é necessaria para reduzir os Deístas à nossa religião: e por esta cauza os Teologos modernos tem escrito tam belos tratados da *Religião natural*, para mostrar aos Ateos a existencia de Deus: para dela tirar os principios da religião natural contra os Deístas: e para do

(1) *Gentes, quæ legem (positivam) legem non habentes ipsi sibi sunt lex non habent., naturaliter ea quæ Legis Paulus ad Rom. c. 2. (positivæ) sunt, faciunt: hujusmodi*

dô conhecimento da religião natural, mostrar evidentemente a necessidade da revelação, ou da religião sobrenatural; que é a nossa religião Cristã.

Isto é o que diz o Critico, e isto entendem muito bem todos os que sabem que coisa é Teologia; quais são as erezias modernas, e o como se convencem. E daqui claramente se mostra, que tudo quanto dizeis na dita Reflexão, procede de que ignorais estas materias, e de que sois um Teologo de agoa doce, que não sabeis mais, que quatro possilas bem uzuais.

A vossa primeira proposição é esta: *Se a Teologia ensina a conformar-se com a lei natural, e positiva, e também alguns officios, que o Filozofista ignora, que necessidade tem o Teologo da Etica?* Respondo: Tem a mesma necessidade, que tem a Teologia Sobrenatural da Natural: porque a Moral é a Etica sobrenatural; e a Etica é o Moral natural. E assim como nenhum Teologo até aqui duvidou da necessidade da Teologia natural; assim também nenhum deve duvidar da necessidade da Etica, ou do Moral natural. E assim como a Teologia natural serve para convencer os Ateos, assim a Etica serve para convencer os Deístas.

Certamente que para um homem crer o que Deus disse, basta saber o *Credo*: e para obrar bem, basta saber os *Mandamentos*. Mas isto é fê de carvoeiro, não de Teologo, o qual deve saber porque cre, e convencer os outros que não creem. E daqui se segue, que tudo o mais, que dizeis naquele parágrafo sobre a autoridade dos Filozofos, são parvoíces; e provem de que não entendeis o que o autor disse, nem o que acima tenho explicado. Estudai a materia, e não fazeis absoluta uma proposição, que tem sentido determinado.

A segunda proposição é: *que a Etica dissonha os homens para receber a religião est error prior.* O erro está da vossa parte, em não saberdes, que avia Deístas no mundo; dos quais está cheia a Europa, e contra os quais tem escrito os mesmos erjes, como o Clarke, o Derham, o Jaquelot, e muitos outros; e de não saberdes, que o famoso Boyle fundou uma cadeira de Teologia natural em Londres, para defender a Religião Natural contra os Libertinos de Inglaterra, que são os mais prejudiciais erjes entre todos. Mas isto para vós é pior do que o Grego, e Hebraico.

Vós mesmo, sem querer, o confessais dizendo, *que aos Gentios basta provar, que os preceitos do Decalogo são conformes aos ditames da razão.* E quais são estes ditames da razão, se não as leis da Etica? Demais, se o Gentio disser que não são conformes, como lho aveis de provar senão com as razões, que acima digo tiradas da Etica? Bem se vê logo, que destas materias não sabeis nada; e contudo tendes atrevimento para dizer, *que tudo isto se ensina Melhor na Cartilha, do que na Etica.* Outro officio, meu P. Arsenio, que destas materias sabeis muito pouco, ou nada.

A terceira propozizão é; *que nam entende o que significa*: A Teologia reconhece a origem da natureza corrupta; A Teologia aponta os meios tirados da revelaçã; e *que sam coizas escurissimas*. Nam me admiro nada; porque isto succede a quem nunca estudou as materias, como vós. Mas que culpa tem diso o Critico, que o explica muito bem, como acima tenho declarado. O melhor está, em que fazendo do sambenito gala, confessais aqui, *que nam sabeis Grego, nem Hebreo*: nam vos envergonhando de que saia tal blasfemia literaria da boca um omem, que quer criticar as materias dogmaticas. Aqui entra bem a resposta do Ereje de Gibraltar: *Mirror, Jesuita cum sitis; ignoretis linguam Græcam*. O que dizeis dos officios (cuja palavra nam entendeis) é verdadeiramente digno da vosa grande capacidade, e modestia.

O Critico diz, (1) que aconselhára a alguns Jurisconsultos, e Teologos Moralistas principiantes (destes é que se fala no tal lugar) seus amigos, que decorassem bem as regras de Direito; *porque nos cazos repentinos quem as possue, e entende bem, julga melhor qualquer cazo, do que os que afeitam exquisita erudissim*. Vós truncando a propozizão dizeis somente que *basta saber as regras de Direito para os cazos repentinos*; e acarretais mil cazos sem pés; nem cabeça, para provar, que o Critico disse mal.

Meu Fr. Arsenio, isto é uma calumnia, e ignorancia. Calumnia, porque vós troncastes a propozizão, tirando-lhe as palavras, e *as entende bem*, as quais mostram, que o autor nam disse se applicassem cegamente mas com juizo, e reflexam. Ignorancia, porque nem o autor diz que se applicuem sem reflexam, nem isto se segue doque ele diz. E se fosse licito interpretar assim as propozizoens absolutas, o mesmo argumento se podia voltar contra os dez mandamentos, que sem se entenderem, nam se podem aplicar bem. E contudo esta propozizão: *Quem sabe os mandamentos, sabe todas as leis para obrar bem*: é verdadeira, e ninguem a pode censurar, senam uma cabeça, como a vosa.

Diz mais o Critico, ponderando que a falta da Etica produz mil defeitos nos Moralistas: (2) *Os Cazustas comumente nam dam razam do que dizem, mas apontam somente os autores Cazustas, donde o receberam; os quais nem menos asnam razam, mas fundam-se em outros antecedentes*. Vós aqui fazendo um cazo reservado, exclamais contra a ignorancia do Critico. Mas a ignorancia está em vós; por nam considerardes, que o Critico nam nega absolutamente que eles dem algumas vezes alguma razam, como se vê de palavra comumente; mas nega que dem pela maior parte boas razoens, tiradas da razam natural, e da Etica: o que confirma comparando-os com Cicero, Seneca, Plutarco.

Abri a summa do Buzenbaum, do Potestas, &c. e vereis que a razam confis-

(1) Tom. 2. pag. 54.

(2) Tom. 2. pag. 53.

confiste às vezes em uma regrinha muito piquenina; outras vezes nem isto; e logo passam acitar os autores. E estas razões que dão, tiram-nas cegamente dos outros que citam, sem as deduzir da boa razão natural: e nenhum toma o trabalho de as examinar fundamentalmente; que é o que diz o Critico. Mas vós nunca vedes senão o que quereis.

O Critico quer dizer ali aquilo mesmo, que tem dito os melhores Teólogos da Europa, e entre eles o douto P. Tirso Gonzales Geral dos Jesuítas, e os dois Jesuítas Rebelo, e Comitolo escrevendo contra o *Probabilismo*. Sabe o Critico muito bem, que os Moralistas por falta da boa Etica, e por introduzirem da muita Metafizica pessima tem introduzido o *Laxiorismo* na Teologia debaixo do nome de *Probabilismo*: e que daqui tem nascido a maior parte das proposições condenadas, que traz o voso Lacroix no principio da sua Teologia. Sabe que esta questão tam debatida no seculo passado abriu os olhos aos Teólogos, pois de entam para cá todos os que tem escrito com fundamento, seguem as opiniões mais provaveis, conforme os concelhos dos Concilios, Padres, e boa razão. Sabe que os Erejes escarnecem os Casuistas pela mesma razão: e que muitos deles neste ponto (tirando algumas coizas) escreveram melhor do que os tais Casuistas. Sabe que o famoso P. Concina Dominicano moderno escreveu em Roma belissimos livros contra esta casta de Moralistas, ensinándolhes, de que fontes devem tirar as suas resoluções: e que foi muito louvado pelos Papas. E sabendo tudo isto, contentou-se de tocar somente a materia, porque falava com quem o entendia. Mas se quereis saber mais, lede o dito P. Concina na *Historia do Probabilismo*, na *Quaresma Apelante*, e nas suas cartas contra o P. Benzi Jesuita, que ele vos dará a demazia.

Cauza compaixam ver o que dizeis nos dois paragrafos seguintes, em materias de Direito natural: e mais que tudo, o confirmalo com a autoridade de Aristoteles; quando na vossa opinião os Eticos são superfluos, e na minha Aristoteles não prova nada no dito caso.

Aqui entra de novo outra inepcia: que para saber que coisa é vicio, é necessario consultar a Teologia especulativa na materia de *Actibus humanis*. Irram Arsenio, isto é uma ignorancia: porque os vicios mostram-se com a boa razão na Etica; e o que os Teólogos dizem de bom nesta materia, da Etica o tomam, como acima disse. Além d'isto o Critico não fala das virtudes sobrenaturais, nem dos vicios opostos a estas virtudes, que estes pertencem ao Teologo: fala sim das virtudes naturais do entendimento, e vontade, e vicios a elas opostos; no sentido em que falam os Eticos Gentios, Panecio, e Cicero, e o voso Aristoteles, que trata de *Virtutibus*; que é o que vós não entendestes. Concluz pois com uma sátira, a qual, examinada palavra por palavra, mais se acomoda a vós, do que ao Critico.

No penultimo paragrafo com a vossa costumada sinceridade chamais sátira ao que o Critico aconselha aos Nobres: sem advertires que ele lou-

va uns, reprova outros, e nam nomeia ninguem: e isto segundo os vossos mesmos principios nam é satira. Satira é o que vós dizeis neste paragrafo, e o fim com que o dizeis, que muito bem se sabe. Aqui mesmo vejo outra ignorancia vosa: que tomais a *fidalgua espiritual* no sentido ecclesiastico, e sobrenatural, devendo tomala no sentido do paragrafo acima. E o que tem mais grafa é que confirmais isto com os Epicos. Finalmente concluiz, mostrando a vosa ignorancia, com dizer que o Critico inculca a *Astrologia*. Nam achareis tal propozisam em todas as obras do Critico: antes ele condena, como devem fazer todos os bons Filozofos, e Catholicos. Mas vós, que sois Cafre nestas materias de erudisam, nam sabeis, que *Astronomia*, e *Astrologia* sam coizas muito diferentes: e nem menos sabeis que o Critico nam fala exprefamente na Astronomia como tal.

Porem eu ja nam tenho paciencia para estar ensinando rapazes. Somentemente digo, que os nosos Padres atentaram, que vós nam entendestes nada do que diz o Critico: nam impugnastes a necessidade da Etica; e muito menos confutastes o metodo, que ele aponta: mas tomastes somente algumas palavras separadas, que nam entendestes, para o calumniar. E assim fica em pé tudo quanto o Critico aconselha nesta parte da Filozofia.

REFLEXAM XII.

Da Medicina.

Entre tudo, o que se contem nestas vossas Reflexoens, o que fez mais vontade de rir aos nosos Padres foi, o ver nelas o titulo de *Medicina*. Quando soubestes vós, ou estudastes Medicina? ou quando ao menos sonhastes fabela, ou estudala? Que flato foi este, Fr. Arienio? donde falo esta nova ideia? Falemos sem paixam: qual foi o voso fim em publicar estas Reflexoens? foi o parecer ridiculo em toda a materia? Suponho que sim: pois de outra forte nam cairieis em semelhante arrojo.

Tendes vós lido todos os autores, que cita o Critico? aposto que nam vistes nenhum. Pois sem esa noticia sois louco em falar em uma materia, que o Critico disputa com tal penetrasam, erudisam, e bom gosto, que asentaram todos os que tem voto, ainda os mais apaixonados contra ele; que era das milhores cartas, e mais utilis a este Reino. E chamais satira a uma coiza tam importante, como ensinar aos omens a conservar, e recuperar a saude? Isto só bastava para vos desterrarem de outro qualquer Reino, como omem prejudicial à Republica.

Mas vamos à vosa Critica; a qual se reduz a tres coizas, calumnia, ignorancia, e invetiva. Diz o Critico (1) falando das qualidades do bom Cirurgiam: *que todos os Medicos devem ao menos saber a teoria da Cirurgia,*

para ensinar: o *Cirurgiam em caso de erro*: e o confirma com Iocrates, e Cornelio Celso, que foram Medicos, e Cirurgioens, e com outros modernos. Dizeis vós, que nesta sua critica quer que os Medicos sejam Cirurgioens, e que dá uma razam forte, porque em Lisboa á um Medico que é *Cirurgiam-mór*: e aqui fazeis uma lamuria eterna. Primeira calumnia. O Critico nam dá tal razam: dá sim a razam intrinseca da necessidade da ciencia no *Cirurgiam*; e semente 10. folhas antes da tal pagina, falando da Anatomia; incidentemente tinha tocado o caso do *Cirurgiam-mór*. Contudo isto em uma; e outra parte fica em pé, que o Medico deve ser *Anatomico*, e *Cirurgiam*.

Dizeis mais, que a Anatomia se estuda em Portugal pelas estampas, e que por final algumas nam concordam. E que a Anatomia é menos necessaria ao Medico, que ao *Cirurgiam*. Mandai estudar um relojoeiro por estampas, e dizeilhe ao despois, que vos fasa um relógio de minuetes. Pois o mesmo succederá ao *Anatomico* por estampas. Primeira ignorancia.

Dizeis mais, que o Medico só pode conjecturar a cauza da doenza. Concedo: vamos adiante: O ponto é indagar qual seja o principio do mal, e qual deve ser o remedio. Ajuda para isto a experiencia, e bom discurso. Concedo tudo: que tiramos daqui? Para isto serve muito pouco a Anatomia. Segunda ignorancia. Como pode discorrer o Medico com acerto, se ele nam sabe quais são as partes de que se compoem o vivente? Ide falar nestas matérias: com os negros de Angola, ja que nam entendeis o que dizeis.

Dizeis mais, que o Critico fala da artereotomia, como de coisa usual, que devem saber os Cirurgioens. Que temos contra isto, P. Mestre? ai vai a bala: Esta casta de sangria na cabeça é muito perigosa, e nas mais partes perigosissima. Logo nam se deve saber? bela consequencia! Temos outra ignorancia. Tambem a paracentesi no peito, a trapanasam do cerebro, a ligadura da aneurisma, a cozedura da rotura, o tirar a pedra da bexiga, o tirar a catarata dos olhos, o cortar uma perna, são operasoens mui perigosas; e nem por isto os Cirurgioens as devem ignorar, ou omitir nas ocazioens necessarias. Seria millhor que estiveleis a dormir, do que a escrever.

Conta o Critico, (1) que um seu amigo Florentino casualmente aconselhou a outro, aplicar o nabo pizado ás almorçimas, e que lhe succedera bem; e conta isto para fazer escarneo dos remedios; como se vê no dito paragrafo. Dizeis vós, que a cura se fez com olio de nabos, Segunda calumnia. E logo aqui entra uma invetiva, como se o omem disese alguma propositam de *Jansenio*.

Refere o Critico siuco paginas antes desta, que o Curvo a tribute ao olio de nabos á cura de certas berbulhas: e diz que o nam prova bem. Dizeis poreim vós aqui, que o Critico no caso do Florentino, que o remedio tal vez estivesse no olio, e nam nos nabos. E temos outra calumnia: porque o

Critico fala em dois cazos bem diferentes, e em diferentes Lugares.

Mas estejam ja todos os Medicos bem atentos, que S. Paternidade fale agora com um aforismo muito util para sarar todos os doentes do mundo, e reformar a Medicina da Europa. Tenham pois entendido todas as Academias de Petersburg, Berlin, Leopoldina; de Pariz, de Montpelier, de Londres, de Edimburgo, de Madrid, e de Sevilha: Saibam todos os Medicos modernos da Europa, que ja daqui por diante nam am-de duvidar, *se os simplicis, que entram nos segredos, fazem o seu efeito; e muito menos experimentar cadaum separadamente*; sub pena de incorrerem na indignasam de S. P. que para todos deve ser a mais sensivel: e recebem com a possível venerasam todos os segredos ja introduzidos; porque S. Paternidade, que é o Fizico-môr do espacio innaginario, sabe de certo, *que se entre eles vai algum superfluo, nam é nocivo, que é o que basta*.

E tambem fiquem advirtidos, de nam dizerem mal do metodo dos Arabes, e de Galeno; porque S. P. muito Reverenda nam gosta diso; e sabe de certo por noticias muito particulares, que achou nos seus Archivos, que os Arabes tinham excelente metodo: da mesma sorte que um negro (seu conhecido) do Certam de Angola tinha uma Filozofia particular para curar Eticos: e quazi quazi que esteve para dizer, que tinha fido chamado para Prezidente da Academia das Ciencias de Pariz. E assim nam devemos dizer mal da Galenica, porque veio da Arabia.

Temos aqui outra falsidade: porque o Critico nam diz mal de Galeno, antes o louva, e lhe chama *bom Interprete de Ipoocrates, bom Anatomico do seu tempo, bom observador*. Diz samente que nam deo razã das cauzas das doensas, porque era Ipotetico, e Aristotelico. E pela mesma razã reprovã os Arabes, mas nam por serem Arabes. Porem se os leitores quizerem neste cazo do negro de Angola uzar da solusam, que S. P. dá nos cazos, que conta o Critico, nam seria mui justo pedir-lhe, que nos trouxese a autentica do dito cazo? Porque estes Pirronicos modernos nam crem nada, senã o que se lhes mostra com evidencia.

Aqui acha mais duas propozicoens galantes, e ambas falsas. Primeira: *que muito do que aqui dix o Critico, foi feito em Francez*. E eu pela noticia que tenho dos autores, vejo que o Critico se servio muito mais dos Inglezes, e Olandezes, e tambem Tudescos; o que ele mesmo confessa: o que nam leo as citaçoens samente, mas sim os melhores autores in fonte, como será facil mostrar.

A segunda propozisam é: *que as tais noticias se escreverã, nam para dizer mal de Galeno, mas para mostrar, que quem seguise o metodo daquele Medico, o podia estudar pelo modo, que a se aponta*. E tambem isto é falso; porque o autor nos livros que leo, e cita, acha que o fizeram expressamente para mostrar que Galeno neste tempo ja nam serve. E leo por autores originaes, onde eu acho as mesmas coizas, que ele diz. E um omem

de tam grande erudifam nam tinha neccidade de livrinhos. Mas ainda que seja verdade, o que nam nega, que alguns Francezes tratafem a mefma materia, porque fequem os mefmos principios; ifto nam prova nada contra o que ele diz, antes o confirma. Pertenciavos pois a vós mostrar, que o omem dife mal; e nam excogitar eftas faldas, que fãm folufoens de leigo. E de caminho vos advirtimos, que nam digais mal dos livros em doze; porque vale mais um destes livrinhos, que os votos dois de folha, como julgãram os que os leram.

Mas aqui temos outro argumento infolovel. *Fora de Portugal avendo Medicos de fama, morrem tantos Reis, e Fidalgos, como em Portugal. Logo aqueles Medicos modernos nam fãm milhores, que os Galenicos.* Ifto fim, que fe chama *argumentar ad hominem*. Eu refpondo: No Certam de Angola, e nos do Brazil, na Etiopia, na Tartaria Perfia, China, Japam, &c. a gente vive tanto como em Portugal, e talvez mais; como nos enftnam os Itinerarios mais celebres. Logo os Medicos daquelas Nafcoens fãm tam bons como os Portuguezes, e muito milhores. A folufam è a mefma.

Dizeis mais; *que fe a experiencia mofta, que Galeno manda fangrar, e purgar a tempo, e com ifo alivia o doente; que nos importa, que a fua Filtrofia feja de fta, ou daquela caffa?* Temos outra ignorancia. Esta propozifam envolve contraditorios. Nam pode mostrar a experiencia, (que è o mefmo que a constante obfervalam; porque um, ou dois cazos nam fe chamam experiencia) que o omem manda fangrar, e purgar a tempo, fe acazo ele nam forma jufta ideia da enfermidade. Nam pode formar jufta ideia da enfermidade, fem primeiro formar jufta ideia do corpo, e fuas partes; (que è a Anatomia;) e jufta ideia das doenfas, que fe podem formar nelas; (que è a Teoria) e jufta ideia do remedio, (que è a Fizica) Ora eifaqui temos, que para o Medico purgar a tempo è neccario que feja bom Fizico.

È è coiza ridicula cuidar, que o bom Medico disputa de que partes infenfiveis fe compoem os corpos, como vos fupondes. Ja o Critico tinha advirtido que ifo nam era neccario: (1) pois nem ainda o puro Fizico pode falar nifo eom fundamento. Onde fe tivefeis lido o autor na dita pagina, acharieis a refpofa a tudo o que dizeis aqui; pois nenhum parentico tem os principios infenfiveis dos corpos com as leis da Mecanica, que fãm as neccarias para o Medico, e as que o Autor encomenda, e fe nam acham em Galeno, e menos nos Galenicos.

Finalmente S. P. è tam verfado na Medicina, que até fabe perfectamente curar os cavalos, como mostra no ultimo paragrafo. E conclue dizendo, *que os sistemas modernos tanto fervem para a cura do pleuriz, como a lingua dos pretos para entender Latim.* Mas nós, que nam sabemos tantas coizas, dizemos que S. P. aqui nam fabe que coiza è *sistema*: e cui-

da

da que as opiniões particulares são os sistemas da Filozofia, ou Medicina. Leia o Daniel Clerico na *Historia da Medicina*, que ele lhe ensinará que coiza são *sistemas*, que eu agora não tenho tempo, nem paciencia para isto. E respondo a S. P. que é pena não se ter applicado ás curas, que disse acima, porque sem duvida seria um estupendo alveitar.

Concluamos pois, que tudo quanto dizeis nesta vossa Reflexam, não justifica os vicios, que o Critico condena; nem desfaz o metodo que ele aponta; nem finalmente condena as proposições separadas, que o Critico escreve. E assim devemos todos reconhecer nele, que epilogou em poucas palavras o melhor metodo da Europa.

R E F L E X A M XIII.

Do Direito Civil, e Canonico.

Quando vi este titulo pasnei, de que sendo vós tão vasto de noticias, e tão abundante de conhecimentos, que tendes cabedal para falar em toda as materias, que não entendéis; ajunteis em um titulo duas materias tão difficultozas, em que o Critico falou com tanto fundamento; e tão copiozas, que bastavam para dar argumento a muitas cartas. Mas sem duvida no vobro Vocabulario o *Direito Canonico*, e *Civil*, são a mesma coiza; assim como tambem já vimos que *Etica*, e *Theologia Moral*, *Grammatica*, e *Latinidade*; *Astronomia*, e *Astrologia*; *Opiniones particulares*, e *Sistemas*; tudo eram a mesma coiza.

Mas vamos a isto. Se em todas as cartas (dizeis) manifesta o Critico a sua vaidade, e mal fundada presunção, nesta, e na seguinte parece mentecado. Se é pouco, perdoe por agora, que em outra ocasião lhe darão maior esmola. E os nosos PP. disseram a uma voz, que se em todas as Reflexões vós mostrais a vossa ignorancia, nesta pareceis que não ao menos tendes alma racional.

Ponho já de parte a vossa singular Logica, que vos ensina nunca provar contra o principal ponto, que diz o Critico; mas ir buscando arredores para arranhar. Quinze paragrafos contém esta vossa Reflexam, nos quaes se acha uma invetiva continuada desde a primeira palavra até a última; e nenhum argumento para deitar abaixo o que diz o Critico. E este é o vosso modo de censurar? isto é o que eu vos ensinei? Perdoe Deus a quem vos ordenou de mais.

O primeiro paragrafo é todo satira, e calumnia; porque o Critico não nega, que em Portugal se saiba Direito: diz sim (1) que se estuda com muito trabalho, e sem metodo: e comumente fala aqui dos estudantes, e Bachareis: e vós applicais tudo aos Mestres com manifesta calumnia.

(1) Tom. 2. pag. 116. 117.

lumnia. O segundo, e terceiro paragrafos contém uma noticia, que nós daiis dos estudantes da Universidade; como se o Critico necessitasse de tal noticia. Com tudo isto não respondeis ao que ele escreve. Ele diz, que nenhum deles Bachareis, que vós louvais tanto, fez nunca a lisa de ponto para o leu ato: e que daqui se prova que não sabem; porque se souberam bem, não necessitariam de que outrem lhe fizesse. Diz mais, que todo o estudo daqueles oito anos se reduz regularmente a um, ou dois; e que o mais tempo se perde. E isto são fatos notorios; que ninguém pode negar.

Diz mais, que o metodo, com que ensinam aos estudantes o Direito, não pode produzir outro efeito; porque não comem pela Historia, e Etica, que são as fontes do Direito Romano. Diz mais, que estes, que estudam pouco, ou nada, como são todos os matriculas, que são infinitos, depois com o exercicio do foro fazem a sua obrigação também como os outros. E daqui colho, que o estudo da Universidade não servio a estes de nada. E isto também são fatos notorios. E que respondeis vós a tudo isto? nada. Onde seria melhor não teres falado em metodo, nem em Direito.

No terceiro paragrafo são um Lente da Universidade dizendo, que sendo o Direito uma estrada de muitas Legoas, ele so teria andado uma Legoa. Que prova isto contra o que diz o Critico? Ele argumenta com a razão intrinseca; e vós respondeis com a autoridade de um homem, que não sabemos quem é, nem se sabia o que dizia: e ainda concedendo que fosse doutissimo, não prova nada; porque podia entendelo assim, e erra. Por um que vós citais, cita ele muitos Jurisconsultos dos maiores homens; que conhecêram estes dois ultimos séculos; que não souberam Direito muito melhor do que esse vosso Jurisconsulto; mas souberam mil outras coisas, que o tal Jurisconsulto nunca souhou saber. Vale mais a autoridade somente de *Hug. Grotio* em materia de Leis, que todos os voos Jurisconsultos: e assim o julga toda a Europa. E isto prova novamente contra vós, que quem estuda com metodo, pode saber muito mais, que o que diz o Jurisconsulto das legoas.

Mas vós fallaes no tal Jurisconsulto: para poder picar o Critico com a costumada *patientaria* de dizer, que aquillo o dizem os autores *Francizes*: como se isto provasse alguma coisa contra ele; ou como se aquillo o não dissem também os *Inglezes*, *Olandezes*, *Italianos*, e *Tudescos*! E aqui acho uma vossa proposição, que me parece de preto bufal: *Nem nos persuadimos também, que bastem os atos para a formatura, ou doutoramento; porque o letrado faz se, como diz *Waddingio*.* Podê-se dar cafride semelhante!

O quarto paragrafo contém outra calumnias. O Critico diz, (1) que

quem nam sabe Politica, nam pode fazer a sua obrigafam em nenhum emprego publico; e vai nomeando brevemente todos os empregos. Vós applicando o documento fomento ao Conselho Ultramarino dizeis, que o Critico diz, *que naquele Tribunal fo se devem admitir pessoas, que tenham visto mundo; porque se nam sabem o que vai la por fora, nam saberam votar com a certeza necessaria em os negocios, que pertencem ás terras de fora do reino: Como tambem nam pode tratar negocios, que tocam com as outras Cortes, quem nam tem andado por elas.* E que vos parece esta calunnia? pois asim costumais vós fazer.

E para provar se sois louco, basta ler o que aqui dizeis dos Capitães, Pilotos, Carpiuteiros, e Marchantes. E deveis de caminho saber, que uma coiza sam *axiomas*, e outra *arbitrios*, e *maximas*. Mas esta propriedade de termos nam é para vós.

Mas va ja por uma vez esta nao ao mar, e saia finalmente do re-trete de S. P. uma maxima Politica, capaz de fazer tremer os millores gabinetes da Europa. E qual será? ela vai: *que para estes empregos basta a praxe do que se tem ordenado em semelhantes cazos, . . . e o mesmo bastará para o Conselho de Estado, e mais Tribunais.* Mas os Reis da Europa, que praticam o contrario, poderam tambem defenderse com o exemplo de Portugal, que nam costuma regularmente entregar as Secretarias de Estado, senam a quem saio fora: e nam á diversa razam para os Con-selheiros, *proportione servata*. E o Critico póde ajuntar a isto a autoridade de D. Luiz da Cunha e do Conde de Tarouca, que vós ocultastes, porque vos nam servia: e pode tambem provar com evidencia, que os que nam saíram de Portugal, discorrem nestas materias como vós; que é o mais que se pode encarecer.

Nam podeis entender, como os Interpretes fizem mais embara-sado o texto de S. Tomáz: pois é bem claro: Atribuindolhe coizas, que ele nunca disse: Fingindo sentenças, que ele nunca fohou; e tirando daquí questoes, que nam se deviam tirar; e de quatro regras, que ele escreveu, formando dez cadernos superfluamente. Se os Comentadores tivessem explicado bem claramente S. Tomáz, porque nam aviam de concordar os Tomistas todos na intelligencia do texto? porque razam os outros, como o Vasques, &c. que o explicam, nam seguem as mesmas opinioens. Este é o mesmo cazo de Aristoteles. Porque os Escolasticos o quizeram explicar a seu modo, por isto oje os que lem o texto com o socorro da Historia, e Critica, acham nele coizas bem diferentes do que disseram os Escolasticos. Mas eu vou entrando muito na *Historia Critica da Filozofia*, que é coiza que vós nunca lestes, nem ouvistes.

No decimo paragrafo saie a vosa erudifam legal a revelarnos, que tambem a Rota revoga o que primeiro tinha firmado. A noticia é bem recondita! O Critico nem tal sabia, nem tinha lido o Cardial de Luca, nem con-

consultado, e conferido as Decisões antigas de *Seraphino* com as *Reccen-
tiores*, nem com as *Volantes*, nem com aquelas que chamam *Coram*, x. g. *Coram Molines*, *Coram Falconerio*, *Coram Capraria*, &c. Mas que coiza
boa saie daqui? *Logo nam prova; que ca nam tenhamos bons Juristas, quod
erat demonstrandum.* Grande Jurisconsulto, e Matemático se perdeu em
vós. O *quod erat demonstrandum* era, que o metodo era muito mau; e isto
está provado evidentemente.

O undecimo, e duodecimo paragrafo tem coizas de grande confi-
derasam. Primeiro ordena S. P. que nam estudem os Juristas o Grego,
porque tudo isto está em Latim: e nam devemos por novo pezo aos Ju-
ristas. Em segundo lugar, que nam estudem Istoria Romana, e Eccliazia-
tica: porque basta saber o que manda a lei, sem ser necessario saber, se
foi promulgada neste, ou naquelle cazo. Afim o ordena S. P. e ninguem
lhe pode replicar. E ainda que lhe digam, que nos outros reinos os rapa-
zes saiem das escolas do Latim com o Grego sabido: e que para saber o
que a lei manda, é muito necessario saber o fim, porque foi promulgada,
e o tempo, &c. Isto nam importa nada; porque como S. P. nam quer,
nam tenios mais remedio, que calarnos: ou dizer que o Papa, e mais Prin-
cipes fazem muito mal em consentir nas suas Universidades cadeiras de Istoria,
porque é uma coiza superflua, e prejudicial ao Direito. Finalmen-
te nisto para a vosa Critica do Direito Civil.

A do Direito Canonico tem so tres paragrafos, e contem isto. Pri-
meiro que o Critico nam dá fundamentos para dizer que ca nam se sabe
Direito Canonico. Isto é falso; porque o Critico só tem por fim, mostrar
os defeitos do metodo, comque se estuda, e apontar o modo de os emen-
dar: e isto tem ele conseguido. Em segundo lugar, *que suiba o Critico,
que Gregorio XIII. mandou expurgar os erros de Graciano.* Grande omem!
chapidissimo Doutor é este noso Fr. Arsenio! nam se pode dizer coiza mi-
lhor, nem mais erndita, e profunda! E quem vos mandou, Fr. Arsenio,
esta noticia tam particular? como a podestes pescar? sem duvida tendes
vigilantissimas espias em Roma dentro do gabinete; porque de outra sorte
nam era possível descobrir semihantê noticia. Vede se podeis descobrir ou-
tra; que vos diga, que Graciano escreveu com bom metodo, e que fez
uma obra util, e digna de ser explicada com preferencia aos outros. que
esta noticia seria mais necessaria para o ponto.

E que diria o noso Fr. Arsenio, se as suas espias lhe avizassem, que
Pio IV. e Pio V. antes de Gregorio XIII. ja tinham mandado emendar o
Graciano; e tudo estava feito antes do ultimo Papa? que diria, se ouvi-
se, que o Van-Mastrich imprimio em Lipsia o Graciano com as Institui-
çoens de Lanceloto, e belissimas notas? e lhe mandassem outras noticias se-
mihantes! Entam sim, que enchia a barriga de quindos a todos, e trina-
tava dos Jurisconsultos, e do Critico.

Em terceiro lugar diz, que os canonistas nam devem saber nem Istoria, nem Grego, baltando que entendam Latim. Prova isto com Confucio Filozofa Chinez, cujas obras traduzio em Latim o P. Couplet. *Dig-me agora (continua) se para eu entender as sentensas deste omem, tenho neccesidade de aprender a lingua dos Chinas?* Respondo, que para entender superficialmente, nam tenho tal neccesidade; mas para as saber fundamentalmente, sim. Porque se ea eninar, ou de'ender a dita doutrina, e vier alguem dizendome, que o P. Couplet nam soube o que disse; porque Confucio uzou de diferentes palavras, e em diferente sentido, e me citar Confucio em Chinez; será neccesario que eu saiba a dita lingua. E ja que estamos em una materia, que vos nam sabeis, quero com o vofio mesmo exemplo mostrar-vos que dizeis mal.

Os primeiros que estudaram a doutrina Sinica, disseram que os Chinas eram Ateos, e que o seu Deus era a materia Celeste. (1) E isto mesmo confessaram os PP. Sabbatino, e Ruys Jezuitas em tratados particulares: (2) e o P. Longobardi provou isto contra o famoso P. Ricci. (3) Desorte que o P. Vieira Visitador, movido das gritarias de tantos Missionarios, quiz condenar a opiniam do P. Ricci. O mesmo disseram outros Missionarios Religiozos, e Seculares, e Bispos. Contudo Trigautio, (4) e Semedo emprenderam defender o contrario, com outros, dizendo que nam eram Ateos: e nasceo um cisma terrivel entre os Missionarios por esta cauza.

Finalmente apelaram para Roma, e Clemente XI. em 1704. depois de ouvir as informaçoes exatas de ambas as partes, que sabiam bem a lingua, respondeo, que nam se podeseu servir das palavras *Tien*, e *Xang-Ti*; porque nam explicavam aquilo, que nos entendemos por Deus: e o mesmo determinou na China o Cardial de Tournon. (5) E nacendo depois disto grandes disputas sobre a intelligencia das ditas palavras, sempre Roma confirmou o decreto do Cardial de Tournon. E contudo isto a contenda durou ainda por muitos anos depois, afirmando uns, e negando outros Jezuitas, segundo a intelligencia, que davam ás palavras, e á dedusam que faziam do sistema Filozofico de Confucio. Vede agora, meu Fr. Arsenio, se para determinar as questoes fundamentais em materia de doutrina, é neccesario saber as linguas originais.

Alem disto, se a vofa razam valése, ninguem se deveria valer dos textos originais da sagrada Escritura: e poderia o Teologo seguramente re-

(1) *Veja-se o P. Couplet*, Scientia Sinica. Procerialis declaratio, pag. 40.

42. 44. *Martinius Hist. Sinens. l. I. p. 17.*

S. Franc. Xavier, l. 4. Epist. p. 229.

(2) *Apologia pro Dominicanis*, pag. 98. *Gallice.*

(3) *Minorelli Jezuita.*

(4) *De Christ. Expeñit. l. I. c. 10.* pag. 104.

(5) *Veja-se a Const. Ex illa die de Clem. XI.*

regêtalos. Comtudo vemos que a Igreja os abraça, com eles argumenta, e castigaria a quem os reprováse.

Em quarto lugar dizeis, que dise mal o Critico em afirmar, *que a materia de Sacramentis pertencia ao Direito Canonico*. E porque? porque no Direito so se tratam poucas coizas de Sacramentis, e o mais tratam os Moralistas. Está muito bem respondido. E eu digo, que ese muito que tratam os Moralistas, pela maior parte sam sutilezas ridiculas, que se nam deviam tratar. Esta materia ou trata das questoons dogmaticas; e estas pertencem ao Teologo: ou das questoons de disciplina; e estas pertencem ao Canonista, ou Moralista Especutivo, que sam a mesma coiza, como diz o Critico na sua carta. As questoons Escolasticas superfluas pertencem aos Teologos, que sam em coizas, que nam entendem, como fois vós.

Eis aqui temos toda a critica, que fazeis ao Barbadinho: da qual se segue por legitima consequencia; que em Direito Civil, e Canonico errou o Barbadinho no que dise do metodo de Portugal; que errou o verdadeiro metodo de ensinar o Direito: que dise muita falsidade: que os autores, que aponta, nam valem nada: que o que diz dos defeitos de ambos os Direitos é falso: finalmente que nam acertou com coiza alguma. E verdade isto? saiem naturalmente daquele principio, quero dizer, das vossas Reflexeens estas concluzoens? Direis vós que sim. E o Barbadinho dirá, que apela da vossa sentença para os que sabem que coiza é Direito, e que entendem o que ele diz nas suas cartas: e apela para os grandes Jurisconsultos, que temos em Portugal, dos quais vós podieis ter aprendido a discorrer melhor na materia. E se nem nienos estes lhe quizerem fazer justiça, apelará para França, Alemanha, e Italia, que la lha faram.

Mas no em tanto o dito Barbadinho vos remete à *Bibliotheca Juris Canonici*. tom. 2. fol. Pariz, por Justello, e Moello: e ao *Pandetta Canonum* de Beveregi, Oxonij 2. tom. fol. em que traz os Escolios de Zonara, e Balsamon, &c. e ao *Codex Canonum Ecclesie Primit.* do mesmo: e ali verereis quais sam as fontes do Direito Canonico, e se necessita da Istoria para se entender.

Dizeis mais *que os Juristas da Universidade dizem, que nam querem seguir o metodo do Critico*. Aqui seria licito uzar da vossa mesma resposta, e pedirvos que mostraseis a procurasam autentica. Mas eu nam digo tanto: so digo, que se é verdade que eles dizem, *que nam querem*; que este argumento é de tanta foria, que nam tem resposta.

E aqui tenham entendido todos, que as palavras *nam teve vergonha*, sam palavras abcenas, mal soantes, ofensivas do proximo, indignas de sairem da boca a um Cortezam, e quazi quizi *sapiunt haresim*: porque assim o define S. P. que tem uma fraseologia particular para os Cortezaoens; e porque é um homem Palaciano, mui versado nas urbanidades, e étiquetas

da Cotte, on-le sempre pretendeo fazer a primeira figura de Satrapa; e assim sabe isto fundamentalmente. Mas aqui diz bem um certo proverbio: *Outro officio minhoto, as artes nam sam para vós.*

R E L E X A M XL

Da Teologia.

Finalmente dobramos ja o cabo da Boa esperansa, e entramos em um oceano de cruditiã magrada. Para aqui é que eu guardo as lagrimas, e os votos. E quem poderá, meu Fr. Arsenio, engolfar-lê nesta materia, e acompanharvos pelo alto mar das vossas contemplaõens? Vós com uma nao de primeira linha, bem guarnecida de marinheiros, mui veleira, fazendo cem legoas por sangradura, com uma ciencia mui particular de conduzir as naos a salvamento por entre penhascos, baixos, estreitos, e parecis; foltando cutelos, e varredouras, perdendo de vista com vento arrazada a popa o fatal promontorio, vos engolfais com tanta ouzadia, e soberba, ficamos sumergidos, e confuzos entre as ondas os que navegamos em barcas piquenas, e nam nos atrevemos a afastar das Coitas, e Enseadas, para irmos assim mais seguros. Mas como no mar os mais atrevidos sam os que muitas vezes quebram os rosinhos em algum, calhao desconhecido, temo muito nani vos suceda a vós o meimo, pela confianca, comque navegais. Deos nos leve a salvamento.

Nesta materia, que foi toda a vossa profissã, em que tendes escrito alguns cadernos, sem duvida ouviremos coizas mui reconditas. Sairãna textos da Escritura, Tradisoens, Concilios, &c. e irá tudo razo em materia de dogma. Quem poderá duvidar disto? Mas vamos devagar, que pode ser que duvidem todos.

Reduzindo pois a vossa Critica a capitulos determinados, primeira-mente dizeis, (1) *que o Critico desfaz na Teologia Especulativa, como coiza que nam é de proveito, e começou á pouco tempo.* (2) *Que se ve o erro, em que tropeça o Critico, querendo dizernos, que a Teologia Especulativa é moderna.* (3) *Que a Teologia Especulativa começou no principio da Igreja, assim como a Dogmatica, que é passmo ver a seguransa, com que este Critico assevera, que á pouco tempo começaram a apparecer as que chama sutilezas da Escola.* (4) *Que se os PP. desviãram (como diz o Critico) Aristoteles da Teologia, nam foi da Dogmatica; logo foi da Escolastica. E daqui se infere com evidencia, que ja nese tempo avia Escolastica. Tirelhê la a prova. Sam palavras vossas.*

Daqui pois se infere com evidencia, que vos nam sabeis, que coiza é

(1) *Reflex. Apolog. pag. 48.*

(3) *Ibid. pag. 51.*

(2) *Ibid. pag. 50.*

(4) *Reflex. Apolog. pag. 52.*

za é Teologia Especulativa, nem Dogmatica. Mas aqui me parece estar ouvindo dizer aos vossos discipulos: Pode aver arrojio semelhante, como dizer a um P. Mestre em Teologia, que nam sabe que coiza é Teologia? a um Mestre tam celebre, autor publico, cujo nome voa por toda a Europa no frontispicio de livros *in folio*? Mas nam se entadem Vossas Caridades, que nam lóu eu o que digo; ele mesmo foi o que o publicou nas suas propozicoens; e eu com autoridade de teu Mestre, zelo da Religiam, e confianca de amigo, posso ainda dizerlhe pior. Tenham paciencia, e vana ouvindo.

Todos os Autores modernos, que escreveram com bom metodo, examinam que coiza é Teologia, e suas divizoens: e respondem, que nam á mais que uma Teologia *adquisita*; que é aquella *Ciencia discursiva*, que das verdades reveladas tira as suas conclusoes. Esta chama-se *Positiva*, se explica os fundamentos, em que se estriba a nosa Religiam, que sam a *Escritura*, e *Tradisam*; ou interpretando-os, ou confirmando-os, ou defendendo-os. Chama-se *Escolastica*, se explica estes mesmos fundamentos com o metodo das Escolas, e estylo Dialectico, confirmando illo que diz com as outras Ciencias.

Cada-uma destas Teologias se se-emprega em provar contra os Erejes os nosos dogmas, e responder aos seus argumentos, chama-se *Polemica*. Se explica o modo de reformar os costumes, chama-se *Moral*. Se dirige os nosos afetos para amarmos a Deus, como devemos, chama-se *Mistica*.

E como muitos Erejes, a saber, Luteranos, Calvinistas, Socinianos, &c. escarneceram os Teologos da Escola pelas muitas questoes ridiculas, que excitavam; os nosos Teologos para mostrar, que aqueles defeitos, nam sam proprios da Ciencia, mas dos tais Teologos, perguntam; que differença á entre a *Positiva*, e a *Escolastica*? e respondem todos, que realmente é a mesma facultade, e a differença está no modo de explicar. A *Positiva* serve-se de um estylo mais livre, e oratório, como fizeram os SS. PP. tratando-as materias em livros inteiros, e em diversos lugares. A *Escolastica* serve-se do metodo escolastico sucinto, e com melhor ordem. Onde conclue o Anato com estas palavras. (I) *Scholastica vero sic hodie dicta, quo I in Scholis tractatur, atque discatur, eadem est in re, idemque prestat ac Positiva, diverso tamen modo, h. e. accuratius, subtilius, & ad artis Syllogistica regulas accomodatius: suasque conclusiones interdum, & per accideus, extraneis confirmans, & illustrans argumentis, ut sic facilius iis, qui de foris sunt, Catholicam persuadeat fidem; & omni poscenti de ea: quæ in nobis est, fide rationem reddat.*

Daqui tira o Anato duas conclusoes, que sam correlaõs do que tinha dito, e que prova extensamente, respondendo aos argumentos dos

Ere-

Erejes, e de alguns modernos. A primeira é: *Utramque Theologiam Positivam, & Scholasticam esse unam, & eandem essentialiter, scientiam, solo accidentali quodam procedendi modo diversam.* A segunda é: *Nec sufficere Theologo Positivam sine Scholastica, nec Scholasticam sine Positiva; sed utramque utilem; utramque necessariam; sufficere neutrum.*

O famoso Cardial Gotti Dominicano modernissimo diz o mesmo: (1) *Scholastica Theologia sic dicta, quia in Scholis traditur, & discitur, eadem quidem est ac Positiva, (ut dicitur) sed strictiori modo, & methodo Dialectica regulis accomodatori. . . . Ego autem Theologia Scholastica ex iisdem principiis procedat, ac Positiva; interdum tamen suas conclusiones confirmat extraneis argumentis, utens Scientiis inferioribus in obsequium fidei.* E mais abaixo (2) *Utraque Theologia Positiva, & Scholastica est una, eademque essentialiter, solo accidentali quodam modo procedendi diversa.* E prova isto muito extensamente.

O mesmo diz o Habert, (3) o Tournelly, (4) e o Berti, (5) que ainda vive ao presente, e escreve em Roma, e notai uma explicação importante, que elle acrecenta: *Scholastica nuncupamus Theologiam illam, qua ad Syllogistica artis regulas se se accuratius accomodat, neque apriori (Positiva, diversa est, nisi metodo disputandi. Unde qui servato verborum delectu, & ampliori oratione sua ex Theologicis fontibus deprompserit argumenta, non tam Scholasticam, quam Positivam tenere is videbitur Theologiam.* Onde se ve, que toda a differença é accidental, e mui tenue: porque a Escolastica se pode converter em Positiva, e esta em Escolastica. Da mesma forte que uma carta familiar se pode converter em fillogimos, se a puzermos em forma Escolastica, sem se mudar nada na substancia. Nam cito mais Autores, porque é coiza comua: bastando somente dizer, que nam apontareis um unico autor, que trate a questam, e a nam rezolva deste modo.

Perguntam mais os mesmos Teologos, *que idade tem a Theologia Escolastica?* e respondem que *quoad substantiam* é tam antiga como a *Positiva*, por ser a mesma: *quoad methodum* alguns vestigios vemos nos antigos, que reduziram as materias a tratados, como Origenes, S. Agostinho em certos lugares, S. Joam Damasceno no 8. seculo, e S. Anselmo no fim do 11. Mas que o metodo, com que se trata oje, é moderno de 500. ou 600. annos a esta parte: digo, desde Pedro Lombardo, e alguma coiza despois. Assim respondeo o Tournelly, (6) o Cardial Gotti, (7) o Anato, (8) e todos os outros. E

(1) *Theolog. Scholastico-Dogmat.*
tom. I. q. I. dub. I. §. 10.

(2) *Ibid. dub. 2.*

(3) *Theolog. Dogmat. & Moral.*
tom. I. cap. 2.

(4) *De Deo, & Attribut. q. I. art. 3.*

(5) *De Theologic. Disciplin. Prologom. cap. I. pag. 4.*

(6) *Loco supra citato, pag. 4.*

(7) *Loco supra, pag. 12.*

(8) *Loco supra, art. 3. pag. II.*

E è de notar , que o P. Petavio Jezuita começando a sua incomparavel obra , *Theologicorum Dogmatum* , diz no primeiro paragrafo , que publicava uma Teologia , *Non illam contentiosam quidem , & subtilem , qua aliquot ab hinc orta seculis , jam sola pæne scholas occupavit : à quibus & Scholastica proprium sibi nomen ascevit : verùm elegantiore , & uberiore alteram , qua ad erudita Vetustatis expressu speciem , &c.* Notai bem as palavras deste autor , que é de bom nome.

Isto suposto , dois sentidos tem estas palavras *Teologia Escolastica*. O primeiro é : Teologia metódica acomodada ao estylo da Escola com argumentos , e respostas pelo modo Dialéctico. E neste sentido só se distingue accidentalmente da Positiva : e neste mesmo sentido a louvam todos os autores , que apontamos. Outro sentido é : Teologia fundada nas opiniões de Aristoteles , digo das formas substanciais , e accidentais , introduzindo mil questoes de possível inúteis , e outras coizas semilhantes , nam tratando senam uma , ou outra questam de dogra , e ainda estas mui superficialmente , e empregando todo o tempo em sophismas , e metafizicas. Esta é a comua Escolastica. E neste sentido é totalmente distinta da Positiva ; e todos os melhores Theologos a condenam com o mesmo Cardial Gotti : (1) *Quod si aliqui Scholastici , relicta Scriptura , Conciliis , & PP. autoritate , plus a quo ad rationes naturales confugiunt , non Theologia , sed Theologorum vitium est , qui Metaphysicos potius se ostendant , quam Theologos.* É mais adjãnte. *Dicam absque metu : Hoc non Theologia Scholastica , sed aliquorum Theologorum vitio vertendum esse.*

Destes principios , que sam certos entre os que sabem que coiza é Teologia , segue-se evidentemente , que vós nam sabeis que coiza é Dogmatica , porque a supondes distinta da Escolastica na substancia : como se ve na vosa pag. 50. e 51. em que attribuz à Dogmatica *se unise da Escriitura , Igreja , e Tradisam Apostolica , e defender tudo isto contra os Erejes* : e à Especulativa attribuz *tratar somente com a razam a solida doutrina da Igreja : e tratar com muita curiosidade , e pezo de bom discurso muitas questoes especulativas*. Como se os principios de ambas solem diferentes.

Segue-se em segundo lugar evidentemente , que nam sabeis que coiza é Especulativa ; porque a separais da Dogmatica em quanto aos principios : como se a Dogmatica tratada com o metodo das escolas nam fosse Escolastica , como bem adverte o Berti.

Segue-se em terceiro lugar , que nam entendestes nada do que diz o Critico : Porque e.e expresamente declara , (2) que por *Teologia Escolastica* nam entende no dito lugar , nem o metodo dialéctico , nem as razoens naturais , &c. (que estas com o mais sam a verdadeira Escolastica) mas somente a Teologia fundada sobre as formas substanciais , e accidentais : e

mais

(1) *Loco iupra , dub. 3. §. 2. n. 17.*

(2) *Tm. 2. pag. 160.*

mais abaixo diz, (1) *Lenhi-se* v. 1. p. que por *Escolastica* entendo sempre a *Teologia fundada sobre a Fizica, e Metafizica dos Arabes*; ou da que passa com o nome de *Aristoteles*, que é a *comua Teologia*. Se tivéis entendido estas palavras, veríeis que o Critico só condena a *Escolastica Peripatetica*, ou *comua Escolastica*. Sendo pois certo que esta nam se introduziu na *Teologia*, senam depois que S. Tomaz explicou a *Fizica de Aristoteles*; com razam disse o Critico, que era muito moderna.

E de um homem, que nam sabe que coisa é *Dogmatica*, e nem isenos sabe que a *Escolastica* se toma em dois sentidos; e que nam leo, nem entendo o sentido, em que a toma o Critico, que se pode esperar? Este homem sem duvida criticará com os olhos fechados, e por força dirá muita loucura; e fingirá um inimigo imaginario; e dará murros no ar; com o mesmo effeito vós fazeis.

E assim, ou vós por ignorancia escrevestes estas coizas, e entam mereceis compaixam por falardes em materia, que nam entendeis: ou advertidamente occultastes o sentido, e palavras do Critico, e sois um calumniador, e impostor, que quereis enganar o mundo com estas voías *Reflexoens*.

Do que fica dito bem entendido saie ja naturalmente a respostas a todas as voías propozisoens mais notaveis. Quando os PP. dos primeiros seculos desviaram *Aristoteles* da *Teologia*, foi da *Teologia Dogmatica*: porque ainda entam os dogmas nam estavam reduzidos a *metodo Escolastico*: e muito menos avia a *Teologia Peripatetica*, que comefou no XIII. seculo. Costumavam os primeiros PP. Heleticos servir-se de algumas opinioens dos *Filozofos*, para convencerem os *Etnicos*, que abraçavam as tais doutrinas. Mas vendo que *Aristoteles* ensinava coizas contrarias á nossa *Religiam*, como acima disse; e que os *Arrianos* com a *Dialectica de Aristoteles* inventavam perigozos erros, (2) encomendavam muito, que se deitasse fóra da *Teologia* tal homem. Ouvei por todos a um dos Doutores bem informados nestas materias, e grande *Filozofos*, que foi *Tertuliano*: (3) *Miserum Aristotelem! qui Dialecticam instituit artificem struendi, & destruendi; versipetilem in sententiis; coactam in conjecturis, duram in argumentis; operariam contentionum, molestam etiam sibi ipsi; omnia retractantem, ne quid omnino tractaverit.* O mesmo dizem da *Dialectica dos Erejes Gregorio Niseno*, (4) *Gregorio Nazianzeno*, (5) *Ilario*, (6) *Ambrozio*, (7) e outros.

Daqui

(1) *Ibid.* pag. 162.

hæref. 76. c. 2.

(2) *Cum Dialecticam apprime celeret (Arius) in absurdos sermones delapsus esset.* Sozomenus *Hist.* l. 1. c. 15.

(3) *Lib. de Prescript.* c. 7.

(4) *Lib. 2. adv. Eunom.*

(5) *Orat.* 16.

(6) *Lib. 12. de Trin.*

(7) *Lib. 1. de Fide,* c. 3.

Dialecticis tricis totus deditus (Eunomius) Divini Verbi ratione non omnem quibusdam figuris explicabat. Epiphanius.

Daqui se mostra evidentemente, que são falsas estas vossas proposições: (1) *Que quem nam tem estudado Especulativa, nam sabe dar razão de innumeráveis perguntas, que se lhe podem fazer em materia de Religiam.* Citaes alguns textos, e concluz, que estes só os entendem os Especulativos, e nam os Dogmaticos. E logo acrescentais, (2) *que raro é o erro contra a fé, que nam conheça quem for versado na Especulativa.*

Nestas proposições se ve claramente, que por *Especulativa* entendeis a *Escolastica Peripatetica*, que é o que communmente se entende por esta palavra *Especulativa*, ou *Escolastica*. Ora isto é manifestamente falso: porque os que tem estudado somente aquellas coizas, como nam tem estudado os fundamentos, de que se tiram as doutrinas reveladas, nam sabem que coiza é de fé, nem que coiza contra a fé; como estamos vendo nella vossa critica. E assim só podem saber responder a questões metalizicas, totalmente inuteis, e ás quaes nam querem saber os verdadeiros Theologos. Onde a verdadeira proposição é esta: *Que será bom raro o erro, e tal que nenhum rustico o possa ignorar, o qual conheça quem somente sabe Especulativa.*

Aqui mesmo se acha uma contradisam patente. Dizeis (3) *que os Especulativos sabem dar razão dos textos da Escriitura que citaes.* E logo dizeis (4) *que á Dogmatica pura pertence explicar o sentido em que falam as Escrituras.* Isto, meu Fr. Arsenio, é contradisam.

Daqui tambem se segue que é falsa esta vossa proposição; (5) *Que S. Tomaz mostrou, que o sistema de Aristoteles se ajusta melhor com os dogmas da religiam. E que o santo fundado nestes mesmos principios naturais escreveo contra Gentes.* Aqui temos dois erros grandes. Primeiro: S. Tomaz nem mostrou, nem podia mostrar, que o sistema de Aristoteles se unia com a nossa religiam, pois S. Tomaz nam podia concórdar coizas totalmente opostas. Já acima fica dito qual era o sistema de Aristoteles, e como era contrario a nossa religiam. S. Tomaz explicou as opiniões particulares; e servio-se delas nas ocaziões; mas nunca do sistema. Vós nam sabeis que coiza é *sistema*.

O ser queimado Aristoteles publicamente por ordem de Gregorio IX. e proibido por mais de trezentos anos em Pariz com edomunhoens gravissimas pelas herezias, que produzia; (6) e condenados depois Pomponacio, Cesalpino, Cremonino; e outros por terem abraçado o puro sistema de

- (1) *Reflexi. Apolog. p. 49.*
- (2) *Ibid. pag. 49.*
- (3) *Ibid. p. 50.*
- (4) *Ibid. p. 50.*
- (5) *Ibid. p. 52.*
- (6) *Immo, & alii (hæresibus) nondum inventis præbere poterant, jussi sunt*

omnes (Aristotelis libri) comburi: & sub poena excommunicationis cautum est in eodem Concilio, nequis eos de cetero scribere; & legere præsumeret; vel quocumque modo habere. Rigordus in vita Philippi Augusti apud Launoium da Fortuna Aristotelis. c. I.

Aristoteles : isto que nam vos tinha conta, calastes yds : e só falastes em Santo Tomaz. Mas nam sabieis, que S. Tomaz nam teve por fim unir Aristoteles com a Religiam; mas somente mostrar, que do tal Filozofa se podiam tirar opinioens, de que os Teologos se servisem, sem produzirem as erezias, que todos os dias nasciam da sua Dialectica. Nem S. Tomaz podia ter outro fim, supostas as prohibioens dos Papas, e Concilios dese tempo.

Isto mesmo se confirma com a istoria destes seculos: porque vemos, que os mais doutos Teologos dese tempo, como o Cardial Alliaco Cancellario Pariziense, (1) e seu discipulo o Veneravel Gerlon tambem Cancellario, (2) e outros muitos declamaram sempre contra a introduçam destas Filozofias na Teologia, pelos danos que produziam todos os dias. E que a mesma Faculdade Pariziense acuzando Fr. Joam de Montefono Dominicano a Clemente VII. na sua obediencia ao Pontifice Maximo, poem a culpa destes erros aos que introduziram Aristoteles na Teologia: e especialmente diz que S. Tomaz pecara contra o decreto de Gregorio IX. (o que eu nam creio, pois tenho boa razam para julgar, que teve licensa ou tacia, ou expressa) e que a tal Teologia se devia reformar. (3) E sempre é

ver-

(1) No livro que escreveo contra Pseudo-Postores.

(2) Deinde cur ob aliud appellantur Theologi nostri temporis Sophista, Verbosi, & Phantastici, nisi quia relictis utilibus, & intelligibilibus pro auditorum qualitate, transferunt se ad nudam Logicam, vel Metaphysicam, aut etiam Mathematicam: ubi, & quando non oportet, nunc de intermissione formarum, nunc de divisione continui, nunc detegentes sophismata Theologicis terminis obumbrata: nunc prioritates quasdam in Divinis, mensuras, durationes, instantia, signa natura, & similia in medium adducunt: quae, etsi vera essent, & solida, sicuti non sunt; ad subversionem tamen magis audientium, vel irrisionem, quam ad rectam fidei aedificationem saepe proficiscitur. Gerlon Leã. 8. in Marcum. E o mesmo Autor no Exame doctrinarum preferê S. Boaventura a todos os mais, como menos sujeito aos ditos defeitos.

(3) In omnibus (inquit Facultas) etiam arduissimis Fidei articulis, ipse

(D. Thomas) utitur dictis Aristotelis, & immiscet ejus Philosophiam doctrinae Fidei, sicuti patet cuilibet intuenti. Hoc autem praebet occasionem errandi, cum ipse dicat, quod auctoritates Philosophorum sunt argumenta extranea doctrinae sacrae. E no tim. Nec apparet istud mirabile, si S. Thomaz in hac doctrina erravit: quia, ut dicunt, non loquitur ibi Theologicè, cum nullum Scripturae, aut SS. auctoritatem inducat. Sed solum Philosophicè & secundum rationes naturales. Hoc autem in doctrina Theologica praestat occasionem errandi... Unde dicunt etiam, quod interminis Philosophiae & naturalibus principiis in eodem loco c. 15. erravit manifestè... Dicunt etiam quod in pluribus locis doctrinae sacrae ipse erravit, per hoc, quod principia Philosophiae, seu quaedam Philosophorum verba ad conclusiones Theologiae nimis applicavit. In Corollar. 1. probat. 1. concl. 3. c. 3. apud Launoium de fortuna Arist. c. 1. 2.

verdade, que os milhores Teologos reprovaram esta introduçam: ainda que o abuzo ao despois venceo, e introduzio o que primeiro se condenou. E nenhum Pontifice condenou nunca a Faculdade Parizienſe, ou aos mais Teologos, por terem censurado S. Tomaz, e os mais que o seguiram, nesta materia.

O segundo erro está em dizerdes, que S. Tomaz com os principios de Aristoteles escreveu *contra Gentes*. O Santo escreveu contra eles com os principios da boa razam, e nam com os de Aristoteles, que nam podem servir para convencer Idolatras. Era melhor nam falar no que nam sabeis, nem entendeis, do que escrever tais falsidades.

Daqui tambem se vê a falsidade desta vosa proposiçam: (1) *Que para apura dogmatica é que serve a Istoria Ecclesiastica, e a Civil pouco lhe serve*. Assim fala quem nam sabe que coiza é dogma. O principal ponto da nosa Religiam é a verdade de ambos os Testamentos. Esta nam se prova se nam com a fundada noticia da Istoria Profana. Lede o famozo Huctio na sua *Demonstram Evangelica*; e vereis que se serve de toda a Istoria para iso. O outro ponto principal da Dogmatica Cristan é a Viuda de Cristo. Para mostrar a verificam das Profecias de Daniel é necessario recorrer à istoria antiga profana; e sem iso nam se prova. O Testamento velho pela maior parte é uma istoria. A intelligencia de muitos lugares nam se alcança sem a istoria profana. A istoria Ecclesiastica dos primeiros seculos encadeia de sorte com a istoria dos Imperadores, que Monsieur de Tillet mont escrevendo a istoria dos primeiros seis seculos da Igreja, vio-se obrigado para o dito effeito a escrever a vida dos Imperadores dos ditos seculos. Milhares de definiçoes de Concilios, principalmente Gerais, nam se podem entender sem a istoria dese tempo, nam só Ecclesiastica, mas Civil. Nam quero mais provas, porque estas bastam; e nem menos vós as entendeis.

Tambem daqui se mostra ser falsa a vosa proposiçam; (2) *Quanto à lei, em que o Critico ordena, que na Teologia se nam introduza a razam natural, salvo se for necessaria para explicar os dogmas, nam estamos por ella, por ser feita sem legitima autoridade, e tambem ser contra a mesma razam*. Mas por forsa aveis de estar por ella; porque se legue da definiçam da Teologia: a qual como se funda em principios revelados, nam podemos servir nos da razam, senam para confirmar os dogmas, e tirar conclusões deles.

Isto mesmo ordenaram todos os PP. antigos. S. Agostinho diz; *Nihil salubrius in Ecclesia Catholica fieri, quàm ut rationem precedat autoritas*. (3) *Ut in quibusdam rebus ad doctrinam salutarem pertinentibus fides precedat rationem*. (4) S. Cirilio: *Post fidem cognitio sequitur, non illam antecedit*

I ii

(1) *Reflex. Apol. p. 50.*

25.n. 46.

(2) *Ibid. pag. 52.*(4) *Epist. 222.*(3) *L. de Morib. Eccles. Cath. l. c.*

cedit. (1) S. Joam Demasceno: Porro decet Reginam ancillarum quarundam uti ministerio. Accipiamus igitur doctrinas istas, tanquam veritatis famulas; & impietatem, qua tyrannico dominatu sibi eas usurpaverat, procul amandemus: neque bono-male utamur; nec ad circumveniendos simpliciores convertamur artem illam disputandi. (2) E S. Tomaz de Aquino diz o mesmo: Utitur etiam sacra doctrina ratione humana, non quidem ad probandam fidem, sed ad manifestandum aliqua alia, qua traduntur in hac doctrina. Cum igitur gratia non tollat naturam, sed perficiat, oportet quod naturalis ratio subserviat fidei; sicut & naturalis inclinatio voluntatis obsequitur Caritati. (3)

Os milhores Teologos excitam a questam: *Se a Filozofia é necessaria ao Teologo?* e respondem uniformemente: *Humanum rationem fidei subjici debere, non præponi ei subservire, non dominari.* Assim responde o Tournelly, (4) o Berti, (5) e os mais. E finalmente nam apparecerá um só autor dos que tenham nome, e escrevesem nestes ultimos tempos, em que as Ciencias se restauráram, que excitando a questam, nam responde do mesmo modo; e nam prove largamente, que a razam só tem lugar na Teologia, em quanto serve para aclarar os dogmas, ou provando aqueles, que sam notos *lumine natura*; ou desfazendo os argumentos contra os outros, que só constam pela revelação. Donde se segue, que o Critico dise o que dizem todos os que entendem a materia. Mas isto para vós, torno a dizer, é Grego, e Ebreo.

Aqui mesmo dizeis duas grandes falsidades: Primeira: *Que o Critico diz que o Concilio de Trento acabou no ano 1650.* (6) Segunda: *que encomenda que estindem por Origenes cheio de Erezias.* (7) Leia-se toda a carta do Critico, nam se acharam semelhantes propozisoens. Vós lestes no Critico estas palavras, (8) *desde o fim do XIII. seculo até o Concilio de Trento no meio do XVI.* e logo com a vosa Logica inferistes, que o Critico asentou, que tinha acabado em 1650. Se soubeseis, que o Concilio de Trento foi celebrado bem no meio do XVI. seculo, nam cairieis em tal erro.

Dizeis mais, *que a questam do principio que em termos se tratou no Concilio Florentino.* (9) E eu digo que é mentira: porque dos cinco pontos, que se trataram no tal Concilio, os dois primeiros, que pertenciam à Trindade, foram estes, e nada mais: *Se o Espírito Santo procedia do Pai, e do Filho, como de um principio: = Se se devia conservar a palavra Filioque no Simbolo.* Isto provouse com autoridades de Escrituras, e SS. PP. Gregos, e Latinos; e nam com questoens Metafizicas. Nem os Gregos, e muito menos Marcos Arcebispo de Ezezo, e Bessario Arcebispo de Nicea, eram

(1) L. IV. Comment. in Joan.
 (2) Dialogor. primo.
 (3) I. p. q. 1. a 8. ad 2.
 (4) Loco supra citato, art. 4. conclusif. 2.

(5) Loco supra, cap. 2. propos. 3.
 (6) Reflex. pag. 48.
 (7) Ibid. pag. 53.
 (8) Tom. 2. pag. 162.
 (9) Reflex. pag. 51.

eram omens capazes de se deixarem persuadir com termos Escolasticos; pois eram capazes de negar a luz do meio dia. E o mesmo fizeram os Latinos por boca de Fr. Joam: *Videtur inter nos illud constare debere, sacra Scriptura, testimonia, Sanctorumque Patrum, quos secundo loco Ecclesia Sancta recipit, sententias in his disputationibus afferendas: habendasque esse veluti quosdam terminos nostrae disputationis, quos transgredi non liceat, aut arguementanti, aut respondenti.* (1)

Se nas disputas particulares algum dos Latinos, como Fr. Joam de Montenegro Dominicano, ou Joam Bispo de Fóli, se tervio de alguns termos Escolasticos, isto nam é o mesmo, que ter necessidade o Concilio da tal questam para definir o dogma, ou tratarle em termos a questam no dito Concilio. Leia V. P. o Concilio *in fonte*, e nam nas postilas, como fez quando copiou as suas; e nam nos venha ea vender louhos por dezcoens do Concilio Florentino.

Diz mais V. P. (2) que fez muito mal o Critico em dizer, *que o Belarmino nam dá cabal solusam aos argumentos; e que devia apontar qual era o argumento, que nam solta bem.* O Critico nam escrevia uma dissertaçam, mas uma carta; e nam devia apontar os argumentos, quando só incidentemente tocava o tal ponto. Que pois o Belarmino nam responda bem, e nam explique bem muitos argumentos, isto só nam sabe quem nunca estudou Dogmatica. Vá V. P. a Roma, e fale com o P. Berti, que está actualmente compondo nestas materias, que ele lho dirá muito bem: ou também confronte o Belarmino com os outros Dogmaticos modernos, e entam verá se disse bem o Critico. Mas isto é para quem o entende. O Belarmino traz bem os argumentos; porque os copiou fielmente dos mesmos Erejes: muitas solusões nam explicou bem para o noso tempo; porque seguindo o metodo Escolastico foi demaziadamente breve; e porque os Erejes depois disso tem escarafunchado muitas mais coizas. Isto é o que diz o Critico, e entendem todos os que sabem a materia. E isto nam prejudica nada ao merecimento de Belarmino respectivamente ao seu tempo; pois só neste sentido é que o louvam todos.

Aqui mais se escandaliza V. P. dizendo, *que o Critico mete medo aos Teologos com dizer, que os Judeos tem fortissimos argumentos.* V. P. tem virtude particular para calumniar, e troncar as propozicoens. O Critico só fala dos Teologos *Escolasticos Peripateticos*, (3) v. g. como V. P. que sãa Teologos de agoa doce. E destes diz com razam, que nam sabem responder aos Judcos. E senam sãa a experiẽcia: fale com algum destes Judcos de Olanda, ou de Salé, &c. e verá se nam lhe succede o mesmo, que succede aos Jezuitas de Gibraltar. E quem poderá duvidar do mau successo, vendo que pondo V. P. nas suas postilas (4) um titulo muito formozo de

Existen-

(1) *Seq. XVII.*

(2) *Reflex. pag. 51.*

(3) *Tom. 2. pag. 17.*

(4) *Tom. 1. part. 2. pag. 6.*

Existentia Trinitatis, e querendo provaia contra os Judeos, os fundamentos que dá se reduzem a um paragrafinho de dez regrinhas; e passa logo às Metafizicas. E parecелhe ser este o verdadeiro modo de provar o mysterio da Trindade?

Alem disto, no seguinte tratado, em que promete tratar da *Incarnciam do Verbo*, dizendo mil metafizicas inutilissimas, teve tanto que fazer com elas, que totalmente se esqueceo de tratar a principal, e fundamental questam: *Existit Incarnatio Verbi*. E se V. P. nestes dois tratados, que sam os que nos separam dos Judeos, nam provou o que devia; com que cara nos diz; ou que os Escolasticos provam mui bem os Dogmas, ou que podem confutar os Erejes, e Judeos com esta casta de Teologia? Leiam os que duvidam todas as disputas de V. P. e achará, que em lhe cheirando a dogma, supoein a coiza certa, e definida, e vai-se safando para a Metafizica, para poder dizer coizas muito engenhozas. Desorte que se ouvemos de julgar pelos seus escritos, podem dizer que nam sabe mais Dogmatica, que a que pode ensinar a Cartilha do Mestre Ignacio. E se V. P. sendo um Mestre em Teologia tam celebre, caie nestes erros, e defeitos, que quer que suspeitemos dos outros, que nam chegarãam à sua erudicãam?

E se o Critico em outra parte (1) diz, que os Judeos tem omens doutifimos; e que sem ter grande erudicãam é perigozo falar com eles nestas materias, nam diz mais que aquilo, que experimentam todos os dias os Catholicos, que tratam com eles, ou escreverãam contra elcs. Ora ouzã V. P. o que a mim me succdeo uma vez, quando eu nam lia mais que Escolastica.

Por acazo encontreime em Italia com um Ebreo moço de 22. anos, chamado Abraam de Capua. Vendo-o de tam poucos anos, e de boa percesãam, cuidei de o convencer às duas palhetadas. Mas logo que lhe toquei os pontos da diñculdade acerca da vinda do Messias, achei que o dito moço nam sómente lia, e falava as linguas Ebraicas, Caldeia, e Siriaca com maior facilidade, e intelligencia do que eu a Portugueza; mas que tambem sabia de memoria todo o Testamento velho, as interpretaçoens dos seus Rabinos, e alem disto a Teologia particular deles, a que chamiam comumente *Kabala*; como se le em Pedro Galatino, Arcangelo Burgonovense, Joam Reucolino, Joam Pico de Mirandola, e em outros muitos Autores Catholicos, que escreverãam sobre a mesma materia. Confesolhe a verdade, que me vi bem apertado; porque era incrível a erudicãam, e agudeza, com que o tal Ebreozinho explicava o sentido dos passos, que eu lhe alegava: e muito me custou acabar onradamente a disputa. Dezejára que V. P. se achãse ali presente, para ver que saida dava às ditas diñculdades com as suas Metafizicas, e sutilezas Peripateticas; ou como manejava os textos da Vulgata por meio dos termos Escolasticos. Mas V. P. nunca se vio nestes banquetes.

E

(1) Tom. I. pag. 110.

E nam euide que os Ebreos tó sabem de contratos, como supoem: tem escolas publicas, e Doutores nelas, que sabem muito mais, do que V. P. nam imagina. Leia o Bassage na *Istoria dos Judeos* nos ultimos seculos, e entam sabert, se tem omens grandes, principalmente em Olanda, Alemanha, Polonia, Ungria, e Turquia: e mais o Bassage nam era Judeo.

Finalmente fecha! V. P. esta sua Reflexam com outra calumnia, dizendo, *que o Critico no fim da sua carta se vai desfilizendo pouco a pouco, e ja vai admitindo Escola Media, e Tomistica, &c.* O Critico em nenhuma parte se desfiz; porque em nenhuma parte disse o contrario. O Critico fala das paixoens, que cada um toma pela sua Escola: e diz (1) que cada um pode defender a sua opiniam sem dar em extremos. Que ele nam condona estas Escolas veneraveis. Se a Igreja as permite, que as permite ele tambem. Onde se acha aqui a retrataçam? Por ventura disse em alguma parte, que te nam explicarem estes pontos fundamentais da Escola segundo as diferentes Escolas? Demais, que defende o decreto predeterminante, ou concomitante, ou a Ciencia Media, ou a pura doutrina Agustiniana, tem necessidade por ventura de defender, e inventar mil questoes ridiculas; que se disputam na Escola, e que de nenhum modo dependem desta? Como á de provar V. P. isto? Pois em quanto o nam prova, nam prova nada contra o Critico. E eu posolhe mostrar o Gotti, o Berti, o Boucat, &c. que defendendo as suas Escolas nam introduzem estas ridicularias. Isto é na supozizam de que o Critico as aprováse: mas ele nam diz tanto; diz *as tolera, e permite*, e sabe Deus porque motivos. E isto está muito longe do cazo, que V. P. supoem.

Mas paraque é tanto trabalho, se o Critico se explica aí mesma? Diz ele: *Especialmente digo isto, falando do metodo: pois é certo que á de ser muito preocupado, quem nam conhecer que este metodo Escolastico fundado sobre a Filosofia Aristotelica, nam é proprio para a Teologia.* Aqui tem V. P. que o autor fala dos Escolasticos Peripateticos, e destes, que cegamente abraçam o seu sistema, e condenam tudo o que nam entendem. Este é o argumento daquele paragrafo; e nam o aprovar, ou reprovar as Escolas, as quais nam pertencem nem ao fim da carta, nem do dito paragrafo.

E eis aqui temos a sustancia da critica que fazeis à carta da Teologia. Deixo de parte as outras coizas frivolas, que escrevestes, por nam me demorar tanto, e por nam ser decoro meu imitarvos em censurar palavrinhas. E achais vós que com isto tendes mostrado, ou que o metodo de Portugal é bom, ou que o que aponta o Critico é mau, ou finalmente que o Critico nam sabe Teologia Dogmatica, como dizeis claramente em uma parte? Achais, digo, na vossa consciencia, que tendes provado algum des-

tes

tes tres pontos? Pois se nam avieis de provar nada disto, para que fizeste esta critica? para que vos quizeis envergonhar a vós, e a nós Religiam, que tem tantos omens grandes, e que sabem falar nas materias com profundeza, e penetraram? Esta é a critica de um omem Mestre em Teologia, e autor de tomos *in folio*? Nam era melhor estares calado, do que sair a publico para mostrares claramente, que nam sabieis que coiza é Teologia: e ainda encima insultar o Critico, dizendo *que nam sabe nada*? Confesso-vos que estou envergonhado de ver tantas calumnias, e falsidades, quantas escreveis nesta carta; e pasinam comigo todos os omens prudentes da confiança, com que apparecestes neste teatro literario.

Propoziftoens censuraveis.

Mas aqui diram outra vez os vossos Discipulos: Devagar com isto, que ainda temos um sacco de *propoziftoens ereticas*, ou quazi ereticas, que o Critico introduz em toda a sua obra. Vejamos se o san.

Diz o Critico; (1) *O pecado de noso primeiro Pai nos trouxe por castigo sermos sujeitos ao engano: e por pena do mesmo pecado se nos limitou a esfera da nosa perspicacia: nam conhecemos tambem como ele, e somos mais sujeitos a conhecer mal.* E mais abaixo. *Por isto nós pecamos, e pecando nos desviamos da verdade da lei Divina, que é tam conforme a boa razam; porque nam damos atensam à dita verdade.* Aqui diz S. P. que à falsidade, e *aliquid sapiens heresim.* Mas toda esta caraminhola, que aqui fazeis, ultimamente nam prova nada: porque deixando o sentido obvio, e natural da propozifam, tirais mil consequencias galantes, e com elas fazeis toda abulha. Se vós olhaleis para tudo o que diz o Critico neste paragrafo, verieis que nam avia motivo para a censura.

Primeiramente, que a *ignorancia* seja uma das penas do pecado de Adam, isto ninguem o duvida senam vós. S. Agostiuho a prova exprelamente contra os Pelagianos. *Sunt re vera omni peccanti anima duo ista prænalia, ignorantia, & difficultas.* (2) *In illas igitur ignorantia densissimas tenebras, ubi anima infantis recentis ab utero, utique anima hominis, utique anima rationalis; non solum indocta, verum etiam indocilis jacet; quare, aut quando, aut unde contrusa est?* (3) Que pois a *ignorancia* seja a fonte da maior parte dos nosos erros, tambem nenhum omem de juizo o pode duvidar, se reflectir nas cauzas, porque comumente erramos. *Approbare falsa pro veris, ut erret invitus, non est natura instituti hominis, sed pœna damnati:* (4) diz o mesmo S. Doutor. Pois isto mesmo é o que diz o Critico no tal lugar. Ali nam se disputa, se Adam podia enganarse antes de pecar: bem claro é, que se enganou. Busca-se a raiz dos nosos erros, e

(1) Tom. 1. pag. 253.

(2) Liv. 3. de Liber. arb. c. 18.

(3) L. 1. de peccat. merit. c. 16.

(4) L. 3. de Liber. arbit. c. 18.

enganos, e acha-se na pena de Adam: que é o que basta para verificar a propozizam do Critico.

Vamos á segunda: Que a *concupiscencia* seja outra pena do primeiro peccado, tambem nam duvidará ninguem que sober o que S. Agostinho escreveu nesta materia contra Juliano, (1) e o que dizem as Escrituras, e Concilios. Que pois a concupiscencia nos arraste para outros objetos, e nos impida dar atençam á lei natural, isto confessam todos com S. Paulo: *Videa aliam legem in membris meis repugnantem legi mentis mea; & captivantem in lege peccati, qua est in membris meis.*

Pois isto em sustancia é o que diz o Critico. Nam examina ali o Critico, se um omeni para peccar, deve ter advertencia: ja se sabe que para peccar se requer conhecimento da lei, que o proibe. O que diz é, que arrastado pela fantazia para objetos sensiveis, nam dá a verdade aquela atençam, que era necessaria: porque se a dese, se examináse bem fundamentalmente a conformidade do preceito com a razam, comumente nam peccaria. Pois vemos comumente, que quem considera, e examina bem os preceitos da lei Divina, ou Natural, e os têm sempre diante dos olhos, difficultozamente pecca: (supomos o auxilio da graça com todos os mais requisitos) e por isto a Escritura aconselhava aos Judeos, que trouxessem sempre a lei na frente, &c. o que os Farizeos interpretavam mal, trazendoa escrita em fitas de pergaminho.

Digame agora, meu P. do paladar exquisito, *que erezias lhe nam sabem nesta explicação?* Nam sabe V. P. que para criticar uma propozizam é necessario ter sempre diante dos olhos o contexto do livro, e o fim que teve o autor? Pois se V. P. assim o observáse, logo acharia que nas tais propozicoens do Critico nam havia nada que censurar. Se eu quizesse inferir consequencias das suas propozicoens, mostraria que V. P. nam só e Ereje, mas Ereziarca, pois diz coizas bem más, e perigozas, e diametralmente opostas á doutrina da Igreja: mas como fala por ignorancia, por isto lhe perdo.

A segunda propozizam eretica é esta: *O accidente da cor consyfte na diversa disposizam da superficie de um corpo, que reflete a luz: que é o mesmo que dizer, que nam é uma entidade distinta da sustancia.* (2) Esta propozizam diz S. P. que se nam ajusta bem com a condenaçam da segunda propozitam de Wickless. Isto mesmo repete S. P. na Reflexam X. querendo provar com particular Filosofia, que Wickless admitio dois erros: primeiro, em admitir a sustancia do pam no Sacramento: segundo, em admitir a sustancia, e mais os accidentes no mesmo Sacramento: de que tudo se infere, que nam sam identicas ambas as propozicoens. (3)

Diz mais S. P. que a Graça santificante é inrente á alma do justo, como diz o Tridentino: logo é forma accidental distincta: e diz muito mal

K

(1) Veja-se o L. IV. c. 13. & 28. e o L. VI. c. 14.

(2) Tom. 2. pag. 11.

(3) Reflex. Apol. pag. 33.

o Critico, que os SS. PP. a explicáram diferentemente: (1) porque nam só a graza santificante, mas tambem os abitós sobrenaturais, a graza auxiliante, os atos do entendimento, e da vontade sam coizas distintas da alma, e nam sam sustancia. *Os que vamos direitos com os dogmas da Fe, chamamos-lhes formas accidentais: Logo, &c. sam palavras suas na Reflexam IX. pag. 38.*

Diz mais S. P. (2) *que sendo a alma racional sustancia, e nam materia, poderemos chamar-lhe forma: como lhe chama o Lateranense V. logo temos muitas mil formas sustanciais. Prova o mesmo das almas dos peixes, &c. logo temos almas materiais.*

Esta é toda a critica, que fazeis ao sistema modernó: para responder à qual cabalmente, seria necessário mais tempo, e papel; e seria tambem precizo, que vós tiveseis lido materias, que nam sabeis: e assim responderei por outro estilo mais breve.

Comecemos por Wickleff. Meu Fr. Arsenio; se um omem no meio de Lisboa disese, e defendese, que a ostia consagrada nam era redonda, nem branca, nem gostosa, nem cheiroza, ou pezada: e que o vinho depois de consagrado nam tinha cor, nem gosto, nem cheiro, nem pezo; nem fluidade; estou certo que o nam mandavam para o Santo Officio, mas para o Ospital: e o mesmo succederia a Wickleff se tivese dito o mesmo. E assim querer defender que o Concilio definio o que se esta vendo, é ser louco.

Nenhum Istorico, ou Dogmatico atéqui dise, que Wickleff, negára os accidentes; mas todos dizem que negára a sustancia. Assim o entendéram todos os que o condenáram: e assim se explicou o mesmo Wickleff: *Hostiam consecratam esse corpus Christi tantum in figura, & verum panem in natu a: seu verum panem naturaliter, & corpus Christi figuratiter.* (3) As censuras dos Teologos, que se acham no Concilio, tomam as ditas duas propozisoens no mesmo sentido. E note de caminho, que o Cardinal Alliaico, que foi um dos Padres do Concilio diz: *Quod accidentia panis manent ibi, hoc inferitur ex eo quod supponitur, quod substantia panis transubstantiatur, & accidentia panis sint aliud ab ejus substantia. Istud autem secundum nec est evidens, nec est in Scriptura expressum, nec ab Ecclesia determinatum: sed est unum probabile, tamen receptum ab iis, qui sequuntur Philosophiam communem Peripateticorum. Sed si esset aliquis, qui diceret oppositum hujus, non esset propter hoc tanquam hareticus habendus.* (4) Note bem

(1) Ibid. pag. 33.

(2) Reflex. Apol. pag. 30.

(3) Sam palavras suas na Sess.

(4) In IV. Sentent. a. 6. art. 3.

XV. do Concilio Constant. Veja-se o P.

Labbe Jezuita no tom. XVI. dos Conci-

tios, col. 242.

do Mss. que está na Bibliotheca dos PP.

berm isto, meu Padre das erezias. O mesmo achará no P. Fortunato de Bressia de *Accidentibus*.

Na Bula de Martinho V. contra os erros de Wickleff, Joam Hus, e Jeronimo de Praga, dada no Concilio Constanciense no ano 1414. quando se ordena o modo de conhecer os que são seus sequazes, se poem varios itens; nesta forma: *Item, utrum credat, quod post consecrationem sacerdotis, in Sacramento Altaris, sub velamento panis, & vini, non sit panis materialis, & vinum materiale, sed idem omnino Christus, qui fuit in cruce passus, sedet ad dexteram Patris. Item, utrum credat, & asserat, quod facta consecratione per sacerdotem sub sola specie panis tantum, & prater speciem vini sit vera caro Christi, & sanguinis, & anima, & Deitas, & totus Christus, ac idem corpus absolute, & sub una qualibet illarum specierum singulariter.* Que coiza mais clara para mostrar o que julgou o Concilio, e o Pontifice do erro de Wickleff? que ocaziam mais oportuna para dizer: *Item, utrum credat, quod accidentia sunt in Eucharistia: quod substantia panis, & vini sit distincta ab accidentibus, &c.*

Mas para nam estar perdendo tempo, explicando-vos estas materias, que tendes estudado: direi brevemente, que esta opiniam, que defende o Critico, e o sistema moderno, que impugna os accidentes Peripateticos, são opinioens Catholicas, nam só toleradas pela Igreja, mas defendidas publicamente em Roma. E baste-vos por prova, que o P. Fortunato de Bressia Franciscano, leitor publico de Filozofia moderna na dita Universidade, entre varias obras que publicou de Filozofia moderna, imprimio um tomo, em que prova este sistema dos accidentes, o qual de dedicou a Monsenhor Fonseca Bispo do Porto em 1740. e ninguem atequi lhe chamou nomes, nem foi condenado por esa cauza. E os seus Religiozozos defendem o mesmo em Roma. Agora se vós sois; ou quereis ser mais Catolico que o Papa, isto deixo eu julgar aos pios leitores. Entretanto o Critico pode dizer, que vos nam quer obedecer, porque nem sois Papa, nem sabeis o que dizeis.

Esta mesma solusam, basta para todo o sistema da grãa, que se explica maravilhozamente sem formas distintas, e se defende em Roma publicamente em conclusioens dedicadas ao Papa, e Cardiais, sem que atequi fossem os defendentes castigados por Erejes. E os Espanhoes, que vós dizeis, que tem juizo em seu lugar, já á muito tempo que tem abraçado o mesmo sistema. Baste por prova o P. Tosca Filipino da Congregação de Valença, que nas suas obras de Filozofia defende o sistema Atomistico; (1) e o sistema da grãa, segundo as opinioens de Maignan, e Saguens; e contudo foi muito louvado pelos revizores, e aprovado pelo Santo Officio de Espanha.

Nem é difficultozo responder ao que vós alegais pela vossa parte; pro-

K ii

que

(1) Tom. 2. de *Phys. general.*

que nam mostrarem nenhuma diminuição de Concílio; que diga, *que a Alma racional é forma substancial no sentido Peripatetico*: ou também, *que a graça santificante, e abitos sobrenaturais, &c. são accidentes no mesmo sentido Peripatetico*. Em quanto nam provais isto, falais; e nam provais nada; por que todas as expressões dos Concilios admitem os modernos: mas como sabem que os Concilios nam definiram estas questões especulativas; mas só definiram os dogmas; explicam as palavras segundo o seu sistema: da mesma sorte que os modernos abraçam as palavras, *materia, forma, e uniam*, sem abraçarem as ideias, que os Peripateticos unem as ditas palavras. Isto é em quanto V. P. nam manda vir de Roma alguma definição, que nos proiba explicar as palavras *materia, forma, e accidentes* fora do sentido Peripatetico; porque entam logo nos calaremos.

Sobre o dizer o Critico, *que os SS. PP. explicaram a graça sem recorrer à forma accidental distinta*, isto só o nega quem como V. P. nam sabe nada de historia, nem de dogma. Todos sabem, quam debatida foi a questão da graça contra os Pelagianos, e Semipelagianos, e o quanto S. Agostinho trabalhou, e escreveu nesta materia. Nam mostrará V. P. que S. Agostinho se serviu nunca das formas accidentais Peripateticas para explicar, nem apparecerá texto que diga tal loucura. E como se havia de servir das S. Agostinho, se ele era Platonico Alexandrino, e estes nam admitem tais *formas distintas*? Alem disto, o S. escrevia no IV. e V. seculo: e ellas introduziram-se na Teologia no seculo XIII. E todos os que trataram a mesma materia neste meio tempo, se explicaram sem formas Peripateticas.

O famoso P. Berti Agostiniano, um dos maiores Teologos Romanos, que expoz a doutrina de S. Agostinho largamente, e que por ordem de Benedito XIV. no ano 1747. respondeo a certos Medistas Francezes; especialmente ao Bispo de Rhodes, que em um escrito calumniozo lhe chamou Jansenista, e Bayano; este P. digo, explicando a doutrina de S. Agostinho neste ponto, nega que a graça atual seja qualidade, e diz que consiste somente *na illustração do entendimento, e deleitação da vontade*; (1) os quais atos ele explica pelo modo de Maignan. Nam se a fuste V. P. nemi cuide que é Jansenista; porque a Sé Apostolica tem examinado ja muito bem esse ponto contra os seus acuzadores, e o declarou Catholicissimo. Onde o que disse o Critico, nam é coisa nova, mas velha entre os Teologos de alto bordo, e nam de agoa doce, como V. P.

Quarta propozição eretica; *A natureza humana de Christo unida à Pessoa do Verbo nam é pessoa humana, mas Divina*. (2) Aqui S. P. nam obstante todas as interpretações, que dá a esta propozição, nam acha sentido, que possa ser catolico; e assim decide Conciliarmente, que é *eretica*,

(1) Tom. 3. de Theolog. Discipl. p. m. 145. & seq. (2) Tom. 2. p. 13.

ou blasfêmia. Mas a muita Metanizica lhe cegou os olhos do entendimento para nam ver o sentido obvio da propozisam.

Qualquer que le a tal propozisam conhece muito bem, que o Critico nam ignora, que a natureza criada nam é pessoa Divina, porque sam duas coizas realmente distintas. Onde vem a dizer somente, que a natureza humana unida ao Verbo, perde a sua subsistencia, e subsiste na Pessoa Divina. Humam diz mais o Critico, que o que diz o Simbolo: *Perfectus Deus, perfectus homo, ex anima rationali, & humana carne subsistens. Unus autem non conversione Divinitatis in carnem, sed assumptione humanitatis in Deum.* Quem le esta ultima propozisam, nam julga, que o Simbolo quiz dizer, que a humanidade era realmente Divindade; mas que subsistia na segunda Pessoa, e que se chamava Deus. O mesmo se pode dizer das palavras; *perfectus Deus, perfectus homo... subsistens.* Estamos no caso.

Agora o que eu acho aqui é, que V. P. nam obstante toda a sua Teologia, diz neste lugar coizas intoleraveis. A sua propozisam no segundo paragrafo, p. 14. é esta: *se o Critico confessa, que da natureza humana unida a Pessoa do Verbo resulta perfeito, e verdadeiro homem, mas que este se nam pode dizer pessoa humana, porque para isto é necessario, que tenha subsistencia humana; diz uma grande falsidade; porque para uma pessoa se chamar humana, só se atende a natureza, seja ou nam seja humana a subsistencia: tanto assim, que estas palavras, homem, e pessoa, unida sam synonymis.* Confeto-lhe, que nam sei como os revedores lhe deixaram falar esta propozisam.

Orá deixemé V. B. inferir desta sua doutrina humana conclusam. Logo assim como é verdade dizer com o Simbolo: *Perfectus Deus, perfectus homo... Deus, & homo unus est Christus:* assim tambem será verdade dizer: *Persona Divina, & persona humana unus est Christus:* já que segundo a doutrina de V. P. tanto valé dizer *homem*, como *pessoa humana*. *Tertio la se prova,* sam palavras suas. Mas V. P. tem Teologia para tudo.

Além disso, expliquenos V. P. porque razam a natureza humana de Cristo unida ao Verbo Divino nam é pessoa humana. Nós, os que vamos coerentes com a fé, entendemos que é, porque lhe falta a subsistencia humana; e porque se ser pessoa humana se nam deve tomar somente da natureza como V. P. diz, mas da subsistencia ser tambem humana, como dizem todos os Catholicos. Onde em Cristo nam é o mesmo ser *homem*, que ser *pessoa humana*. V. P. pode ser que tenha outras razões incogitadas aos Teologos Catholicos, e só proprias de Nestorio, ou Eutiches: e que retratate aqui, para poder calumniar o Barbadinho, a quella mesma doutrina, que tinha defendido nas suas celebres postillas, onde diz (I) o contrario.

De mais, expliquenos V. P. que quer dizer: *Perfectus Deus, perfectus homo:* Se quer dizer em ambas as partes *per a natura;* nam se pode entender, como duas naturezas sem subsistencia fassam um só Cristo subsistentes:

sistente: se quer dizer, duas naturezas subsistentes; tambem fica a mesma dificuldade. E bem se vê, que muitas destas palavras nam se devem tomar sempre no sentido rigoroso; mas segundo o contexto, e mente da Igreja. E isto mesmo succede na proposição do Critico. Quando S. Joani diz: *Verbum caro factum est*: ninguem o toma neste sentido; *O Verbo Divino se fez realmente carne*; mas neste; *O Verbo unio a si a carne*: porque este é o sentido obvio. E o mesmo se deve dizer da proposição do Critico. Onde conclue maravilhosamente S. Cirilo: *Neque enim illam Verbi carnem dicitur factam esse Divinitatem, sed potius Divinam; ut illius propriam. Si enim hominis caro humana dicitur; quid prohibet Divinam dicere eam, quae est Verbi Divini?* (1) Declaro, que eu nam entendo muito destas materias Dogmaticas; creio firmemente o que diz a Santa Igreja Catolica, e o Simbolo; e somente proponho a V. P. estas dificuldades, para que me diga, quem foi o que cometeo o erro; se o Critico, ou V. P. que é o capataz dos Teologos?

A quinta proposição eretica no mesmo lugar é esta: *Quando a natureza criada se une a uma pessoa Divina, perde o alto dominio, que tinha nas suas afoens, que se ficam attribuindo a Divina.* Aqui V. P. fez a mercede ao Critico de lhe trincar as ultimas palavras, que se ficam attribuindo a Divina; para poder columniar o pobre Barbadinho. Mas a isto chamam os doutos ser um calumniador, e impostor prejudicial à quietasam da Republica: porque senam tronca-se a proposição, veria que pelas palavras *alto dominio*; quiz dizer o Critico, que perdia a sua subsistencia, e subsistia na pessoa Divina; a qual se ficavam attribuindo as afoens, e nada mais.

Sexta proposição eretica: *Omniem que nam despe primeiro por meio da Etica os vicios do animo, todas as afoens destas omem nam sum officios, mas vicios, e maldades. A Politica sem a Etica é arte de enganar.* &c. (2) Aqui S. P. passando de um argumento para outro, porvia de perguntas, e ilaloens conclue, que o Critico, é Bayano, e que caie na proposição condenada: *Omnia opera infidelium sunt peccata*, &c.

Forte teima de reduzir tudo para as proposições condenadas da Janfenio, e Bayo! Toda a sua doutrina dogmatica se reduz a isto. Meu P. o Critico nam fala ali no sentido Filozofico, ou Teologico; fala no sentido vulgar, e Politico, e diz bem, que a *Jurisprudencia sem a Etica* (que este era o seu argumento) nam pode produzir senam muitos erros. Nam disputa, nem tem por fim examinar se o tal omem tinha liberdade, ou nam; mas mostrar os danos, que resultam ao Jurisconsulto da falta da Etica. E assim é verdadeira a proposição.

Setima proposição eretica: *A Teologia fundada sobre as formas accidentais,*

demais, e substanciais é prejudicial aos dogmas da Religião. (r) Já se sabe, que S. P. foi fora de si todas as vezes, que lhe tocaram nas formas distintas. O seu argumento neste lugar é este: S. Thomaz, e Escoto, que seguiram na sua Teologia as formas, foram louvados pelos Papas: logo é temerario, e alguma coiza mais, dizer, que os Papas louvaram uma Teologia oposta aos dogmas.

Aqui tem V. P. outro silogismo com premisas verdadeiras, e com a mesma forma. Gregorio IX. mandou queimar publicamente todos os livros de Aristoteles no ano 1209. pelas crezias, que produziam, e se julgara podiam produzir para o futuro. O mesmo Papa, e seus successores proibiram por alguns seculos com excomunham a leitura de Aristoteles, e só nos fins XV. e XVI. seculo, por comprazer ao genio depravado de muitos Profesores Parizienses, se foram tolerando, e permitindo alguns livros; de que naceo o abuzo da introduziam ao depois. O Cardinal Alliaco, Cersou Cancelarios de Pariz, Clamengio, e outros Doutores Teologos clamaram sempre contra o abuzo que os Teologos faziam de meter Aristoteles na Teologia. A Faculdade Parizienze acuzando Fr. Joam de Montelono Dominicano ao Papa Clemente VII. na sua obediencia *Pontifici Maximo*, diz que os tais erros naceram de se ter introduzido Aristoteles na Teologia; e afirma que S. Tomaz pecára contra o decreto de Gregorio IX. como acima fica dito; e o Papa nam os castigou. O Concilio Lateranense V. condenou as opinioens de Pedro Pompanico, Cezalpino, Fr. Joam Minorita, e outros, que continham o mesmissimo sistema Aristotelico. Logo é temerario, e alguma coiza mais, dizer que tantos Papas, tantos Concilios, tantos Doutores condenaram uma doutrina necessaria, ou pelo menos util à Igreja; e aprovaram a que era prejudicial aos nosos dogmas.

Se nam basta este silogismo, aqui temos outro com a mesma forma. Os Papas modernos, e principalmente Benedito XIV. reformando os estudos da *Sapiencia Romana*, no ano 1747. introduzio diversos Leitores de Philozofia modernissima, e tirou os da Peripatetica. O mesmo se fez no Collegio Apostolico de *Propaganda fide*, onde se instruem sujeitos de todas as naçoes para irem pregar a verdadeira Fe de Cristo por todo o mundo. O mesmo fazem em Roma os Padres das Escolas Pias, que abriam no presente anno novo Collegio em Roma debaixo dos auspicios do mesmo Papa; cuja oração de *Sapiencia* fez o P. Olivieri Portuguez, que foi de tenra idade para Italia; e la estudou. O mesmo fazem outras Comunidades de Celestinos, Beneditinos, Somascos, de S. Francisco de Paula, e muitos outros. Logo é temerario, e alguma coiza mais, condenar aqui-lo mesmo, que fazem tantas Comunidades de omens doutos; e reformados; e o que louvam, e mandam fazer os mesmos Papas, ainda que seja contrario às formas Aristotelicas. De-lhe V. P. a solutão.

A resposta direita é, a que o C. Inico tinha já insinuado no mesmo lugar; (1) que os Papas nunca approvaram S. Tomaz, e Bécoto, porque defendiam Aristoteles: antes isto era contrario ás prohibições, que tinham feito de se explicar Aristoteles. Approvaram sim o methodo destes Doutores naquello tempo, em que nam avia outro mais util. Oje porem o mundo tem aberto mais os olhos, e por isto as coizas se tem mudado totalmente.

Que a Teologia Peripatetica com as suas formalidades seja prejudicial aos dogmas, prova-se, porque tem aberto a porta a mil futillezas, e fofissimas, e erezias; e porque nem é util (para os defender contra os erejes. Ja no Concilio de Trento reconheceram isto os melimos Padres. O Cardial Sadoletto escrevendo a Paulo III, diz que por meio dos Escolasticos nunca se concluiria nada; antes se aumentariam as erezias. E o Cardial Palavicini Jezuita, escrevendo a istoria do tal Concilio, diz repetidas vezes, (2) que os Padres ordenaram aos Teologos, que tirassem as decizoens da Hieritura, Traditam, Concilios approvados, Constituiçoens Pontificias, e SS. PP. (isto é dogmatica;) e que se abstivessem de disputas, e questioens superfluas, (isto é Escolastica vulgar.) E se a tal Escolastica fosse util, e boa para defender os dogmas, lem duvida se serviriam dela para condenar as erezias.

Neste mesmo tempo, um Escolastico tam grande, como Melchior Cano, se queixava disto: *Intelligo autem fuisse in Schola quosdam Theologos adscriptitios, qui universas quæstiones Theologicas frivolis argumentis absolvent, et vanis, invalidisque rationibus, magnum pondus rebus gravissimis detrahentes, ediderint in Theologiam commentaria vix digna lucubratione anicularum.* (3) E em outra parte: *Egit autem Diabolus, quod sine lacrimis non queo dicere, ut quo tempore adversum ingruentes ex Germania haereses oportebat Schola Theologos optimis esse armis instructos, eo nulla profusus haberent, nisi arundines longas, arma videlicet levi a puerorum. Ita irrisi sunt à plerisque, et merito irrisi, quoniam vera Theologia solidam effigiem nullam tenebant: umbris utebantur, et eas ipsis utinam sequerentur.* (4) Podia tambem citar alguns Jezuitas, como o Maldonado, Vasques, (5) &c. mas nam é necesario tanto para uma coiza tam clara.

Oitava propozisam eretica: *Deus no estado da innocencia ensinou aos omens muitas verdades.* (6) Quem tal dissera, que S. P. podia tirar daqui uma erezia! pois esprimida na impressa de S. P. deita uma erezia bem grande. Mas digame, meu P. das erezias, no estado da innocencia nam tinhamos Adam, e Eva? Estes dois individuos nam sam verdadeiramente dois omens, asim no sentido da Escritura, como no Gramatical; e Filozo-

(1) *Histor. Concil. Trident. 12. c. 1.*

(2) *De locis Theologicis, 1. 9. r. 1.*

(3) *U. 1. 12. c. 10.*

(4) *In 1. p. D. Thoma disp. 3. c. 3.*

(5) *De locis Theologicis, 1. 8.*

(6) *Tom. 2. pag. 136.*

fico? Pois entam, que tem aqui que centurar? Alem diso, ainda dado ca-
zo que asim nam tose, nam podia V. P. advertir, que podia o impresor
ter acrescentado um S. de mais?

Nona propozitam eretica: *Da Tradisam nace a autoridade da Igreja
universal, dos Concilios gerais, e da Igreja Romana.* (6) Aqui soltando S.
P. todo o pano a sua erudisam Dogmatica conclue evidentemente, que o Cri-
tico e Ezeziarca. Dezagrada-lhe muito aquela divizam de *Igreja universal,
Igreja Romana, e Concilios gerais*: e finalmente por *faz*, e por *nefaz* nos
encaixa aqui outra vez Jansenio, e Quessel: que é a quanto chega toda
a sua erudisam Dogmatica.

Primeiramente V. P. nam entendeo o que diz o Critico. Ele nam
disputa, se a autoridade da Igreja se funda somente na Escritura; ou na
Tradisam: que isto seria entrar no dogma: diz que saie da Tradisam; por-
que com efeito com a Tradisam é que se prova, e mais copiozamente:
nam de outra sorte do que o misterio da Trindade, e outros dogmas,
que confuzamente estavam revelados nas Escrituras; e os quais sem a tra-
disam nam entenderiamos. E os dogmas, que asim se provam, costumam-
os dizer que pertencem à Tradisam. Leia V. P. o Duhamel na sua Teo-
logia, e verá que reduz todos os lugares Teologicos intrinsecos a dois,
Escritura, e Tradisam. E isto é comum entre os Teologos.

E senam fasa-nos V. P. o favor de nos explicar o sentido das pala-
vras de Cristo a S. Pedro, que la cita, sem ser por meio da Tradisam.
Apostolico Divina. Fasa-nos tambem a merce de nos dizer, com que fun-
damentos sabemos; que a Escritura, de que uza a Igreja, é Divina, se-
nam por meio da Tradisam. Onde quando V. P. diz: *Dizer, que a au-
toridade da Igreja nace da Tradisam, é erezia; porque nace de Cristo*:
mostra que nam sabe que coiza é Tradisam, e que a tal Tradisam, de que
aqui fala o Critico, é a Tradisam Divina, ou de Cristo; a qual por ou-
tro nome se chama *Apostolico-Divina*, como nos inculca S. Paulo, quando
diz: *Præcipio non ego, sed Dominus*: e nam a pura tradisam Apostolica,
ou Ecclesiastica, que o mesmo Santo nos insinua, quando diz: *Cæteris ego
dico, non Dominus*. Mas em tudo isto caie, quem nunca leo Dogma-
tica.

Tudo o mais, que V. P. aqui acumula, provém de nam saber quais
sam os lugares Teologicos: que se o soubera, nam se escandalizaria de
que o Critico os dividise em dez: *Escritura; Tradisam Divina; Igreja
Universal; Concilios Gerais; Igreja Romana, ou Pontificè; SS. Padres;
Teologos da Escola, em que entram os Canonistas; Razam evidente, Fi-
lozofos, em que entram os Jurisperitos; e Historicos.*

Esta divizam abraçam todos os Teologos, que tratam a materia. O
primeiro de todos foi o famoso Melchior Cano no seu aureo livro de

L

Locis Theologicis: e depois dele todos os que tocaram o ponto, como o Cardinal Gottino primeiro tomo da Teologia, o Tournelli, o Habert, o Berti, e muitos outros, que nam são Jansenistas, mas Teólogos Romanos, e Espanhoes, e muito obedientes a Sé Apostolica. E d'isto ninguém duvida se não V. P. que nunca leo Dogmatica; e nem menos sabe, que elles são os fundamentos da verdadeira Escolastica, que profesa. E aqui nelino conhecerá, que os Jurisconsultos Civis devem saber Filozofia, e Etica; porque por esta razão os Teólogos os introduzem nos Lugares Teologicos. E assim, milhor fora nam ter escrito nesta materia, do que publicar em cada folha que nam sabe os mesmos fundamentos da sua profissam.

Decima proposiçam eretica: *Depois do seculo VI. dilatandose a jurisdicçam dos Pontifices nam só sobre os Seculares, mas tambem sobre os Ecclesiasticos*; devia dizer ás aveias; nam só sobre os Ecclesiasticos, mas tambem sobre os Seculares em algumas coizas, &c. (1) Aqui S. P. com a sua costumada Dogmatica acha um valente erro contra a jurisdicçam do Vigario de Christo. Nam sei como lhe escapou aqui Jansenio!

Ea podia responder a isto evidentemente; porque a materia nam é de Dogma, é de facto historico: mas como V. P. nam sabe nada de Historia, como tem mostrado, perderia eu niso o tempo. Somente digo, que se V. P. confesa, que os Pontifices nos primeiros seculos nam exercitaram tola a sua jurisdicçam; nem ainda oje a exercitam muitas vezes contra os Cristãos, por reconhecerem niso inconvenientes; para que chama nomes ao Critico?

Dilataram os Papas a sua jurisdicçam em todos os povos, que se são sujeitando à Igreja; e no XIV. seculo sobre os Gregos reunidos com os Latinos. Quem pode negar, que esta proposiçam seja verdadeira; assim como o é tambem esta: Dilataram os Portuguezes outra vez a sua jurisdicçam na India depois da aclamassam. Quem pode negar, que em uma, e outro cazo a jurisdicçam se dilatou? Saie logo V. P. dizendo: *Diversa coiza e nam exercitar a jurisdicçam, ou nam a ter.* Com que no vocabulario de V. P. a palavra dilatar significa usurpar aquilo a que nam tenho jus. A prova é tam boa, que nam necessita de mais resposta.

Undecima proposiçam eretica: *A autoridade dos PP. antigos é infalivel.* (2) Esta é uma erezia tam delinmada, que S. P. cheio de zelo verdadeiramente Apostolico, exclama aqui: *Grande erro! Esta prerogativa só pertence à sagrada Escritura, e defrissoens da Igreja.* E aqui nos tapa a boca com uma proposiçam condenada por Alexandre VIII. porque S. P. Leo muito os Prologomenos, que se acham na Teologia moral do P. Lacroix, e aqui fez todo o seu estudo Dogmatico: tudo de la saie.

Mas

(1) Tom. 2. pag. 192.

(2) Tom. 1. pag. 181.

Mas neste caso exclamam todos os Dogmaticos : *Grande ignorancia a de S. P.* ! por nam saber, que um dos lugares Theologicos, que dam argumento infalivel, é o consento de todos, em da maior parte dos PP. em materia Dogmatica. Ousa por todos o Cardinal Gotti, que nam é jansenista : *Dico quarto: Unanimis SS. Patrum consensus in explicatione S. Scriptura, & in re pertinente ad fidem, est signum à posteriori, & infallibile testimonium Divinae revelationis; ideoque certum, & irrefragabile nobis suppediat argumentum. Hanc assertionem omnes Theologi Catholici invicem sustinent contra Protestantes. (1)*

Dirá V. P. pois porque nam dise o Critico, que nam falava de um Padre somente? porque nam sabia, que avia de crever para V. P. que por nam entender a materia, e querer criticar o que nam estudou, tomou o plural pelo singular.

Aqui tambem exclamam ontra vez todos os Dogmaticos : *Grande erro de S. P.* em excluir na sua propozisam da autoridade infalivel a *Transmissão Divina*, e a *Igreja universal dispersa, e congregada*: quando etes daram tam bem argumento infalivel, como dizem todos os Dogmaticos, com os que acima citei. *Veja agora o Senhor Doutor* (jam palavras suas) *quantos erros dise nesta materia.*

E se o Critico responde, *que a doutrina de S. Agostinho em materia de Graça deo sempre regra às definições da Igreja*: e que as palavras, *non respiciens ad ullam Pontificis bullam*, so se applicam ao Critico caluniosamente, que diria S. P.? Pois estude a resposta, e entam conhecedrá a diversa razam.

Duodecima propozisam heretica : *A Cartilha chamada do Mestre Ignacio é coisa indigna.* (2) Esta propozisam é tam fora de toda a razam, que nam achando S. P. condigna censura para ela em todas as Bulas dos Papas, inventa uma nova especie de censura, a que chama *dezaforo*. E porque? *porque á quasi dois séculos aprendendo Portugal por ela os mistérios da fe, conservouse sem heresias*: esqueceolhe acrescentar, e nam por outra razam, senam porque aprendee por ela.

Primeiramente pergunto a V. P. se os Judeos, e alguns Clerigos, que aqui vi queimar em Lisboa; e todos os mais Judeos, e Erejes, que o Santo Officio costuma castigar quasi todos os anos; estudaram pela Cartilha do Mestre Ignacio? Respondarme-á que sim: E eu daqui infiro com evidencia: logo a dita Cartilha nam basta para conservar o reino sem heresias.

Outro argumento : A famosa Congregasam da Doutrina Cristian instituida por Clemente XI. para propagar, e conservar a Doutrina Cristian; mandou, que se servisem da Doutrina do Belarmino; e *Catechismo Romano*, e nam mandou traduzir a doutrina do Mestre Ignacio. A sagrada Con-

gregasam de *Propaganda-Fide* em Roma, procurando um *Catechismo* para os seus alumnos instruirem na fé os povos Orientais e nam mandou trazer o do Mestre Inacio, mas outro logo é *dezaforo* dizer, que o do M. Inacio é melhor, que os outros, ou tam boim: e tambem é *dezaforo* dizer, que o M. Inacio sabia melhor, que estas duas Congregasoes tudo o que convinha para a propagasam da Religiam Catolica em toda a sua pureza. A solutam, que V. P. der a estes argumentos, dará o Critico a sua propozisam.

Mas de caminho advirta V. P. que o Critico somente applicou a palavra *indigna* à Cartilha, pelo que lhe faltava para ser um bom *Catechismo*: como se ve claramente desta sua propozisam pag. 293. *Era melhor, que alguns Religiozos em lugar de comporem tantas novenas, e outras coizas escuras, compuzesem um breve Cathcismo Historico util para a mocidade; porque a chamada Cartilha do Mestre Idacio é coiza indigna.* Mas V. P. com a sua costumada Logica applicou a palavra *indigna* ao que a Cartilha contem, e nam ao que lhe falta. É assim ja que mudou de supozisam, nani conclue o argumento. Se V. P. lete todo o paragrafo, entenderia logo o sentido, em que falava o Critico: mas esta sinceridade de trato nam é para V. P. como bem tem mostrado nestas suas Reflexoes.

Nisto se comprehende toda a Critica de V. P. e o faco de propozisoes ereticas, que tinha achado no Critico. É como se soubese o que dise, ou tivesse dito alguma coiza, conclue mui ufano, *que se o Critico quer compor alguma Cartilha livre destes erros, que aqui vam apontados; que a mostre a quem lha possa emendar.* É isto mesmo applicamos nós oje de todo o corasam a V. P. *que se quer criticar, aprenda primeiro o que aqui lhe insinuamos: e que pesa a alguem, que lhe explique, que coiza sam aquellas materias, de que o Critico fala nas suas Cartas; e especialmente que lhe explique bem, que coiza é Teologia; porque é a faculdade, em que V. P. se acha muito falto de noticias.* É em quanto nam souber isto bem, que se abstenha de falar nas tais materias. É como V. P. nunca estudou mais que quatro postilas lurradas de Escolastica; e nunca vio, nem ouviu o que nas ditas Cartas se contem, com mais razam lhe applicamos o seo versinho: *Nec futor ultra crepidam.*

R E F L E X A M XV.

Intrusam para Confesores, e Mulheres.

VOfa Paternidade, por nam deixar folha de papel, em que nam neta unha, la foi tambem arranhar a ultima carta; a qual, sem reparar no que denovo ali diz o Critico, chama *Epilogo das antecedentes.* Nella porem so acha duas coizas, que morder. Primeiro ordena, que os Con-

fefores nam estudem pela Etica, mas pelos Moralistas. A isto ja está respondido.

Alem disso, esquecido do seu instituto, que nada tanto lhe recommenda, como estar longe de mulheres, dezembainha, qual outro D. Quixote, a espada para as defender; e vaza aqui um sacco de erudifam profana, capaz de atemorizar o mesmo Grcio, em que diz coizas bem galantes. Tem medo, de que appareça alguma Filozofia moderna, que ponha em duvida, se as mulheres sam da mesma especie que os omens, sem lhe lembrar, que nisto caíram os Antigos, e muitos dos Peripaticos, que lhe chamavam animais imperfeitos, e monstros da natureza. Finalmente asentá que o Critico poem obrigaçoens muito peçadas as mulheres; e especialmente lhe dezagrada aquilo de *menuetes*; porque como S.P. sem saber dançar anda tam tezo; e direito, que parece uma trave ambulante; julga, que o mesmo pode suceder as mulheres; e assim determina, que se nam fale mais em *menuetes*, porque nam é amigo disso.

Quando eu estava em Roma; fui um dia ao *Seminario Romano*; e vi que os PP. Jezuitas, que dirigem aquele Collegio, mandavam dançar os rapazes, e assistiam com elles à dança: e perguntandolhes eu a razão, disseram-me que a dança ensinava a endireitar o corpo, e a caminhar com boa graça, e saber entrar em uma conversasam, &c. Este exemplo podia provar alguma coiza. Mas V. P. nam gosta de exemplos de Roma, que logo lhe embrulham o estomago.

Concluindo pois ao nolo intento, digo, que todos os nosos Padres asentaram que atè nesta ultima Reflexam quizestes mostrar a vosa ignorancia, e ouzadia de falar em uma materia que nam entendeis; e tem tocar nos pontos, que deveis tocar, metervos a dizer graças, e ridicularia. Deixai falar nisto aos Seculares, e tratai de vos encomendar a Deus, e estudar o que deveis.

Com que, meu Fr. Arsenio, de todo este discurso conhecereis a vosa insuficiencia, e total ignorancia de todas as materias, que censurais. Conhecereis as infinitas calumnias, que escrevestes contra o Barbadinho, e as muitas injurias, que lhe difestes. Conhecereis a injuria, que fizestes ao Reino, e principalmente à nosa Religiam Serafica, publicando esta satira. Se tendes temor de Deus, caridade do proximo, e vergonha do mundo, deveis retratarvos publicamente, confesando a todo o mundo literario a vosa temeridade, e desculpando-vos de ter feito isto por cabela alheia.

Mas antes que acabe de todo, quero-vos avizar, e nam so a vós, mas tambem a todos os mais do voso jaez, que se persuadem, que a apologia nam é outra coiza mais, que injurias, e invetivas, de que temos o exemplo nestas vossas Reflexoens; que para responder apologeticamente, se requer uma grande ciencia naquele genero, em que se á

de criticar. Requer-se um juizo perfeito, e reflexivo, que comprehenda, e peze hem todas as circumstancias, e motivos, que teve o Autor, contra quem se faz a Apologia. Requer-se saber com toda a perfeição todas as regras da *Arte Critica*; a qual por nosos peccados ainda neste Reino, nam appareceo. Deve alem diso criticar, e notar o que diz o Autor, sem entrar a falar na sua vida, e costumes, nem nos seus defeitos fizicos, e morais pertencentes a vontade. Este é o defeito, em que geralmente caem todos aqueles, que neste Reino escrevem Apologias, parecendo-lhes, que nam podem criticar, sem satirizar o Autor, descobrindo, e censurando nele todos os defeitos, que ou ás tortas, ou ás direitas podem descobrir: no que mostram claramente, que ignoram a verdadeira *Arte de criticar*.

Recebi pois, meu Fr. Arsenio, estes avizos, e conselhos como prova da nosa amizade, e zelo; e reconhecei nisso mesmo a sinceridade, com que vos tratamos. Porque se nam dezéjamos cooperar para a vosa estinacsa, e descanso; nam nos censuramos em vos advertir o que é necessario para evitar disputas perniciosas: e pode ser que com o noso bom modo, e ingenuidade de trato tenhamos ja desviado algum raió, que estava para vos cair em sima. Nós prevemos todas as circumstancias desta vosa Apologia; ou Satira. Suscitastes contra vós, nam um io, mas muitos adversarios, com grande doutrina, com muitos amigos; e com poder bastante para vos fazerem arrependér. Deus queirá que isto pare aqui. Se achardes nesta resposta alguma palavra mais picante, deveis attribuil-o ao furor da disputa, e ao zelo, com que vos falei: e o rudo me perdoará a vosa benevolencia, e amizade. Deus vos guarde, &c.

F I M.